

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

FÁBIO ARAÚJO PEREIRA

O PALAVRÃO NO FILME “TROPA DE ELITE: Missão Dada é Missão Cumprida”

São Luís

2021

FÁBIO ARAÚJO PEREIRA

O PALAVRÃO NO FILME “TROPA DE ELITE: Missão Dada é Missão Cumprida”

Trabalho apresentado ao Programa de Mestrado em Letras da UFMA, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mônica Carneiro.

São Luís

2021

FÁBIO ARAÚJO PEREIRA

O PALAVRÃO NO FILME “TROPA DE ELITE: Missão Dada é Missão Cumprida”

Trabalho apresentado ao Programa de Mestrado em Letras da UFMA, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Mônica Carneiro (**Orientadora**)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

1 Examinador

2 Examinador

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar um estudo teórico-metodológico a respeito da aplicação do palavrão no filme brasileiro “Tropa de Elite - missão dada é missão cumprida”, de 2007. O objetivo geral desta dissertação consistiu em analisar os palavrões presentes no filme à luz da semântica de *frames*, baseando-se na teoria goffniana, de que a palavra não possui significado, e sim função no discurso. Goffman (1974) corrobora que *frames* são eventos que variam a depender do que é incluído na cena. Como objetivos específicos, esta dissertação discute os palavrões do filme, registrando a quantidade, a tipologia e as funções em que são operados no longa-metragem, verificando os diversos sentidos que podem ser atribuídos ao mesmo palavrão. Com os pressupostos teóricos dos autores Dino Preti (1984), Fillmore (1982), Goffman (1959, 1967, 1974, 1978, 1983a, 1983b), Lakoff e Wehling (2012), Morato (2010), dentre outros. Para a concepção do escopo, foram observados e anotados os palavrões nele contidos, dentro do contexto nos quais foram proferidos. Este trabalho conclui que o palavrão presente no filme está condicionado aos aspectos inerentes da situação. As muitas vozes ecoadas no *frame* refletem na decodificação da palavra apresentada. O palavrão no longa-metragem é apreendido de acordo com as forças atuantes no contexto dos personagens. Essas estruturas em confronto formam a interface da situação, que é a definição mais fiel de *frame* de acordo com Erving Goffman.

Palavras-chave: Palavrão; Semântica de *frames*; Tropa de Elite.

ABSTRACT

This paper aims to present a theoretical-methodological study about the application of the swear word in the 2007's Brazilian film "Tropa de Elite - missão dada é missão cumprida". The general objective of this work was to analyze the swear words present in the film supported by frame semantics based on the Goffnian theory, in which the word has no meaning, but function in the discourse. Goffman (1974) agrees that frames are events that vary depending on what is included in the scene. As specific objectives, this thesis discussed the swear words of the film, recording the quantity, typology and functions in which they are operated in the feature film, checking the different meanings that can be attributed to the same swear word. With the theoretical assumptions of authors like Dino Preti (1984), Fillmore (1982), Goffman (1959, 1967, 1974, 1983a, 1983b), Lakoff and Wehling (2012), Morato (2010), among others. For the scope, the swear words were observed and noted, within the context in which they were uttered. This research concluded that the expletive present in the film is conditioned to the inherent aspects of the situation. The many voices echoed in the frame are reflected in how the word is decoded. The curse word in the feature film is apprehended according to the forces acting in the context of the characters. These confronting structures form the interface of the situation, which is the most faithful definition of frame according to Erving Goffman.

Keywords: Expletive; Frame semantics; Elite squad

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do DVD do filme “Tropa de Elite: missão dada é missão cumprida”	59
Figura 2 - Matias, Neto e Fábio discutem - no minuto 00:50:51	77
Figura 3 - Neto e Fábio falam sobre propina, no minuto 00:39:55	77
Figura 4 - Nascimento e Rosani brigam, no minuto 01:28:27	78
Figura 5 - Neto e Matias fazem emboscada, no minuto 00:05:00	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ocorrência de cada palavrão no filme

79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ficha técnica do filme Tropa de Elite	60
Quadro 2 - Excertos coletados	63
Quadro 3 - Referência sexual	68
Quadro 4 - Partes do corpo	69
Quadro 5 - Mulheres e grupos desfavorecidos	71
Quadro 6 - Objetos repugnantes	73
Quadro 7 - Blasfêmia	76
Quadro 8 - Catártico	76
Quadro 9 - Empático	77
Quadro 10 - Agressivo	78
Quadro 11 - Idiomático	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BOPE	Batalhão de Operações Policiais Especiais
IA	Inteligência Artificial
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
ONG	Organização Não Governamental
PM	Polícia Militar
TCC	Trabalhos de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 EM OUTRAS PALAVRAS: O PALAVRÃO	20
2.1 Palavrão: das origens à atualidade	20
2.2 Palavrão e seu conteúdo	25
2.3 Palavrão e seu uso como vetor de emoções	30
3 SEMÂNTICA DE <i>FRAMES</i>	34
3.1 O conteúdo dos <i>frames</i>	35
3.2 O uso dos <i>frames</i>	42
3.3 A Situação: fator elementar do <i>frame</i>	46
4 O PALAVRÃO EM PAUTA: A EXECUÇÃO DA PESQUISA	55
4.1 <i>Frame analysis</i> como recurso metodológico de pesquisa	55
4.1.1 A Coleta e Análise dos Dados	57
4.1.2 <i>Tropa de Elite</i> , o filme	61
4.1.3 Informações Gerais	62
4.1.4 A História	64
4.2 Os Palavrões	65
4.2.1 Os <i>frames</i> de conteúdo dos palavrões	70
4.2.2 Os <i>frames</i> de uso dos palavrões	78
4.3 Reflexões sobre a Análise	81
5 CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS	91

1 INTRODUÇÃO

Há um complexo conjunto de palavrões em uso no português brasileiro, e tais registros são aplicados nas mais diversas situações, e entre interlocutores das mais variadas comunidades de fala. Para o linguista Dino Preti (1984, p. 1), “a obediência [...] à norma linguística de certa forma condiciona os indivíduos a articularem o pensamento de forma mais ou menos idêntica na comunidade de fala”. No aspecto linguístico, palavrão, xingamento, blasfêmia, palavra obscena, linguagem vulgar, vocabulário grosseiro e outros epítetos servem para denominar fenômenos do léxico de uma língua que levam os falantes a expressarem-se em determinadas situações.

Partindo desse princípio, a linguagem funciona como mecanismo de integração e adaptação. Há também o fator de controle social, onde certo vocabulário é considerado de prestígio, enquanto outros são marginalizados e relegados às camadas mais pobres da sociedade. Tem-se, muitas vezes, a ideia de que há um léxico pertencente a uma população que não teve acesso a uma boa educação, e que, portanto, se utilizam de alguns vocábulos típicos desta categoria de comunidade de fala. A esse respeito, Preti (1984, p. 28) corrobora que:

[...] A ligação que sempre se fez entre as classes baixas e a linguagem baixa começa hoje a sofrer restrições, pois em certos grupos cultos da sociedade moderna esse tipo de linguagem chega a ter prestígio, revelando atitude informal, até certo ponto desejada em determinadas situações.

Todo falante tem a liberdade de escolher os registros linguísticos do qual irá se utilizar, de acordo com o que cada situação exige. Alguns irão lançar mão de palavras de forte impacto quando estão chateados, tristes, insatisfeitos ou em momentos de catarse. Muitas vezes o palavrão é usado nessas circunstâncias, e com variadas funções. Palavrões estão vinculados ao tabuísmo. Este, por sua vez, se relaciona à linguística no que tange o proibido, o vulgar e o que muitas vezes é visto como a antítese da religião. Para Wardhaugh (2010), o tabu é a proibição de evitar em qualquer sociedade um comportamento que se acredite ser prejudicial aos seus membros, pois isso lhes causaria ansiedade ou vergonha.

Palavrões podem permanecer os mesmos durante décadas, mas seu peso pode variar de acordo com o que se costuma censurar em cada época. Para Mansur Guérios (1956, p. 12), o tabu linguístico pode ser próprio ou impróprio:

Propriamente, o tabu linguístico é a proibição de dizer certo nome ou certa palavra, as quais se atribui poder sobrenatural e cuja a infração pode trazer infelicidade ou desgraça. Impropriamente o tabu linguístico é a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira.

Diferenciar o que são palavras tabu das que são aceitas pela sociedade, requer do pesquisador um estudo que vai desde identificar os valores éticos da comunidade de fala até analisar os aspectos históricos e sociais que recaem sobre seu léxico em uso. Percebe-se que palavrões têm alcançado comunidades de fala que antes o tinha como linguagem proibida, como as mulheres e a classe média. Pinker (2012) chama atenção para a gradativa mudança no comportamento linguístico dessas pessoas a respeito do uso de xingamentos.

Pesquisas nas áreas de linguística e psicologia têm encontrado registros de palavrões em todas as culturas e idiomas estudados. Para Pinker (2012), indivíduos bilíngues tendem a considerar os palavrões de sua língua não nativa menos chocantes do que as de seu idioma materno. Isso porque o impacto que essas palavras trazem ao falante é apreendido ainda na infância. Um conjunto de variáveis é responsável por essa percepção.

Com o advento da internet, as comunidades de fala estão cada vez mais propensas a um intercâmbio de palavrões. As palavras típicas de um grupo social não ficam mais restritas somente a determinado ambiente. O crescimento das redes sociais permite que cada vez mais a linguagem se torne algo ditado pela situação, e menos pela localização geográfica. “É a situação (condições extraverbais que cercam o ato de fala) que nos permitirá caracterizar o que normalmente chamamos de palavrão”. (PRETI, 1984, p. 41). Se é a situação que indica as funções dos palavrões, isso explica o fato de que tal conjunto de palavras permaneça por tanto tempo em uma comunidade de fala, pois durante o discurso, o significado da palavra é menos importante do que a ocorrência a ser comunicada ao interlocutor.

O conteúdo dos palavrões do português brasileiro geralmente tem a ver com sexo, excreção, religião, morte, doenças e grupos desfavorecidos. Outras classificações também são feitas. De acordo com o linguista Timothy Jay (2009), elas também incluem referências sexuais, blasfêmia, objetos repugnantes ou escatológicos, nomes de animais, referências étnicas, defeitos físicos ou mentais, alusão aos ancestrais, vulgaridade e ofensividade.

Já para o linguista Guiraud (1976, p. 9):

A linguagem obscena pode definir-se pelo seu conteúdo, isto é, as coisas a que se refere, tais como a sexualidade, a defecção, a digestão; e pelo seu uso, isto é, as classes sociais - mais ou menos populares, vulgares, baixas que a empregam comumente. Estas duas noções, palavras grosseiras, e palavra baixa não se confundem.

O estudo dos palavrões pertence ao campo da sociolinguística, linguística cognitiva, psicologia etc., pois seu uso é voltado para as comunidades de prática. Para Mansur Guérios (1979, p. 5), “a linguagem obscena pertence ao campo dos tabus [...] e são claras as suas ligações com os estudos sociolinguísticos e consequentemente cognitivos”. O peso do palavrão se dá pelo fato de que tais registros são enunciados em situações extremas, mas também em uma simples conversa ou até mesmo de forma carinhosa.

Conforme Preti (1984), existe uma forte tendência de que os palavrões estejam num processo irreversível de desmistificação. As classes mais baixas do corpo social estavam intimamente ligadas ao emprego de tais vocábulos. Sobre isso, o linguista Robert Pinker (2012, p. 400) pondera:

Não é preciso nem dizer que nem todo mundo reserva os tabuísmos para os efeitos retóricos especiais. As expressões “falar como um marinheiro” ou “ter a boca mais suja que um estivador” [...] indicam o fato de que os palavrões são a linguagem escolhida em muitos círculos dominados por homens da classe trabalhadora. Um dos motivos é que o palavrão, que obriga o ouvinte a pensar em coisas desagradáveis, é levemente agressivo, portanto combina com outros apetrechos que os homens exibem em ambientes turbulentos pra mostrar que são capazes de infligir e de suportar a dor.

Xingamentos vindos de classes consideradas “baixas”, evidenciam que seu uso pode estar ligado a uma insatisfação social, e possível revolta contra o sistema. Preti (1984, p. 39) considera que “esse tipo de vocabulário se constitui num vetor de inconformismo da sociedade, servindo-lhe de compensação para as insatisfações, atuando como válvula de escape para sua revolta”. Por estar atrelada à agressividade, o palavrão pode se apresentar em qualquer situação e contexto social. O caráter “baixo” vem se dissipando com os anos e com as transformações sociais. O conteúdo do palavrão, bem como o seu uso, vêm adquirindo importância para os estudos linguísticos. Sobre isso, Emile Benveniste (1974, p. 56) lembra que:

A blasfêmia é realmente uma palavra que a gente deixa escapar sob a pressão de um sentimento brusco e violento, impaciência, furor, desgraça. Mas essa palavra não é comunicativa, é somente expressiva, apesar de ter um sentido. A fórmula pronunciada em blasfêmia não se refere a nenhuma

situação objetiva em particular; a mesma blasfêmia é dita em circunstâncias totalmente diferentes. Ela não exprime a não ser a intensidade de uma reação a essas circunstâncias.

Embora ao proferir um palavrão o interlocutor não queira exprimir o conteúdo da palavra em si, mas sim a situação na qual o ato de fala ocorre, interessa à linguística o estudo de seu conteúdo e de seu uso dentro do contexto. Pinker (2012, p. 377) afirma que “as palavras não têm só denotação, mas também conotação; uma coloração [...] distinta do que a palavra se refere literalmente”. Para o linguista e entusiasta pelo estudo do palavrão Timothy Jay (2009), aspectos psicológicos mais diretamente associados com o xingamento estão associados a traços de raiva, religiosidade, ansiedade sexual e agressividade verbal.

Pinker (2012) também classifica o conteúdo do palavrão como pensamentos sobre deuses, doenças, nojeira e sexo. Para o autor, ao se ouvir um discurso, o pensamento instantaneamente associa a palavra ao seu conteúdo, e a função do locutor - ao proferir um xingamento -, é a de obrigar o interlocutor a pensar em coisas desagradáveis.

[...] A compreensão do significado de uma palavra é automática. Além de não termos tampa nos ouvidos para isolar sons indesejados, uma vez que uma palavra é vista ou ouvida somos incapazes de tratá-la como um rabisco ou um barulho qualquer, mas a procuramos por reflexo na memória e reagimos a seu significado, incluindo sua conotação (PINKER, 2012, p. 378).

O português brasileiro é abarrotado dessas palavras, e pelo fato de o Brasil ser um país em sua maioria católico, os palavrões relacionados à religião e ao sagrado aparecem nos diálogos com certa frequência, principalmente em situações extremas. Pinker (2012) ratifica que um pensamento, especialmente desagradável, ao ser imposto, é a possibilidade de passar a eternidade no inferno, então cabe às expressões “Vá para o inferno” ou “Vá se danar” forçar o interlocutor a ter tal raciocínio.

A categoria sexual dos palavrões também colabora para que estes sejam considerados registros tabu. Para Jay (2009), as referências sexuais dos palavrões perpassam expressões que indicam ato sexual (ex.: foder) e órgãos sexuais (ex.: boceta, caralho e cuzão). Para Pinker (2012), essas expressões de cunho sexual

incluem também registros: descritivos (ex.: vamos foder), idiomático (ex.: Está fodido), agressivo (ex.: Vá se foder), empático (ex.: Você é foda!) e catártico (Porra!).

Outra categorização comum ao palavrão são as termos que remetem à nojeira e fluidos corporais, onde Jay (2009) traz epítetos como: merda, porra, bosta e mijar. Esse último usado metaforicamente para designar que o interlocutor irá agredir alguém verbalmente. Pinker (2012) esclarece que essa categoria de palavrões existe pelo fato de que em muitas culturas se acredita que é possível prejudicar uma pessoa enfeitando fezes, saliva, sangue, e que a pessoa pode ser protegida do perigo se essas substâncias forem descartadas num lugar visível a todos. As categorias estabelecidas por Jay (2009) e Pinker (2012) seguem com referência semântica a grupos étnicos (ex.: nego, neguinho, bicha e sapatão), nomes de animal (ex.: burro e jumento) e ancestralidade (ex.: filho(a) da puta, puta que o pariu).

Investidas com o propósito de catalogar os palavrões fazem parte de diversas pesquisas da área da linguística. Swan (2005, p. 567, tradução nossa) apresenta uma interessante lista de alguns dos contextos mais comuns de ocorrência de palavrões classificados de acordo com o significado:

Exclamação de Aborrecimento; Exclamação de surpresa; Pergunta surpresa; Insulto (substantivo); Insulto (verbo imperativo + objeto); Pedido ofensivo para ir embora; Expressão de despreocupação (= “Eu não me importo”); Recusa / rejeição / desafio violentos; Adjetivo / advérbio intensificador (usado para enfatizar uma emoção); Diversos¹.

Uma atenção especial também deve ser dada ao fato de que em certos casos o palavrão pode sofrer alterações gramaticais e, portanto, sofrerem mudança semântica. Swan (2005) aponta que o palavrão pode ser usado em diferentes contextos, e ter múltiplas funções no discurso. A função (ou funções) do palavrão é de também expressar simpatia, surpresa, desapontamento, descrença, medo, irritação, interpretação metafórica, reações a incidentes, enfatizar, intensificar, chamar nomes, uso de epítetos anaforicamente, xingar, blasfemar, e em determinadas situações de uso essas mesmas palavras podem ser usadas até mesmo em tom amigável, sem conotação ofensiva.

¹ “Exclamation of Annoyance; Exclamation of surprise; Surprise question; Insult (noun); Insult (imperative verb + object); Offensive request to leave; Expression of carelessness (= “I don’t care”); Violent refusal / rejection / challenge; Adjective / intensifier adverb (used to emphasize an emotion); Several”.

Por fazerem parte da linguagem cotidiana, os palavrões possuem rica frequência na linguagem cinematográfica. O estudo dos palavrões também pode ser feito por meio de obras cinematográficas, de maneira que o presente estudo foca na descrição e análise do português brasileiro, concentrando-se no cinema nacional, usando como representante para essa análise o filme nacional “Tropa de Elite - missão dada é missão cumprida”, de 2007. Pelo excesso de realismo, relevância internacional e vasto uso de palavrões, este trabalho se preocupa em investigar os tipos de uso dos palavrões presentes na película dentro do contexto em que são operados.

A análise teve como aporte teórico a semântica de *frames*, em que esta se preocupa em definir os enquadres das palavras sob uma ótica constituída a um nível cognitivo, interacional e situacional. Para Fillmore (1982), as palavras são responsáveis por suscitar esquematizações e componentes do “mundo” de um texto ou da própria interação entre sujeitos-falantes. As estruturas desencadeadas pelas palavras formam o *frame* e conceitualizam os eventos entre os interactantes.

Os *frames* são imagens mentais evocadas pelas palavras. Os termos têm o papel de ferramentas, as quais o falante utiliza para a construção ou compartilhamento de sua realidade inerente, em que “isso é realizado tendo em mente uma estrutura abstrata de expectativas que traz consigo papéis, propósitos, sequências naturais ou convencionais de tipos de eventos e todo o resto do aparato que desejamos associar à noção de *frame*”. (FILLMORE, 1982, p. 117, grifo nosso, tradução nossa)². Ou seja, a interpretação do *frame* exige uma série de expectativas que precisam ser satisfeitas para uma correta interpretação da situação.

A aparente concretude dos termos é colocada em discussão pelos teóricos da semântica de *frames*, uma vez que as palavras apresentam graus de significado ditados pelos indivíduos e pela própria situação. Essas nuances são captadas pelo cérebro, embora exista, em muitos casos, a possibilidade de más interpretações. Um mesmo *frame* pode ser evocado por palavras distintas, ou uma palavra pode ser capaz de fazer referência a *frames* diversos, em que palavras podem ser emprestadas de um contexto para um outro metaforicamente, para a melhor ilustração de uma ideia, pois são inúmeros os exemplos de como o conteúdo

² “This is accomplished by having in mind an abstract structure of expectations which brings with it roles, purposes, natural or conventionalized sequences of event types, and all the rest of the apparatus that we wish to associate with the notion of frame”.

dos vocábulos é moldável ao uso, e apresenta vulnerabilidade nas situações. Neste sentido, a tarefa de interpretar um texto ou uma fala é mais do que decodificar os termos isoladamente, pois necessita-se conhecer toda a conjuntura que permeia o ato locucionário.

Frames são construídos socialmente à medida que sua definição é formada por integrantes de uma determinada comunidade. Portanto, a memória semântica dos sujeitos-falantes atua diretamente na construção dos sentidos. Essa memória é vinculada às experiências pessoais dos sujeitos, ocasionando os “modelos de situação”, termo criado por Van Dijk na década de 1970, para ilustrar as escolhas lexicais dos indivíduos para exibir o conhecimento que possuem do mundo. Logo, os modelos de situação ativam memórias que estão integradas a um mesmo conjunto de termos. Ao acionar o *frame* “restaurante”, por exemplo, toda uma cadeia de rituais e procedimentos relativos a este domínio vem à tona; assim, mesmo que se use outros termos, como *self-service* ou rodízio, a referência não deixará de ser compreendida³.

Frames podem ser definidos como a concepção da realidade construída por meio de pequenos blocos de sentido, que juntos organizam as percepções humanas. Esses blocos se relacionam entre si e são a todo momento reconstruídos e redimensionados pelos próprios usuários. No entanto, especificar *frame* não é fácil, pois não há consenso entre os autores. Sendo assim, para esta pesquisa optou-se pelas definições de *frame* do autor Erving Goffman, suas teorias apontam que *frames* são estruturas definidas e moldadas pela situação de interação. O comportamento social exposto nessas situações é guiado por gestos, rituais, tons de voz etc. Todas estas forças em tensão são fruto da cultura de uma comunidade e convenções sociais, constituindo o *frame*.

Para Goffman (1959, 1967, 1974, 1983a, 1983b), *frames* são o resultado de vulnerabilidades e transformações resultantes do próprio ato de interação dentro da situação de fala entre os sujeitos, em que os falantes capturam e esperam que essas transformações ocorram. Este é um dos pilares da teoria de Goffman a respeito da semântica de *frames*. Comunidades de fala possuem suas normas, hábitos, e linguagens que traduzem seus valores intrínsecos. Tais valores permanecem por um longo tempo, mas podem ser mudados. Também podem existir diferentes “mundos” em uma mesma esfera social, causando frequentes choques de

³ Ideia reforçada por Morato (2010).

realidade entre seus participantes. Estes devem estar cognitivamente prontos para “lerem” as situações, de modo a conceituarem os *frames* de maneira satisfatória.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar os palavrões do filme “Tropa de Elite - missão dada é missão cumprida”, de 2007, com base na semântica de *frames* goffniana, que afirma que os frames emergem das situações em que os falantes estão alocados, de modo que foram observados e anotados todos os palavrões presentes na obra dentro do contexto em que foram emitidos, para em seguida classificá-los dentro dos *frames* de conteúdo e de uso. Também foi enumerado cada palavrão, de modo que foi possível apontar padrões de uso na película examinada. A obra “Frame Analysis”, de Erving Goffman, serviu como metodologia para este trabalho. Buscou-se observar as vulnerabilidades e transformações sofridas pelos palavrões do filme dentro do contexto explicadas à luz da semântica de *frames* goffniana.

O filme em análise é de nacionalidade brasileira, categoria ação, e foi escolhido para esta pesquisa pelo seu alto nível de realismo e magnífica retratação da realidade de policiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) do Rio de Janeiro, em enfrentamento ao tráfico de drogas nas favelas cariocas. O filme possui um importante reconhecimento dentro e fora do Brasil, razão pela qual se tornou foco do presente estudo. As performances e falas do personagem “capitão Nascimento” ganharam notoriedade Brasil afora, e seus atos, vistos como práticas heroicas, mesmo que para muitos críticos sejam abusos fundamentalmente. Essas questões geraram debates a respeito da violência e matança desnecessárias sempre presentes no longa.

A linguagem cinematográfica é falada, e embora os atores reproduzam diálogos escritos por um autor, houve um importante uso de improviso em cima do texto original, e, portanto, neste trabalho a linguagem fílmica é considerada como transcrição de linguagem falada. O material de composição do *corpus* foi constituído do filme “Tropa de Elite - missão dada é missão cumprida”, de 2007, devido ao seu significativo sucesso no mercado internacional, e por conter personagens com características bem definidas através de dialetos, jargões, gírias e, principalmente, palavrões do seu grupo específico, buscando, com isso, demarcar as nuances dos xingamentos no desenrolar dos discursos. Falas e transcrições foram, então, transportadas para uma ficha lexicográfica utilizada como mecanismo de análise de

dados, para que se verificasse a frequência dos palavrões dentro do contexto de uso pelos personagens.

O estabelecimento de *corpus* foi escolhido como ferramenta da pesquisa, pois acredita-se que o mesmo oferece um resultado mais minucioso, ao mesmo tempo que identifica as situações mais corriqueiras, além das características e de estatísticas mais precisas e autênticas. Este trabalho tem a elaboração de um *corpus* sincrônico com nível de alinhamento por falas transcritas, formando um *corpus* escrito (transcrição das falas originais da película analisada neste trabalho).

Este trabalho foi elaborado em quatro capítulos, seguidos das considerações finais. O primeiro capítulo - Em outras palavras: o palavrão - é composto por três seções; a primeira - Palavrão; das origens à atualidade - apresenta reflexões de como o uso de palavrões evoluiu no contexto histórico do Brasil do mundo, e de como seu uso vem sendo observado na mídia como um todo; - a seguinte - Palavrão e seu conteúdo - apresenta teorias que explicam como surgiu a associação de palavrões a vários tipos de conteúdo e qual o grau de ofensividade e impropriedade de certos termos dentro das circunstâncias de fala; por último - O palavrão e seu uso como vetor de emoções - aborda os usos do palavrão, categorizados em faixas semânticas e pragmáticas, ancorados nas pesquisas dos teóricos Guiraud (1976), Jay (2009) e Pinker (2012).

O segundo capítulo, "Semântica de frames", foi produzido em três partes: "O conteúdo dos frames - aborda as teorias desenvolvidas por Fillmore, consideradas fundamentais para o estudo da natureza dos termos; a seção "O uso dos frames" - salienta a relação das palavras dentro da interação e modos de uso; "A situação: fator elementar do frame" - trata sobre a questão do discurso se realizar por meio da situação dos atos locucionários, evidenciando a importância da sintonia entre os sujeitos-falantes, bem como trazendo noções de vulnerabilidades e transformações como constituintes fundamentais para a constituição do frame. O terceiro capítulo, "Palavrão em pauta: a execução da pesquisa", debruça-se sobre a análise do material foco da pesquisa. O capítulo inicia-se com os procedimentos metodológicos, constituição do material e organização da análise. Depois, no quarto capítulo apresenta-se a análise dos trechos selecionados, finalizando com a discussão dos resultados obtidos. Nas considerações finais, foram apresentadas reflexões a respeito desta dissertação, cotejando os resultados encontrados.

2 EM OUTRAS PALAVRAS: O PALAVRÃO

Este capítulo está subdividido em 3 partes. A primeira, “Palavrão: das origens à atualidade”, formula considerações sobre o papel do palavrão, quando utilizado pelos indivíduos nas comunidades de fala, e as implicações relacionadas ao seu emprego em diferentes períodos históricos. Em seguida, na subseção “O palavrão e seu conteúdo”, é dada ênfase ao papel enciclopédico do palavrão, onde são analisados a matéria e o conceito dos termos. O capítulo finaliza com a seção “O palavrão e seu uso como vetor de emoções”, que enfoca o contexto de usos do palavrão, destacando suas funções no discurso e a importância da atitude do falante em relação a esse tipo de vocábulo.

2.1 Palavrão: das origens à atualidade

O uso do palavrão é comumente associado às camadas menos letradas da esfera social e aos marginalizados, por isso, sua imagem é quase sempre estigmatizada nas comunidades de fala. Muito embora sua presença seja cada vez mais robusta no cinema, música, internet e na TV, o palavrão constitui-se como um contraponto às palavras que são consideradas admissíveis no dia a dia, mas essa única aplicação para os palavrões tem ficado cada vez menos habitual, e o palavrão vem ganhando novos contornos, fugindo ao lugar comum de que servem apenas para agredir o interlocutor, ou em momentos de catarse. A cerne conservadora do Brasil, fruto de origens rurais e particularmente religiosas, sempre ressaltou o puritanismo na linguagem, razão pela qual os palavrões quase sempre são associados a uma linguagem “baixa” e delinquente.

A libertação sexual dos anos 70 refletiu de forma contundente na linguagem, dissipando preconceitos e trazendo, também, para as classes altas, termos que antes eram tidos como pertencentes a grupos inferiores. Preti (1984) salienta que, nesta década, o amplo uso de palavras eróticas, em todos os meios de comunicação no Brasil, foram resultado de um afrouxamento dos tabus morais, insatisfação com a economia e diminuição gradativa do ensino religioso, em decorrência da precariedade com que os governos lidavam com a educação escolar. Consequentemente, essa flexibilização com a linguagem se mostrou mais acentuada, inicialmente, nas grandes cidades, que oferecem um terreno mais rico

para ideias progressistas, e, gradativamente, com o trânsito de pessoas cada vez mais elevado dos pequenos para os grandes centros. Observa-se, a partir daí, a presença mais marcante de palavrões, nas diversas porções da sociedade.

O sistema sociocultural leva em conta o contexto em que a pessoa se desenvolve e os fatores sociais que afetam o xingamento em público. Os fatores culturais incluem religião, tabus, identificação de gênero, censura e poder social. O nível social pressupõe níveis psicológicos e neurológicos; ou seja, o cérebro de uma pessoa se desenvolve em um contexto cultural que define e proíbe atos de maldição (JAY, 1999, p. 21, tradução nossa)⁴.

Os valores de uma dada comunidade de fala são responsáveis pela forma como seus participantes encaram os vocábulos. Falantes criados em ambientes onde os palavrões são censurados e proibidos, têm seus cérebros moldados a utilizá-los com menos frequência (JAY, 1999). Mas, palavras que agridem, em uma determinada época, podem não imprimir o mesmo efeito nos falantes e interlocutores de outros tempos.

O ponto de vista dos sujeitos a respeito do léxico é responsável pela forma como reagem ao ouvi-lo. Os mórmons e outras religiões, por exemplo, optam por não usar palavrões, e recorrem a eufemismos (JAY, 2005). As estruturas sociais moldam a forma com que respondem a certos ditos. Uma pessoa mais velha pode se chocar com a escolha lexical de uma pessoa mais jovem, em virtude da mudança das estruturas sociais, que vão desde uma maior aceitação à homossexualidade, feminismo e ao progresso como um todo. Assim sendo, o uso das palavras de uma comunidade de fala estaria ligado às transformações ocorridas na esfera social.

Diferentes culturas e diferentes idiomas, é claro, apresentam diferentes conjuntos de restrições linguísticas e semânticas no uso de palavras sujas. Isso quer dizer que, embora falantes individuais em uma sociedade possam aprender a falar a língua dominante, o uso de palavrões por cada pessoa é determinado por seu desenvolvimento psicológico em um determinado ambiente linguístico, familiar e cultural. O desenvolvimento psicológico inclui variáveis que afetam diretamente o uso de palavrões como, temperamento, traços de personalidade, religiosidade, recompensas sociais e punições (JAY, 1999, p. 21, tradução nossa)⁵.

⁴ “The socio-cultural system accounts for the context in which the person develops and the social factors that affect cursing in public. Cultural factors include religion, taboos, gender identification, censorship, and social power. The social level presumes psychological and neurological levels; that is, a brain in a person develops in a cultural context that defines and proscribes acts of cursing”.

⁵ “Different cultures and different languages, of course, present different sets of linguistic and semantic constraints on dirty word use. This is to say that although individual speakers in one society might learn to speak the dominant language, each person 's use of curse words is determined by his or her psychological development within a given linguistic, familial, and cultural environment. Psychological development includes variables that directly affect cursing, such as temperament, personality traits, religiosity, social rewards, and punishments”.

Mas isso não muda o fato de que o palavrão sempre esteve presente no discurso dos sujeitos falantes em todos os momentos históricos. Heins (2007) afirma que palavrões (discurso irreverente secular) e blasfêmia (ataques à religião) têm sido proferidos por autoridades religiosas desde os tempos bíblicos. O que muda são as situações onde este vocabulário é empregado. Em sociedades mais conservadoras, esse tipo de palavreado é relegado a ambientes predominantemente masculinos, onde diversas formas agressivas ou até bem-humoradas de se referir principalmente à sexualidade são livremente enunciadas.

Não é preciso nem dizer que nem todo mundo reserva os tabuísmos para os efeitos retóricos especiais. As expressões [...] falar palavrão como um marinho, [...] [ter a boca suja de um estivador, e [...] linguagem de vestiário indicam o fato de que os palavrões são a linguagem escolhida em muitos círculos dominados por homens da classe trabalhadora (PINKER, 2012, p. 398).

Dependendo dos aspectos morais vigentes, palavrões tendem a ser mais ou menos refreados pelos membros da comunidade. Em outras palavras, condutas antes repudiadas, ou tidas como pertencentes a classes mais incultas, hoje podem ser aceitas ou passarem completamente despercebidas, tamanha aprovação que têm pela sociedade atual.

A utilização de palavrões no Brasil, pelos meios de comunicação de massa, teve início nos anos 70, quando a sociedade brasileira passava por profundas transformações que se refletiram na mídia, a qual passou por uma “erotização”, sobretudo no cinema. Preti (1984) frisa que, nesta época, a linguagem cinematográfica refletiu o linguajar das ruas e levou ao cinema termos que antes eram considerados obscenos, modificando a essência das falas dos personagens. O autor cita diálogos das obras de Nelson Rodrigues, e algumas peças teatrais de Paulo Pontes e Chico Buarque de Holanda, como expoentes deste movimento que banalizou o uso de vocábulos de conteúdo sexual e palavrões na arte brasileira, como resultado das transformações sociais e morais daquela época. Porém, Jay (2009) alerta para o fato de que a mídia geralmente tende a mostrar apenas o lado obscuro e violento do palavrão, excluindo a possibilidade de que também possam vir a ser usados em contextos positivos.

Diante disso, observa-se uma dificuldade em definir que vocábulo pode ser chamado de palavrão, uma vez que essa classificação depende também do

momento histórico da palavra. O conceito de palavrão está subordinado a variáveis que incluem o tempo e espaço.

O condicionamento operante pode fortalecer a tendência de dizer palavrões, se isso levar a consequências recompensadoras; a tendência de xingar será enfraquecida se os oradores forem punidos por fazê-lo. Xingar permite que a criança expresse emoções e perceba emoções nos outros. À medida que as crianças veem que tal ato afeta os outros de maneiras desejáveis e indesejáveis, elas aprendem a utilidade funcional ou o poder do palavrão. (JAY, 1999, p. 84, tradução nossa⁶).

Por conta disso, o palavrão vem atingindo domínios que ultrapassam os subúrbios e as classes baixas, chegando ao linguajar de pessoas das mais variadas camadas sociais. “A moda fez parte de uma tendência mais ampla no século XX na direção da informalidade, da igualdade e da disseminação do estilo machão de ser, e do estilo maneiro”. (PINKER, 2012, p. 398). Mas Preti (1984) pondera que este não é um fenômeno recente. O autor assinala que, na França do século XVIII, a nobreza já sinalizava uma inclinação à linguagem vulgar. O Duque de Orleans, em diversas ceias com seus amigos, abusava da liberdade absoluta, e isso incluía a liberdade lexical de se apropriar e fazer uso de vocábulos considerados impróprios. Sobre isso o autor salienta que:

Bebiam tanto quanto conversavam; excitavam-se; diziam obscenidades a mais não poder e disputavam para ver quem era mais irreverente do que os outros; e, quando haviam feito bastante barulho e estavam bem embriagados, iam dormir e recomeçavam tudo outra vez no dia seguinte (SIMON, 1955 *apud* PRETI, 1984, p. 40).

Palavrões podem ser usados como mecanismos de manifestação de liberdade, como no exemplo citado anteriormente, até como recurso para expressar insatisfações, desempenhando um papel de descarga ou desabafo através das palavras “suja”. Sobre isso, Guiraud (1976) traz que, de modo geral, os palavrões possuem conteúdos que remetem à sexualidade, defecação e à digestão, mas seu uso pelas comunidades de fala expressam bem mais do que isso, pois evocam os significados atribuídos pelos usuários, a depender da situação.

⁶ “Operant conditioning can strengthen the tendency to curse if cursing leads to rewarding consequences; the tendency to curse will be weakened if speakers are punished for cursing. Cursing permits the child to express emotions and to perceive emotions in others. As children see that cursing affects others in desirable and undesirable ways, they learn the functional utility or power of cursing”.

Por muito tempo pensou-se que as variáveis do uso de palavrões repousavam apenas em fundamentos ligados às classes sociais, mas, atualmente, a situação se mostra como elemento importantíssimo para esta especificação.

O outro motivo é que a disposição evidente de romper tabus transmite uma atmosfera de informalidade, de liberdade de não ter de se preocupar com o que diz. É claro que nas décadas mais recentes o palavrão se expandiu para as mulheres e para a classe média (PINKER, 2012, p. 401).

O papel do palavrão seria, portanto, a junção de dois pilares: o conteúdo do léxico somado ao contexto de fala; em outras palavras, a situação, algo que vai além do verbal. Quando um palavrão é proferido, raramente tem-se a intenção de transmitir sua composição, mas sim sua essência, que normalmente é um termo desagradável aos ouvidos. Ele funciona como gatilho para ativar na consciência a função desvalorizante de seu significado. Guiraud (1976) argumenta que o repúdio acionado pelo xingamento é uma alegoria à negação de todo o valor, servindo como um veículo dos sentimentos do indivíduo. Este estaria mais interessado em transmitir o conteúdo do seu pensamento do que a matéria da palavra em si. Émile Benveniste, ao tratar desta temática na obra “Problèmes de linguistique Générale”, corrobora que:

A blasfêmia é realmente um termo que deixamos escapar sob a pressão de um sentimento brusco e violento, impaciência, furor, desgraça. Mas essa palavra não é comunicativa, é somente expressiva, apesar de ter um sentido. A fórmula dita em blasfêmia não se refere a nenhuma situação objetiva em particular; a mesma blasfêmia é pronunciada em circunstâncias totalmente distintas. Ela não exprime a não ser a intensidade de uma reação a essas circunstâncias (BENVENISTE, 1974, p. 256, tradução nossa)⁷.

Na atualidade, as palavras, outrora proibidas, agora fazem parte de letras de músicas, programas na internet e *scripts* de filmes. Esta quebra de tabus também enche os personagens dos filmes de realidade e expressa as ideologias e agressividade pungente em uma sociedade sempre ávida pelo progresso. Os palavrões são responsáveis por deixar as obras cinematográficas mais condizentes com a realidade das ruas, então seu uso em demasia é um caminho sem volta. Coube a esta pesquisa fazer o registro dos palavrões do filme “Tropa de Elite -

⁷ “Le blasphème est vraiment un mot que l'on lâche sous la pression d'un sentiment soudain et violent, d'impatience, de fureur, de disgrâce. Mais ce mot n'est pas communicatif, il n'est qu'expressif, bien qu'il ait un sens. La formule prononcée dans le blasphème ne renvoie à aucune situation objective particulière; le même blasphème est prononcé dans des circonstances entièrement différentes. Il n'exprime que l'intensité d'une réaction à ces circonstances”.

Missão dada é missão cumprida”, sem a intenção de fazer julgamentos, apenas com a missão de registrá-los e analisar seu desenvolvimento na narrativa ficcional. Para a realização desta pesquisa, selecionaram-se os palavrões pelo seu conteúdo e seu uso. A primeira característica recebe um enfoque mais detalhado no próximo subcapítulo.

2.2 Palavrão e seu conteúdo

A variedade de palavrões no português brasileiro é significativamente elevada, mas os conteúdos, os quais estes vocábulos se referem, normalmente são difemismos que envolvem referência sexual, partes do corpo, blasfêmia, objetos repugnantes, e mulheres e grupos desfavorecidos (SWAN, 2005; JAY, 1999, 2008; PINKER, 2008, 2012). Por forçarem os ouvintes a imaginá-los, estes termos passaram a se tornar proibidos em situações formais, embora, como visto no subcapítulo anterior, esses entraves linguísticos têm se tornado cada vez mais sem efeito nas sociedades modernas. Pinker (2008) afirma que os palavrões, de modo geral, se referem à sexualidade e à excreção, mas também trazem em seu conteúdo alusões a resíduos, partes do corpo, doenças, pessoas desfavorecidas e grupos étnicos subalternos. Em consequência disso, o tratamento desses termos pelos falantes como palavras proibidas, pode ser explicado pelo fato de que ao se ouvir estes vocábulos, repudiam-se os esquemas imagéticos que vêm à mente.

Quando um vocábulo chega aos ouvidos, a cognição cuida de identificar seu conteúdo, e a depender da cultura a qual se está inserido, as conotações, resultantes da interpretação, podem ser repulsivas, principalmente tratando-se de palavrões. “É comum que pessoas bilíngues não achem seu segundo idioma tão picante quanto o primeiro, e sua pele reage mais a tabuísmos e broncas ditos em sua primeira língua, se comparado aos equivalentes na segunda”. (PINKER, 2008, p. 378). Neste sentido, os construtos cognitivos que definem a repulsividade dos termos começam a ser construídos ainda na infância, e as poderosas imagens e sensações que estas palavras despertam no interlocutor fazem com que elas sejam usadas em inúmeras circunstâncias.

Comunidades de fala com maior propensão à religiosidade, como o Brasil, tendem a abominar os palavrões de conteúdo religioso ou que remetam ao sagrado e sua simbologia. Como resultado, a blasfêmia, que é literalmente o desrespeito à

divindade, causa um importante impacto negativo ao interlocutor. “Para entender os vulgarismos religiosos, portanto, temos de nos colocar na pele dos nossos ancestrais linguísticos, para quem Deus e o inferno eram presenças reais”. (PINKER, 2008, p. 387). O temor pela citação de blasfêmias e palavrões relativos à religião tende a ser menor em países mais laicos. A crença na onisciência divina, e de que Deus ouve as pessoas, é responsável pela crença de que as blasfêmias proferidas serão ouvidas e concretizadas.

Além das ofensas com imprecações religiosas, os xingamentos relativos a atos de excreção e seus orifícios se constituem como matéria-prima de uma série de palavrões do português brasileiro. Epítetos como “merda”, “mijada”, “cuzão”, “caralho”, “boceta” e “porra”, são historicamente usados dentro de diversos contextos, e sua aplicabilidade mutável tanto quanto qualquer outro vocábulo ao longo da história. Pinker (2008, p. 392) sustenta que estes palavrões se diferenciam dos demais, pois seu grau de ofensa acompanha a intensidade com que seu conteúdo é aceito pela comunidade de fala, acrescentando que:

No caso dos tabuísmos para fluidos corporais a correlação é bem constante. [...] merda é menos aceitável que [...] mijado, que por sua vez é menos aceitável que [...] peido, que é menos aceitável que [...] caca de nariz, que é menos aceitável que [...] cuspe (que nem é tabu). É a mesma ordem da aceitabilidade de eliminar essas substâncias em público.

A repulsa causada por essas palavras é a reação ao medo de comê-las ou encostar nelas, pois normalmente são vetores de uma série de vírus, bactérias e outras doenças. “É nojento pensar nos fluidos corporais, assim como sobre as partes do corpo e as ações que os excretam, e devido à involuntariedade da percepção da fala, é desagradável ouvir as palavras que as descrevem”. (PINKER, 2008, p. 393). Portanto, quanto mais nociva é a substância, mais repugnante ela se torna ao ouvinte, e imaginar não só esses conteúdos, como também as partes que os excretam, é igualmente repulsivo. Conseqüentemente, servem de poderosos veículos de descarga emotiva.

As pessoas não gostam de pensar em fezes, do mesmo jeito que não gostam de vê-las, cheirá-las ou pôr a mão nelas. Mas somos seres reais, para quem as fezes fazem parte da vida, e há ocasiões em que não temos escolha senão pensar no que fazer com elas. A solução é dividir o trabalho linguístico entre eufemismos, que se referem a uma entidade sem evocar emoções indesejáveis, e disfemismos, entre eles os tabuísmos, para as ocasiões retóricas em que queremos ressaltar mesmo quão nojenta é a entidade (PINKER, 2012, p. 398).

Outro tipo de palavrões que chama a atenção é o de conteúdo sexual. Pela quantidade e versatilidade em que estes palavrões são empregados no português brasileiro, eles podem ser aplicados nas mais diversas situações, embora o teor sexual neles contido os tornem praticamente impronunciáveis em muitos ambientes formais e familiares, tendo seu uso restrito a ambientes e circunstâncias específicas.

“A maioria dos adultos consegue falar sobre sexualidade com seus amantes ou com o parceiro sexual. Mas quase todos os jovens adultos têm dificuldade em falar sobre sexo com seus pais [...] e quando estão multidões de gêneros mistos”. (JAY, 1999, p. 86, tradução nossa)⁸. Já para Pinker (2012), por serem os homens os que, normalmente, mais buscam por sexo, esses palavrões soam mais degradantes para as mulheres. O sexo sem compromisso é assimetricamente alinhado com a fala dos indivíduos do gênero masculino, normalmente, evitando pronunciá-los perto de “senhoras”. Jay (1999) confirma que os palavrões sexuais estão mais ligados à agressividade masculina. Desse modo, palavrões de conteúdo sexual, em nada tem a ver com comunicar as vantagens do sexo, e sim, o seu lado mais sombrio, como a exploração, as doenças sexualmente transmissíveis, o estupro etc.

Mesmo depois da revolução sexual, ainda falta muito para que “exploremos nossa sexualidade” em toda a sua plenitude, e isso significa que as pessoas ainda instalam barreiras na mente para bloquear a passagem de determinados pensamentos. A linguagem do sexo pode esbarrar nesses bloqueios (PINKER, 2012, p. 397).

Embora os xingamentos de conteúdo sexual sejam mais utilizados por homens, falantes de ambos os gêneros pronunciam esse tipo de epíteto, a depender do contexto de fala e da própria característica do sujeito. Palavrões foram documentados na léxico de muitos grupos sociais: soldados, policiais, estudantes do ensino médio e universitários, usuários de drogas, atletas, trabalhadores, delinquentes juvenis, pacientes psiquiátricos e prisioneiros; embora as taxas de produção sejam desconhecidas (JAY, 1992, 2000).

⁸ “Most adults can talk about sexuality with lovers or with others who share similar sexual preferences. But almost all young adults have trouble talking about sex with their parents (those who avoided sex talk in the first place) and in mixed gender crowds”.

Indivíduos com consideráveis níveis de ansiedade sexual tendem a interpretar a sexualidade como algo proibido e usar palavrões desse tipo como válvula de escape em momentos de tensão. Jay (1999, p. 82, tradução nossa)⁹ afirma que “a pessoa sexualmente ansiosa experimenta e interpreta a sexualidade de si mesma e dos outros por meio de uma linguagem proibida de sexualidade”. Desse modo, ao fazer uso desse tipo de termo, o sujeito falante demonstra os traços de como este se apresenta ao mundo.

No português do Brasil, um dos equivalentes chulos de [...] foder é comer, com o homem (ou parceiro homossexual ativo) como sujeito. Isso seria um mistério se o verbo fosse uma metáfora baseada na mecânica da cópula, porque o corpo da mulher é que come, em termos metafóricos, o do homem. Mas ele se encaixa na ideia de sexo como algo em que a mulher é explorada e degustada pelo homem (PINKER, 2012, p. 405).

Palavrões podem servir para representar a sexualidade do falante. Essa materialização do ato em si, ou das partes do corpo relativas ao ato sexual, corporificam suas experiências por meio dos palavrões. A utilização desses termos está associada a variáveis que incluem o tempo e o espaço em que o indivíduo se encontra. “Essa identidade sexual influenciará como um falante usa palavras para atos sexuais, partes do corpo e insultos relacionados ao gênero com outras pessoas”. (JAY, 1999, p. 86, tradução nossa)¹⁰. O uso da linguagem sexual é muito importante para os falantes, revelando a forma como se apresentam ao mundo, atitudes em relação à sexualidade e influências parentais. Tanto o ato sexual em si, quanto a identidade sexual de uma pessoa, são expressos e vivenciados por meio das escolhas lexicais.

A análise prossegue, com o exame dos palavrões relativos a mulheres e grupos desfavorecidos. Palavrões com esse tipo de conteúdo estão em tendência de dessensibilização, mas o contexto ainda funciona como baliza para a percepção ofensiva ou não desses termos. Jay (2009) considera que as palavras “preto”, “negro” e “criolo” já foram bem mais injuriosas, com exceção da última, que está em consistente declínio de uso, mas ainda é tida como altamente ofensiva. Mas, segundo o autor, o porquê desta ser mais ofensiva que as outras ainda não é claro para os estudiosos. Para Pinker (2012), palavrões são modos de falar a mesma

⁹ “The sexually anxious person experiences and interprets the sexuality of self and others through the forbidden language of sexuality”.

¹⁰ “This sexual identity will influence how a speaker uses words for sex acts, body parts, and genderrelated insults with other people”.

coisa, mas de uma forma considerada rude. Essa visão é determinada por convenções sociais. Palavrões são então disferismos, em outras palavras, o aspecto mais desagradável de um vocábulo.

A mulher “libertina” é alvo de diversos epítetos agressivos e ofensivos. Como foi dito anteriormente neste subcapítulo, são os homens os que mais tendem a usar palavrões no dia a dia. Pinker (2012) afirma que isso explica o fato de existirem mais de dois mil palavrões relativos à mulher. Expressões misóginas como “filha-da-puta”, “puta” e “vadia” são formas de diminuir as mulheres, além de negar que são pessoas, no sentido de que as reduzem a um traço, prática ou comportamento, o que, igualmente, acontece com termos de cunho racista.

Na atualidade, palavrões racistas e sexistas tendem a ser mais prejudiciais para aquele que os profere do que para os alvos, propriamente ditos, dado aos inúmeros esforços que a sociedade, através das mídias em geral, tem feito para conscientização contra a linguagem considerada opressora. Sobre isso, Pinker (2012, p. 420) assevera que:

Os termos não têm nenhum significado concreto, portanto a ofensa não pode vir do fato de se estar perpetuando um estereótipo ou endossando a opressão. Nem é uma reação à consciência de que o falante possui uma atitude abominável. Hoje em dia alguém que demonstrasse a mesma atitude só de dizer “odeio afro-americanos, mulheres e judeus” estaria estigmatizando a si mesmo bem mais que aos seus alvos, e rapidamente seria rotulado como um desequilibrado digno de desprezo.

A ligação existente entre o conteúdo do termo e sua intenção no discurso nem sempre estão alinhadas, porém, percebe-se que a matéria do palavrão, aquilo que se é obrigado a pensar quando se ouve, faz com que essas palavras sejam estigmatizadas, e até proibidas em certos ambientes. Para Jay (2009), palavrões são um foco definidor de categorias de assédio sexual, blasfêmia, obscenidades, discriminação, discurso de ódio e abuso verbal.

Pretti (1984) pontua que os palavrões estão em tendência de ultrapassar barreiras e atingir todas as esferas sociais. Ainda assim, alguns palavrões como os que se referem às mulheres e grupos desfavorecidos devem ser evitados, pois proferi-los seria endossar uma prática de inferiorização do outro por conta do sexo, gênero ou origem, prática que deve ser abominada. Portanto, não se deve proibir de vez o uso de palavrões, mas cabe ao interlocutor prever e compreender seus efeitos para si e para o outro. Porém, há outras variáveis que conduzem a percepção sobre

um termo. A maneira como o palavrão é proferido, e o peso das circunstâncias como balizadoras do seu grau de ofensividade, é o que será discutido no próximo subcapítulo.

2.3 O Palavrão e seu uso como vetor de emoções

O uso de palavrões pelos sujeitos perpassa por pré-requisitos que vão desde a simples escolha lexical, identidade, contexto e experiências prévias do falante. Os usos agressivos, idiomáticos, empáticos e catárticos se alinham às intenções do falante, e podem ser feitos por impulso ou de forma planejada. Jay (1999) classifica as variáveis responsáveis pelo uso de palavrões como neurológicas, psicológicas e socioculturais.

A ofensividade ou adequação de palavras depende de variáveis contextuais, e a sensibilidade ao contexto foi demonstrada em vários estudos (JAY; JANSCHWITZ, 2008; MABRY, 1974; WELLS, 1989). Além disso, a atitude do falante sobre o uso de seu arcabouço lexical é comandada por fatores genéticos que, associados ao ambiente, formam a identidade e, com ela, o modo como o indivíduo se expressa através das palavras. Portanto, o uso de palavrões está ligado à forma como o indivíduo se enxerga: sua identidade.

O uso da palavra é submisso ao sistema sociocultural. O sistema sociocultural descreve variáveis, como elicitación de humor, que um falante usa para determinar se uma palavra é apropriada em um determinado contexto ou não. Cada cultura desenvolveu seus próprios critérios para o que constitui uma piada suja boa e engraçada. O que torna uma piada suja inadequada ou sem graça depende da piada e do contexto [...]. A questão é que a ofensiva e o humor dependem dos contextos culturais (JAY, 1999, p. 20, tradução nossa)¹¹.

Aprende-se a linguagem e ela ajuda a sintetizar o mundo à volta. Dessa forma, o uso de xingamentos interfere na forma como se enxerga a si mesmo e os outros. Em outras palavras, palavrões normalmente são utilizados para que os indivíduos expressem seus traços emocionais. A maneira que se usa os palavrões

¹¹ “Word use is subsumed by the sociocultural system. The sociocultural system describes variables, such as humor elicitation, that a speaker uses to determine if a word is appropriate in a given context or not. Each culture has developed its own criteria for what constitutes a good, funny dirty joke. What makes a dirty joke inappropriate or unfunny depends on the joke and the context (the office versus the local pub). The point is that offensiveness and humor depend on cultural contexts”.

está sedimentada no jeito em que se encaixa no mundo e a forma como se aborda o xingamento revela o caráter de cada um.

A pessoa agressiva aprende palavrões agressivos e os usa para expressar sua agressividade com os outros; ele / ela percebe os outros com base em como os outros usam uma linguagem agressiva [...] sua ansiedade é destaca por meio da hesitação, e das palavras que escolhe e as que deixa de lado (JAY, 1999, p. 82, tradução nossa)¹².

Quando criança, se aprende que palavrões servem para apelidar os outros ou dar nome a atos escatológicos, como visto no subcapítulo anterior. Na adolescência, quando o conjunto lexical do indivíduo está mais desenvolvido, começa-se a usar os palavrões de forma mais diversificada, como sinal de pertencimento a um grupo, ou até mesmo de forma empática¹³. Jay (1999) corrobora que, por razões culturais, os meninos xingam mais que as meninas, porém, esse hábito pode ser observado por toda a vida de qualquer indivíduo, da infância até a velhice, inclusive em idosos com demência.

Para Goodenough (1931) os xingamentos podem ser recursos usados pelas crianças em substituição de gritos e mordidas em momentos de raiva ou agressividade. Jay (1999, p. 83, tradução nossa)¹⁴ aponta que “esses enunciados são usados principalmente para expressar emoções, mas os palavrões também funcionam para fazer referências sobre o mundo”. Em outras palavras, assim que o indivíduo aprende a se expressar por meio da linguagem, torna-se capaz de identificar quais vocábulos servem para expressar fortes emoções, e quais não. Surge aí a percepção interna de palavrão e sua diferenciação das palavras consideradas polidas.

O palavrão é usado de maneira reacionária, espontânea, ou de forma elaborada e criativa. Todas essas formas exigem esforço cognitivo para que os termos possam ser encaixados de forma satisfatória dentro dos contextos. O conteúdo dos *Frames*. Para Goffman (1978), a escolha lexical dos palavrões de uma piada ou produção fictícia, por exemplo, exige empenho cognitivo e controle dos processamentos mentais, o que pode demandar certo tempo do indivíduo.

¹² “The aggressive person learns aggressive curse words and uses them to express his/her aggression towards others; he/she perceives others on the basis of how others use aggressive language. [...] his/her underlying anxiety through hesitation, word choice, and avoidance”.

¹³ Ideia reforçada por Jay (1999).

¹⁴ “These propositional statements are primarily used to express emotions (connotation), but curse words also function to make references about the world (denotation)”.

Grosso modo, para acessar a memória semântica dos palavrões, o sujeito precisa ter uma gama de termos do tipo armazenados nela. Esse armazenamento é formado através das suas experiências culturais e de vida. Jay (1999) corrobora com esta ideia ao afirmar que altos índices de estresse podem causar ansiedade e fazer com que o indivíduo tanto esqueça quanto se lembre dos palavrões os quais vivenciou em suas experiências interativas. Isso porque cada um reage de uma maneira diferente às situações extremas.

No entanto, dois fatores identitários estão claramente ligados ao xingamento: religiosidade e ansiedade sexual. Indivíduos com alta religiosidade e ansiedade sexual ficam muito ofendidos com a linguagem emocional; eles se restringem linguisticamente e tentam proibir os outros de praguejar em público (JAY, 1999). Em conformidade com a afirmação supracitada, Barbosa e Pinto (2016) concordam que há um substancial vínculo entre crenças e emoções. Para os autores, o primeiro é formado por constructos internos dos indivíduos, ao mesmo tempo que são vulneráveis ao contexto e às experiências vividas, ao passo que as emoções também emergem das interações sociais com os demais sujeitos. Conseqüentemente, o uso de palavrões corresponde aos efeitos que o locutor deseja causar no interlocutor, ou em si mesmo, nas mais variadas situações. E aspectos internos e externos comandam as ações. O uso de palavrões agressivos, por exemplo, tem o intuito de atacar verbalmente o adversário ou praticar *bullying*, em que: o catártico tem a intenção de reduzir o estresse, o idiomático demonstra que o falante tem dificuldade em criar filtros durante o discurso e utiliza palavrões como forma de transmitir ou realçar um pensamento, e o empático é usado de forma mais social e subjetiva, sem conotações negativas (JAY, 1999; PINKER, 2012).

O tema varia de formas sutis de sarcasmo intelectual e humor aos ataques mais cruéis possíveis à coragem de uma pessoa, proezas sexuais, ou similares. Em um nível, os ataques podem ser sutis e indiretos, envolvendo alusão e discurso figurativo; em outro, pode haver provocações explícitas, vanglória, xingamentos e piadas debochadas (CRYSTAL, 1987, p. 60, tradução nossa)¹⁵.

Palavrões também podem estar em ambientes positivos quando estes são usados em piadas e humor, comentários sociais, conversas sexuais, contação

¹⁵ "The subject matter ranges from subtle forms of intellectual sarcasm and humor to the crudest possible attacks on a person's courage, sexual prowess, or relatives. At one level, attacks may be subtle and indirect, involving allusion and figurative speech; at another, there may be explicit taunts, boasts, name calling, and jokes at the other's expense".

de histórias, gíria em grupo e autodepreciação ou sarcasmo irônico para promover a harmonia e coesão social (JAY, 2009). Mas o autor alerta para o fato de que mesmo palavrões ditos de forma empática ou idiomática, correm o risco de serem mal interpretados, onde “Esse uso casual de palavrões, que pode não ter a intenção de ser ofensivo, ainda pode ser considerado indelicado ou ofensivo pelos espectadores”. (JAY, 2009, p. 155, tradução nossa)¹⁶. Porém, embora o uso de palavrões possa ser feito em múltiplos contextos, muitos indivíduos simplesmente escolhem não usar esses enunciados no dia a dia. Tais indivíduos reconhecem que os palavrões têm funções, que, como já mencionadas, servem para aliviar o estresse, insultar, realçar etc. Então, qual a variável responsável pelo não uso de palavrões por alguns sujeitos falantes, em absolutamente nenhuma circunstância? Para Jay (1999), a censura a estes termos surge ainda durante a infância, e se constitui como um dos fatores responsáveis por essa contenção. Mas essa censura não impede que estes indivíduos conheçam os palavrões, os tenham na memória e conheçam suas funções no discurso, embora não os utilize.

As razões que levam o indivíduo a fazer uso de palavrões dentro das situações de interação é tema de interesse dos mais diversos campos do conhecimento, como a psicologia, sociolinguística e a linguística cognitiva. Jay (1999) desenvolveu uma lista de variáveis que pesam na escolha do falante em enunciar palavrões. A lista de palavras, desenvolvida pelo autor, começa pelas variáveis mais fracas até as com maior peso na decisão pela escolha de palavrões. São elas: forte religiosidade, moralidade, alto nível de ansiedade sexual, meia idade, classe média, alto autocontrole, consciência, histórico de punição por xingar, introversão, falta de um modelo de xingamentos, adolescência, transtornos mentais, transtornos de conduta, baixa religiosidade, baixa ansiedade sexual, falta de autocontrole, consciência alterada (álcool), histórico de ser recompensado por xingar, extroversão, modelo de xingamentos e impulsividade.

Para isso temos de usar os palavrões e insultos, execrações e outras formas de agressão verbal. Há momentos na vida de todo mundo em que se sente a necessidade de intimidar ou punir outra pessoa, ou degradar a reputação dela. É provável que o ato de forjar os xingamentos tenha exercitado mais o instinto linguístico das pessoas que todos os outros atos do discurso juntos, e em muitas culturas ele foi alçado à categoria de grande

¹⁶ “In the absence of any clear social motive other than fitting in with others’ informal use of taboo words. This casual use of taboo words, which may not be intended to be offensive, can still be regarded as impolite or offensive by bystanders”.

arte, às vezes chamada de flyting. Existem, por exemplo, insultos shakespearianos (PINKER, 2012, p. 401).

Diante do exposto, constata-se que uma série de variáveis é responsável pelo uso de palavrões pelos sujeitos. Elas vão de fatores psicológicos até pilares determinados pelo ambiente. O uso do palavrão tem diferentes nuances, a depender da intenção do falante e da situação. Agressão, empatia, catarse ou a descrição de uma situação de maneira informal permeiam como qualquer palavrão pode ser usado. Essas variáveis não funcionam de maneira isolada, pois são interligadas entre si e colaboram com a visão dos sujeitos a respeito da utilização desses termos. O objetivo desta pesquisa foi realizar um estudo sobre os palavrões do filme *Tropa de Elite* de 2007, este tipo de análise tenta suprir uma demanda carente de estudos nesta área. Sobre isso Preti corrobora que

Não nos cumpre, como estudiosos da linguagem, um papel crítico ante esse fenômeno linguístico de natureza sócio-cultural e até psicológica. Ele está aí. Apenas devemos registrá-lo, inclui-lo em nossas pesquisas, estudar-lhe as origens e acompanhar-lhe o desenvolvimento, quem sabe, prever seu declínio (a uma época licenciosa, em geral, sucede-se, na história, uma recomposição dos costumes, uma volta à pureza) (Preti, 1984, p. 43)

O intuito desta pesquisa foi analisar os palavrões do filme “*Tropa de Elite* - missão dada é missão cumprida”, e diante deste estudo sobre palavrões, nota-se a importância de se registrar e analisar os palavrões, sem preconceitos, apenas com o desejo de se observar tendências de uso, bem como surgimentos e declínios de termos.

3 SEMÂNTICA DE *FRAMES*

O objetivo desta seção é fazer uma revisão bibliográfica dos mais importantes trabalhos realizados, no intuito de definir a noção de *frame* e, sobretudo, tentar explicar se as bases que definem essa teoria repousam em constructos internos ou externos nos indivíduos.

Muitos teóricos se dedicam à tarefa de definir o que são *frames*. Nessa miscelânea de conceitos, encontra-se uma interessante dicotomia entre constructos internos e externos como responsáveis pela organização da ideia de *frame*. Portanto, o presente capítulo subdivide-se em três momentos. O primeiro, “O conteúdo dos *frames*”, faculta definições estabelecidas por Fillmore (1982) a respeito

da semântica de *frames*. A segunda parte, “O uso dos *frames*”, discorre sobre temas relativos à palavra como acontecimento que é posto em prática por sujeitos em ocasião de interação. Na sequência, “A situação: fator elementar dos *frames*”, explicita a teoria goffniana sobre a importância da situação no gerenciamento dos *frames* na mente dos indivíduos.

3.1 O conteúdo dos *frames*

Frames semânticos são objetos de estudo de diversos teóricos desde o início do século XX. Fillmore (1982) sintetizou bem essa teoria no artigo intitulado “Linguistics in the Morning Calm”, onde o autor trouxe diversas reflexões sobre o tema. Fillmore (1982) demonstrou, em suas pesquisas, que os termos têm sentidos que variam de acordo com o domínio ao qual pertencem: em outras palavras, eles abrangem enquadramentos chamados de “*frames*”. Portanto, os termos só fazem sentido na mente dos sujeitos se eles compartilharem do mesmo *frame*. Essa ativação só é bem-sucedida quando os sujeitos compartilham da mesma cultura. Ao longo dos anos, a teoria foi se modernizando, e novos conceitos foram sendo atrelados a ela. Essa problematização na conceitualização de *frames* semânticos permanece até os dias atuais.

Para Fillmore (1982), a noção de *frame* semântico surge do entendimento de que as palavras estão relacionadas de tal modo que, para que se assuma a essência de um termo, é necessário que se compreenda também toda a estrutura ao qual ele está relacionado¹⁷. O autor também afirma que “[...] os *frames* estruturam o significado das palavras e a palavra evoca o *frame*”. (FILLMORE, 1982, p. 117, grifo nosso, tradução nossa)¹⁸.

Grosso modo, para o autor sobredito, os termos são responsáveis pela criação mental de um *script*, cenário ou um “andaime” de ideias interligadas entre si, com o objetivo de alcançar determinado juízo.

[...] Palavras representam categorizações da experiência e cada uma dessas categorias é sublinhada por uma situação motivação que ocorre ancorado em um *background* de conhecimento e experiência [...]. Semântica de *frames* pode ser entendida como o esforço para entender o que leva a uma comunidade de fala a ter criado aquela representação e

¹⁷ Ideia reforçada por Ferrari (2011).

¹⁸ “Frames structure the meaning of the words and the word evokes the frame”.

explicar o significado da palavra apresentando e esclarecendo a razão (FILLMORE, 1982, p. 112, grifo nosso, tradução nossa)¹⁹.

Tal conceito mostra que os *frames* servem de referência para a ativação de memórias e experiências vividas. Estes são agentes motivadores da ativação do entendimento dos objetos do mundo. Para o linguista George Lakoff (2004), as palavras evocam *frames*, e os termos constituintes daquele *frame* também os evocam. Em outras palavras, quando se ouve o termo “elefante”, é impossível não vir à mente a imagem deste mamífero, assim como quando se ouve a palavra “tromba”. Esta última está ligada ao termo elefante, e sua menção também é capaz de trazer ao cérebro a figura do animal.

Fillmore (1982) afirma que um importante quantitativo de termos em inglês podem relacionar-se entre si apesar de suas diferenças, pois estes são capazes de evocar a mesma “cena”. Lakoff e Wehling (2012) trazem que cada palavra é processada no cérebro através de circuitos de *frames*, e que estes, por sua vez, não são simplesmente lógicos, pois eles se conectam às emoções e trazem poderosos esquemas imagéticos. Portanto, se dois interlocutores não partilharem do mesmo conhecimento a respeito de dada palavra, o ato comunicativo será inviável.

Você não pode ver ou ouvir *frames*. Eles são parte do que os cientistas chamam de “inconsciente cognitivo” - estruturas no nosso cérebro a que não temos acesso consciente, mas que delas sabemos por suas consequências: a forma como racionalizamos e o que define senso comum. Nós também reconhecemos *frames* pela linguagem. Todas as palavras são definidas em relação aos *frames* conceituais. Quando você escuta uma palavra, o *frame* dela (ou o grupo de *frames*) é ativado no seu cérebro (LAKOFF, 2004 *apud* FELTES; BROILO NETO, 2018, p. 121, grifo nosso).

Teorias sobre a concepção das palavras como vetores de significados decorrentes da cultura e da ligação com outros termos começaram a tomar forma na década de 1970, depois que Fillmore desenvolveu conceitos que dariam início à gramática de casos²⁰. Tal teoria investigava o papel semântico das palavras em várias línguas e a função da gramaticalidade das sentenças. Após uma série de reformulações, o autor concluiu que a semântica de *frames* parte da escolha das palavras e de suas regras gramaticais. Essa escolha estaria ligada à cultura dos

¹⁹ “Words represent categorizations of experience and each of these categories is underlined by a motivational situation that occurs anchored in a background of knowledge and experience [...]. Semantics of frames can be understood as the effort to understand what leads to a speech community to have created that representation and explain the meaning of the word by presenting and clarifying the reason”.

²⁰ Ideia reforçada por Chishman (2019).

falantes. “*Frame* caracterizaria as palavras e expressões que servem de pontos de acesso para o conteúdo semântico ou conceptual”. (CHISHMAN, 2019, p. 5). Até este momento, a noção de *frame* estava mais ligada à linguagem do que à ideia de uma cena propriamente dita.

Na década de 1980, após as contribuições de outros teóricos, o *frame* passou a ser compreendido como uma manifestação de um fluxo de experiências depositados na memória dos falantes, os quais se materializam através da palavra. Fillmore (1982) considerava que as escolhas lexicais são feitas baseadas no conhecimento enciclopédico de cada comunidade de fala, que determinam os conceitos dos vocábulos e a motivação para serem utilizados. Essa é a mesma definição de *frame* usada por Cienki (2007), para quem o *frame* provém da ideia de que os termos são estruturas de conhecimento que norteiam o uso da linguagem, enquadrando as experiências humanas, sendo, por esta razão, generalizantes e convencionais. O autor ilustra esse conceito com o seguinte exemplo:

A palavra inglesa *write* e a palavra japonesa *kaku* são normalmente consideradas traduções equivalentes, mas como as cenas associadas às palavras em suas respectivas culturas se divergem, a cena associada à palavra em inglês implica algo que é escrito, enquanto a cena ligada a palavra japonesa é menos específica e pode incluir vários tipos de desenho. Assim o *frame* para responder à pergunta “o que você escreveu?” em inglês se limitaria a uma cena de comunicação linguística, enquanto que em japonês a resposta teria uma gama mais ampla de possibilidades (CINENKI, 2007, p. 172, grifo nosso, tradução nossa).²¹

²¹ “The English word *write* and the Japanese word *kaku* are commonly considered translation equivalents, but since the overall scenes associated with the words in their respective cultures differ, the linguistic frames within which each word is used also differ coordinately. The scene associated with the English word entails that it is some form of language that is written, while the scene linked to the Japanese word is less specific and could include various kinds of drawing. Thus, the frame for answering the question ‘What did you write?’ would be limited to expressions for a linguistic communication scene, while in Japanese the frame for answering the coordinate question about *kaku* affords a broader range of possibilities”.

Os enquadres mentais gerados pela escolha de determinado *frame* também fazem parte do estudo da inteligência artificial. É notório que sistemas de busca da internet, dentre outras tecnologias disponíveis, busquem na semântica de *frames* um aporte teórico para seu desenvolvimento. De acordo com Minsky (1974), *frames* são uma estrutura de dados para representar uma situação estereotipada como ir a um “aniversário de criança”.

Ainda segundo Minsky (1974), a expressão “aniversário de criança” evoca todos os elementos característicos do termo e seus rituais envolvidos, como bolo de aniversário, balões, brigadeiro, aniversariante, assim por diante. O *frame* estrutura o significado das palavras. Conseqüentemente, Morato (2010) acrescenta que os *frames* se expandem para os mais diversos domínios do saber, como a linguística, Psicologia Experimental e de trabalhos em Inteligência Artificial (IA).

Os *frames* são percebidos pelo cérebro humano, e cada vez que são acionados também são fortalecidos pelos circuitos neurais (LAKOFF, 2004). Desta forma, um *frame* é evocado mesmo quando se nega ele, e, ao fazê-lo, ele se torna mais forte na mente²². A flexão dos termos também é capaz de alterar a percepção de um *frame*.

No que diz respeito à formação de palavras propriamente ditas, os elementos mórficos são responsáveis por colocá-lo em diferentes enquadramentos. Fillmore (1982) compara esses componentes das palavras às ferramentas que os falantes lançam mão para atingir seu objetivo no ato da comunicação. Desta feita, conforme essa analogia feita pelo mencionado autor, os atos de fala são permeados por estas ferramentas, onde se precisa saber os nomes, para que servem e a razão pela qual estão sendo usados em determinado diálogo ou texto. Ele ainda acrescenta que:

[...] É possível pensar num texto linguístico não como uma sucessão de pequenos significados, dando ao intérprete a função de colocá-los em um significado mais amplo (o significado do texto) mas sim como uma sucessão de ferramentas que alguém usou para fazer determinada atividade. A função de interpretar um texto, então, é análoga ao trabalho de entender a que atividade a pessoa se engajou ao organizar as ferramentas naquela ordem (FILLMORE, 1982, p. 112)²³.

²² Ideia reforçada por Lakoff (2004).

²³ “It is possible to think of a linguistic text not as a succession of small meanings, giving the interpreter the function of putting them in a broader meaning (the meaning of the text) but rather as a succession of tools that someone used to do a certain activity. The function of interpreting a text, then, is analogous to the work of understanding what activity the person engaged in by arranging the tools in that order”.

Deste modo, pode-se perceber que não apenas sentenças completas, mas também pequenos itens lexicais são capazes de alterar a percepção do interlocutor ou do leitor de um texto. Esses pequenos instrumentos semânticos mencionados por Fillmore podem alterar de forma significativa a compreensão que se tem de um *frame*. Segundo Petruck (1996, p. 4), isso ocorre “[...] não apenas porque um item léxico pode ser considerado um texto muito pequeno, mas também porque o significado de qualquer item lexical desempenha um papel importante na construção do significado de qualquer texto”.

A autora exemplifica essa afirmação supramencionada com a sentença “As crianças brincavam no ônibus”, na qual o item lexical “no” informa ao ouvinte ou leitor que as crianças possivelmente brincavam em um ônibus em movimento, ao passo que se a sentença fosse “As crianças brincavam dentro do ônibus”, o *frame* acionado seria que elas estavam se divertindo em um ônibus parado.

Mas de acordo com estudos de Goldberg (1995), o significado das sentenças deriva não só do conhecimento que os indivíduos possuem das palavras, como também das cenas e enquadramentos que dizem respeito aos termos gramaticais. Como exemplo, o autor formula a sentença “Sara enviou a fatura para Jeremy por fax”, em que Goldberg (1995) traz que não somente o conhecimento prévio da palavra “fax” seria suficiente para o entendimento da frase, como também a noção de se “enviar algo a alguém”. Isso acaba aproximando a semântica de *frames* a outras teorias, como a gramática das construções, lexicologia, lexicografia, sintaxe e gramática em geral²⁴.

Tal raciocínio vai de encontro às teorias de Fillmore, a respeito da construção de sentenças na perspectiva da semântica de *frames*. Em seus estudos, o autor apresenta os termos “*U-Semantics*” e “*T-Semantics*”, onde o primeiro mais é preocupado em tentar definir o que leva o falante a encaixar determinado termo a determinada situação, e o último mais concentrado em verificar sob quais condições uma sentença é verdadeira através de operações simbólicas (FILLMORE, 1982 *apud* PETRUCK, 1996).

A logicidade que emerge dos *frames* semânticos repousa então na construção das palavras, e como consequência, no conhecimento prévio dos interlocutores a seu respeito. Nesse sentido, pode-se entender que a comunicação é

²⁴ Ideia reforçada por Petruck (1996).

orientada pelos cenários evocados pelas palavras, cenários estes que para se efetivarem nas mentes dos falantes, necessitam que eles compartilhem da mesma percepção dos termos. Mas, definir conhecimento, é tarefa tão complexa quanto definir a noção de *frame*²⁵. Fillmore (1982) afirma que os “*frames* de caso” são pequenas cenas abstratas, que para se entender sua estrutura semântica é necessário entender também as propriedades das cenas esquematizadas.

Para Morato (2010), a definição de *frame* poderia estar associada a conceitos cognitivos, que uma vez acionados por determinado termo, mobilizam uma espécie de cascata de outros termos e cenas capazes de definir um dado objeto. A autora utiliza a seguinte analogia para definir os *frames* semânticos: “Ao reativarmos o *frame* ‘restaurante’ [...] evocamos os modelos de procedimentos, falas, rituais culturais etc. associados a ele, podendo apresentar características variadas e mesmo assim não deixa de ser por nós reconhecido” (MORATO, 2010, p. 97).

Van Dijk (1977) afasta-se um pouco dessa concepção de *frame* ao afirmar que nem sempre as palavras vão estar relacionadas, ainda que pertençam ao mesmo enquadramento. Para o autor, um termo pode estar associado a uma infinidade de outros termos, e estes podem ter numerosas possibilidades de *frames*, por isso Van Dijk (1977) prefere relacionar *frame* à noção de episódios. Ferrari (2011, p. 53, grifo nosso) segue na mesma linha, ao trazer que “[...] o mesmo termo pode apresentar significados distintos, se estiver associado a diferentes *frames*”. Percebe-se, portanto, que não há um consenso cristalizado entre os autores sobre conceito e significado de do termo em estudo.

A visão de mundo dos falantes também é primordial para o processamento de *frames*. Ao evocar o *frame* “órfão”, por exemplo, precisa-se ter em mente que uma criança pequena precisa ter os cuidados dos pais ou responsáveis, e que somente aquela que não desfruta desse privilégio é enquadrada em tal *frame*. Segundo Van Dijk (1977, p. 18, grifo nosso), “O processamento do discurso em vários níveis depende do nosso conhecimento convencional do mundo, e isso é representado em estruturas chamadas *frames*”. Tal conceito mostra que os *frames* surgem de constructos internos dos indivíduos.

Do mesmo modo, Fillmore (1982) assinala que para que não haja uma palavra para cada significado existente, os termos podem ser redimensionados. O autor faz um encadeamento de observações lexicais que trazem essas noções

²⁵ Ideia reforçada por Morato (2010).

dentro da linguística, como é o caso da polissemia, onde o mesmo termo denota diferentes *frames*. Ou o contrário, onde diferentes termos expressam o mesmo *frame*, como no exemplo das palavras “mesquinho” e “econômico”.

O autor também apresenta termos que têm uma espécie de escala de sentidos, como nas palavras “mesquinho”, “econômico” e “generoso”. Em seguida, o autor propõe os empréstimos de *frames* conceituais como quando palavras de um domínio são usadas em outro, como, por exemplo, a expressão “rebanho de solteiros” para indicar animais que hibernam durante um ano antes de estarem prontos para o acasalamento. A expressão “solteiros” foi emprestada de forma metafórica pela ausência de um termo específico para tal conjuntura. Sobre isso, Ferrari (2011, p. 34, grifo nosso) acrescenta que:

[...] A definição do termo (solteiro) requer referência a um domínio cognitivo específico, denominado *frame*, que reúne conhecimento compartilhado em relação às expectativas socioculturais relacionadas à idade apropriada para o casamento. É a reativação do termo [...] a esse domínio cognitivo específico que explica o fato de que a palavra não é adequada para nomear o Papa, ou um personagem que vive nas selvas como o Tarzan, ainda que esses indivíduos compartilhem os mesmos traços listados.

O que se tem até aqui é que a noção de *frame* está intimamente vinculada à percepção, cognição e conhecimento prévio. Como a própria palavra sugere, *frame* é uma moldura, ainda que de forma abstrata e metafórica. Molduras normalmente cercam figuras que trazem algum tipo de informação. Persson (2019) considera uma curiosa analogia, em que os *frames* são tal qual uma moldura de um quadro branco pendurada em uma parede branca. O que diferencia o conteúdo de dentro do quadro e o de fora dele é necessariamente a moldura que o cerca. Mais ou menos o que se faz no ato de comunicação, onde se enquadra um sentido do conteúdo em detrimento de todos os outros que também são passíveis de enquadramento. Essas escolhas seriam de caráter puramente cognitivo. O autor corrobora que:

Um exemplo deste enquadramento mais abstrato é colchete, isto é - colocar algo dentro de parênteses e assim criar um espaço no texto e no pensamento. Aspas são utilizadas de forma semelhante, tanto em textos, onde podem expressar o fato de que outra pessoa escreveu o que está sendo citado e que conseqüentemente foi tirado de outro contexto. E na fala, onde se pode indicar aspas com os dedos enquanto se fala e, portanto, indica que alguém está sendo citado, ou sendo irônico (PERSSON, 2019, p. 54)²⁶.

Se o *frame* pode ser entendido como sendo constructo interno da percepção humana, bem como cenas que são ativadas cognitivamente ao se evocar um termo, o processo de reconfigurá-lo pode proporcionar certo esforço dos circuitos neurais. Lakoff (2004) chama a atenção para este posicionamento utilizando o termo “*reframe*”, para designar o curso de alterar a percepção de um *frame*. Para o autor, “*Reframe* é contar a verdade como a entendemos; firmemente, diretamente, articuladamente, com convicção moral, e sem hesitação” (LAKOFF, 2004, p. 2, grifo nosso, tradução nossa)²⁷.

Diante o exposto, os princípios da noção de *frame* não fogem da definição que se tem de interação social, pois o *frame* só pode ser estabelecido quando dois ou mais atores interagem em um ato de intercomunicação. Ainda que essa comunicação tenha como foco um “*reframe*”. O conceito de interação também não foge da concepção que se tem de contexto ou situação. Por isso Goffman (1974) estabelece as palavras *framework/frame/framing* quando aborda os padrões de comportamento social que guiam a produção comunicativa e sua interpretação por parte dos falantes. A noção de contexto como mecanismo norteador da construção de *frames* será abordado nos próximos dois subcapítulos.

2.2 O uso dos *frames*

A percepção de *frame* semântico, como sendo um conhecimento estático dos objetos do mundo, tomou força com as pesquisas de Fillmore (1982) e seus seguidores, como Lakoff, Kay e O’Connor, dentre outros. Mas tal concepção não se afasta do princípio de que toda comunicação emerge da interação, e que estas são

²⁶ “An example of this more abstract framing is bracket, that is - putting something inside parentheses and thus creating space in the text and thought. Quotation marks are used in a similar way, both in texts, where they can express the fact that someone else wrote what is being quoted and that it was consequently taken from another context. And in speech, where you can indicate quotes with your fingers while speaking and therefore indicate that someone is being quoted, or being ironic”.

²⁷ “Reframe is telling the truth as we understand it: firmly, directly, articulately, with moral conviction, and without hesitation”.

de suma importância para a ativação da compreensão humana. Os significados exteriorizam-se por meio dos termos, porém, outras bases também se interpoem no modo como se constrói o sentido das coisas. Não se trata de teorias antagônicas entre si, uma vez que elas se completam. Todo ato comunicativo é permeado por gestos, hábitos culturais e convenções sociais, por isso é necessário entender o *frame* em concordância com a linguística cognitiva e outras áreas, como a sociolinguística interacionista, que também se preocupa com essa temática. Para Morato (2010, p. 99, grifo nosso):

A orientação teórica dessa posição procura levar em conta os mecanismos de constituição da noção e das práticas de legitimidade dos *frames*. Aqui, os *frames* são entendidos como esquemas cognitivos ou *knowledge* pressupostos, apreendidos pela via da interiorização das experiências sociais, compartilhados (ou não) pelos personagens em interação.

Ao fazer um paralelo entre linguagem e interação, Morato (2002) apresenta conceitos que remontam às teorias de Vygotsky e Bakhtin no campo da enunciação ou expressão exterior. A autora ratifica que “[...] a organização interna da linguagem é fundamentalmente estruturada pelas regularidades enunciativo-discursivas constitutivas das interações humanas”. (MORATO, 2002, p. 63). Em outras palavras, a interação dos indivíduos afeta de forma direta a concepção e o desenvolvimento dos *frames*.

É a partir da socialização contínua dos usuários da língua, que novos *frames* vão tomando corpo, ao passo que outros se expandem ou até se extinguem. Sobre isso, Van Dijk (1977, p. 19, grifo nosso) pontua que “*frames* não possuem apenas dados estáticos, mas também processos dinâmicos que descrevem como agir em determinadas circunstâncias”. O autor não descarta que os *frames* possuem conceitos estabelecidos via convenções sociais, ou conceptualizações fixas, que não deixam de ser passíveis de intervenções dos sujeitos-falantes. Sobre isso, Fillmore (1982, p. 116, tradução nossa) afirma que:

[...] mas o ponto permanece é que não temos aqui apenas um grupo de palavras individuais, mas um “domínio” de vocabulário cujos elementos de alguma forma pressupõem uma esquematização do julgamento humano e comportamento envolvendo noções de valor, responsabilidade, julgamento, etc., de tal forma que se diria que ninguém pode realmente entender os significados das palavras naquele domínio se não compreender as instituições sociais ou as estruturas de experiência que elas pressupõem²⁸.

²⁸ “[...] but the point remains that we have here not just a group of individual words, but a ‘domain’ of vocabulary whose elements somehow presuppose a schematization of human judgment and

O modo como se vê o mundo, determina a compreensão de como os *frames* são apreendidos por parte dos sujeitos nas interações. Fillmore (1982) também aponta para o fato de que *frames* não apenas trazerem conceitos, mas também noções que dependem da interação. “Quando entendemos uma dada linguagem, fazemos esquematizações do que compõe o ‘mundo’ daquele texto e esquematizamos a situação na qual a linguagem está sendo produzida”. (FILLMORE, 1982, p. 117). Através do termo “*frame* interativo”, o autor salienta que falante e ouvinte precisam estar acomodados no mesmo enquadramento, para que o ato de intercomunicação suceda de forma satisfatória. Autores como Ford (2004), Wolfgang (2007), Hopper (2004) e Fisher (2013) também rejeitam de forma categórica a ideia de que o significado e funções da linguagem sejam estáticos. Para eles, a interação é decisiva para a construção dos sentidos.

O modo como se interpreta um *frame* se ancora nas esquematizações que os indivíduos fazem. Essas pequenas unidades de significação possuem amplas possibilidades de percepção e referência. Sobre isso, Fischer (2013) aponta que embora o *background* dos participantes em um dado diálogo seja importante, a linguística cognitiva reconhece a função da interação na linguagem. Esses dois conceitos paralelos, *background* e interação, também fizeram parte dos estudos de Linguística Cognitiva de Langacker (1995). Conforme o autor, a linguagem possui duas funções: “uma função semiológica, permitindo que pensamentos sejam simbolizados através de sons, gestos, ou escrita, é uma função interativa, abraçando a comunicação, expressividade, manipulação e convenção social”. (LANGACKER, 1995, p. 1).

Diante do exposto até aqui, pode-se sair da visão unicamente internalista de *frame* e passa-se a encará-lo como algo que se constrói e se modifica. A esse respeito, Fischer (2013, p. 199) explica que:

Toda sentença exibe propriedades gramaticais que são sedimentadas na interação em si. Não há como esses aspectos interacionais serem deixados de fora da linguagem. Nossos estudos em linguagem automática mostram que não há enunciado na língua natural que não tenha seus componentes sedimentados na interação social²⁹.

behavior involving nations of worth, responsibility, judgment, etc., such that one would want to say that nobody can really understand the meanings of the words in that domain who does not understand the social institutions or the structures of experience which they presuppose”.

²⁹ “Every sentence exhibits grammatical properties that are grounded in the interaction itself. There is no way these interactional aspects can be left out of language. Our studies in automatic language

Em suas pesquisas, Fisher (2013) também apresenta um curioso vínculo entre gramática de construções³⁰ e *frames*. Para ela, a interação é fundamental para se abordar os fenômenos deste tipo de gramática, estando ancorada na noção de sentido que os estudos de semântica de *frames* aborda. A autora também ratifica que cenários interativos são cruciais para se entender a gramática de construções.

Van Dijk (1977) corrobora com essa ideia sobredita, quando em seus estudos evidencia a relevância dos processos interativos no qual o sentido de *frame* se ancora. O autor divide a noção de *frame* em macro e microestruturas, sendo a primeira voltada para os significados mais gerais dos termos, e a última para as características que surgem no ato de comunicação. Tem-se a macroestrutura como os conceitos mais estratificados que sem tem dos objetos. O autor compara esta estrutura a fronteiras geográficas. Todos têm a noção dos limites entre territórios, isso é algo que dificilmente é questionado. Quanto às microestruturas, elas estão mais sujeitas a alterações dos indivíduos, uma vez que possuem regras flexíveis e dinâmicas.

Como tais processos se dão nas esferas internas e externas das pessoas, Van Dijk (1977) cunhou o termo “modelo de processamento de informação cognitiva” para se referir a eles de modo geral. *Frames* são acionados sempre que os indivíduos interagem, e estes obedecem às regras gerais do *frame*, que são as macroestruturas, mas também as modificam através de microestruturas, um movimento que o autor chama de “coerência”. Van Dijk (1977, p. 6, grifo nosso, tradução nossa) também define que a interação é composta por camadas de conhecimento:

Conhecimento contextual pertence ao campo da situação comunicativa [...] conhecimento geral pode ser convencional e envolve conhecimentos compartilhados sobre o mundo, conhecimento convencional contém não apenas fatos, mas “possíveis fatos” compatíveis com o mundo atual. O mundo convencional pode ser pensado como *frames*³¹.

show that there is no utterance in natural language that does not have its components sedimented in social interaction”.

³⁰ “Esse modelo, que foi apresentado ao mundo com o nome de ‘Space Grammar’, acabou sendo batizado de forma definitiva como ‘Cognitive Grammar’, e se transformou na primeira e única variante da GC que não leva a palavra ‘construction’ no nome”. (PINHEIRO; ALONSO, 2018, p. 14).

³¹ “Contextual knowledge belongs to the field of communicative situation [...] general knowledge can be conventional and involves shared knowledge about the world, conventional knowledge contains not only facts, but ‘possible facts’ compatible with the current world. The conventional world can be thought of as frames”.

Portanto, quando os indivíduos estão situados no sentido global (ou sentido macro) do *frame*, eles se tornam aptos a fazerem “micro” intervenções na linguagem, sem perder a capacidade de entenderem ou se fazerem entendidos. Tal pensamento aponta que processos interacionais são fundamentais no transcurso dos *frames*. Mas o que dizer sobre o papel da situação na construção do sentido do *frame* na mente dos interactantes? Esse é o tema que será abordado mais profundamente no próximo subcapítulo.

3.3 A Situação: Fator Elementar do *Frame*

Persson (2019, p. 146, grifo nosso) concorda com o que fora exposto no subcapítulo anterior, ao trazer que “[...] o conceito de *frame* nos dá uma ideia de rigidez, mas ao mesmo tempo é o resultado de reformulações. ‘Ele tem a característica de um momento congelado em uma existência variável’”³². O autor também aponta que “*framing*” é o ato de tentar compreender as modificações que ocorrem ou que podem ocorrer no ato da interação.

A respeito das forças em tensão durante circunstâncias interativas, Goffman (1983b, p. 32, tradução nossa) faz a seguinte indagação: “[...] visto que se tenha algo que se deseja dizer a uma outra pessoa em particular, como você fará para entrar nas circunstâncias que permitirão que você o faça de maneira apropriada?”³³. Em outras palavras, para o autor, há um esforço dos indivíduos em estabelecer uma correta aplicabilidade ao *frame* no ato de intercomunicação.

Todo comportamento social evidente em situação interativa é direcionado por convenções culturais, tanto em elocuições como em gestualidade. A fim de categorizar esses padrões da cultura, precisamos olhar para as definições de *framing* conforme a sociolinguística interacional e outras áreas em que há menção desse termo com significação similar (FELTES; BROILO NETO, 2018, p. 120, grifo nosso).

Goffman (1974) também chamou a atenção para os espaços de interação dos indivíduos. O que Van Dijk (1977) batizou de “macroestruturas”, Goffman (1974) havia nomeado anos antes de *stripes*, ou “faixas semânticas”. Van Dijk usou este conceito para demonstrar que *frames* são “eventos” nos quais os sujeitos se utilizam

³² “It has the character of a moment frozen in a changing existence”.

³³ “Given that you have something that you want to utter to a particular other, how do you go about getting into the circumstances that will allow you appropriately to do so?”.

de códigos semânticos (no campo cognitivo), para produzirem sentidos que se pode chamar de *frames*. A respeito disso, Persson (2019, p. 65, grifo nosso, tradução nossa) assevera que:

As interações entre os indivíduos formam os elementos dinâmicos da situação, e podem resultar nos *frames* sendo confirmados, ignorados, modificados, violados, ou fragmentados. Situação, código, sentido e interação, juntos formam o *frame* que gera o pré-requisito para a dinâmica social da situação³⁴.

Se a situação é importante para a concepção de um *frame*, na perspectiva de que este se dá no terreno da interatividade, a pergunta que se faz aqui é: De que maneira a posição dos interactantes favorece para a construção dos significados? Se o mundo dos sujeitos influencia de modo direto o agenciamento dos *frames*, existem outros fatores de carácter comportamentais capazes de alterar as percepções?

Para Morato (2010), o enquadramento social do falante marcha de mãos dadas com a situação na qual os indivíduos estão imersos. A escritora suscita terminologias como *footing* ou alinhamento, contexto, atividade, operações de referenciação e categorização social dos falantes (GOFFMAN, 1974; GUMPERZ, 1982-1998 *apud* MORATO, 2010). A autora ainda ratifica que “[...] estes são parte integrante da orientação dos atos de significação no decurso das interações”. (MORATO, 2010, p. 10). Essas definições demonstram que conceito e função se integram e contribuem para a formulação e reformulação do *frame*.

A situação é, portanto, o próprio *frame*, à medida que nela se encontra o alicerce para que os enquadramentos tomem forma. Os indivíduos, antes de se localizarem no que chamam de “realidade”, precisam detectar o quadro em que estão inseridos, para que cognitivamente passem a estabelecer os papéis sociais adequados à situação ou *frame*. Goffman (1959) cunhou o termo *self* para designar as personas que precisam entrar em funcionamento, a depender do *frame* captado pelo sujeito-falante. O *self* não apenas regula o papel dos falantes, como também sinaliza a que nível ele pertence no ato da interação: em outras palavras, indica as diferentes entidades que podem ser assumidas pelo sujeito em uma dada situação.

³⁴ “Interactions between individuals form the dynamic elements of the situation, and can result in frames being confirmed, ignored, modified, violated, or fragmented. Situation, code, meaning and interaction together form the frame that generates the prerequisite for the social dynamics of the situation”.

A respeito desse fato, Nunes (2013, p. 261) reforça que:

Uma situação pode ser caracterizada pelo enquadramento de tipos de conduta socialmente reconhecidos a posições ou atribuições funcionais, num processo interativo. Sob um ponto de vista metodológico, essa caracterização da situação parece similar à que fornece as teorias culturalistas dos papéis e status sociais [...]. Contudo, trata-se de uma concepção mais dinâmica, que ressalta o processo de construção dos papéis, tendo em vista as atitudes e o desempenho em situações interativas. A situação é vista como manipulável pelos agentes, por meio de estratégias de representação e condução da aparência; os indivíduos e grupos têm um papel ativo na constituição de suas personalidades e posições de status.

Goffman (1974), em sua magnífica obra “Frame Analysis”, aborda as demandas da semântica de *frames* através de um prisma sociológico, cognitivo e interacionista. Para o autor, as imagens mentais são constituídas socialmente, e a sociedade se modifica de forma contínua e ininterrupta, afetando a perspectiva dos *frames*.

Davis (1975), ao investigar “Frame Analysis”, aponta que para Goffman as instituições moldam a estrutura dos *frames*, embora isso possa ocorrer em um lapso grande de tempo. Logo, os conceitos e significados também se alteram ao sabor da vontade humana. Para Goffman (1974), mudanças de valores sociais importam para a consolidação dos *frames* semânticos. Persson (2019) aponta que, para Goffman, *frames* semânticos se constituem na dinâmica de como os indivíduos lidam com a tarefa de tentar entender e lidar com as situações que compartilham, enquanto leem a situação e os indivíduos com os quais estão interagindo. Assim, infere-se que semântica de *frames* é um constructo interativo, cognitivo e social.

Segundo Goffman (1974), *frames* são estruturas totalmente variáveis, pois sua existência depende da vontade dos indivíduos, e ainda sim o autor concorda que os falantes se encontram em sistemas universais que precisam ser obedecidos. Ele chama de “ritualizações” (PERSSON, 2019), os elementos que funcionam como “assoalho” para o *frame*. Ele diz, porém, que estas não estão livres de vulnerabilidades. Persson (2019, p. 49, grifo nosso) concorda com essa afirmação, ao argumentar que: “[...] essa ritualização deixa a interação fixa e repetitiva [...] por esta razão interação social é ao mesmo tempo ritualizada e vulnerável, e o conceito de *frame* capta bem essa dualidade”. A fragilidade do *frame* pode ser vista aqui como sua plasticidade inerente. E diversas são as variáveis que

contribuem para essa maleabilidade. Para Goffman (1967, p. 139, tradução nossa), interagir é como estar numa arena, e:

Nesta arena o indivíduo constantemente torce, gira, e se contorce, mesmo enquanto se permite ser conduzido pelo conceito que governa a situação. A imagem que emerge do indivíduo é a de um malabarista e sintetizador, um acomodador e apaziguador, que cumpre uma função enquanto aparentemente está ocupado em outra; ele vigia a porta da tenda, mas deixa todos os seus amigos e parentes passarem por baixo do pano³⁵.

Em conformidade com Goffman, Velho (2008) propõe a tese de que os *frames* dependem de “negociações da realidade”. O autor acentua que as percepções sociais moldam as bases mentais dos indivíduos. Essas bases são formadas por redes de sentidos que controlam as interpretações de diferentes falantes, a partir de inúmeros pontos de vista e concepções acerca dos acontecimentos em progresso. Por esta razão, a noção de sujeito está intimamente atrelada à situação de interação e aos *frames* forjados cognitivamente dentro do contexto de cada pessoa. “A Sociolinguística Interacional e a Sociologia entendem *frame* como enquadres [...] que envolvem o discernimento de regras sociais, valores, crenças e interpretação dos interesses e expectativas [...]”. (FELTES; BROILO NETO, 2018, p. 122, grifo nosso).

Barth (1989) também defende este pensamento ao afirmar que a circulação de diferentes mundos e fronteiras de sentidos coexistem principalmente dentro de culturas mais complexas, formadas por tradições diversificadas e contraditórias entre si. Por consequência, constata-se que não é preciso uma mesma percepção da realidade, para que os falantes interajam entre si dentro de uma mesma esfera social.

Entretanto, estar em uma mesma esfera não assegura aos indivíduos de que os conceitos serão perfeitamente intercambiáveis a contento. Os ruídos de comunicação se dão à medida que diferentes definições de uma mesma situação entram em choque. As macroestruturas, defendidas por Van Dijk (1977), são constantemente alteradas por microestruturas, sendo esta última formulada quando os falantes invertem, ajustam ou distorcem um *frame*, a depender dos fatores

³⁵ “In this arena, the individual constantly twists, turns, and squirms, even while allowing himself to be guided by the concept that governs the situation. The image that emerges of the individual is that of a juggler and synthesizer, an accommodator and appeaser, who fulfills one function while apparently busy in another; he watches over the tent door, but lets all his friends and relatives pass under the cloth”.

cognitivos que os conduzem a tais ingerências. Goffman aborda em suas obras diversas possibilidades de incompreensões de sentidos resultantes de diferentes percepções sobre o mesmo fenômeno.

Sobre isso, Velho (2008, p. 147, grifo do autor) afirma que:

[...] o risco de falsa percepção e mal-entendido é permanente, pairando como um fantasma sobre toda e qualquer interação. Poder-se-ia dizer que se trata de um risco inerente à vida social como um todo. A noção de performance é fundamental nessa reflexão, remetendo também às de palco (*stage*) e bastidores (*backstage*). Creio que a possibilidade de mal-entendido [...] estimula grande parte da reflexão goffmaniana sobre performance.

Portanto, os rituais fixos do *frame* estão sujeitos a nuances que, como já visto, Goffman (1974) chama de “vulnerabilidade” do *frame*. Esse fenômeno é a chave para a sintonização ou não dos conceitos entre os falantes em dada situação. Ao que os indivíduos possuem suas definições particulares dos *frames*, tais concepções podem entrar em conflito, pois dependem do que cada um chama de “realidade”, a depender das experiências de vida do falante. De acordo com Nunes (2013, p. 272, grifo nosso), “a teoria do *frame* privilegia um tipo de percepção [...] seletiva do *self* diante de um estoque cultural compartilhado desigualmente graças às distinções de classe ou posição social”.

A desorientação resultante da má interpretação apresenta-se, inclusive, quando os falantes estão imersos no mesmo contexto ou situação, já que isso, por si só, não estanca a possibilidade de que os interactantes não estejam totalmente sincronizados. Para Tannen e Wallat (1987), a mudança de *frame* decorre de incompatibilidades de experiências de vida entre participantes durante uma dada interação social. Para as autoras, essa quebra de expectativas é resultado do não entendimento durante a negociação situacional de fala. Assim, Persson (2009, p. 35, tradução nossa) considera que:

Vulnerabilidade no contexto da interação social significa, em princípio, que a interação social é frágil e sujeita a entrar em colapso, a menos que seus diferentes participantes, individualmente e juntos mantenham a ordem de interação - conscientemente, por engano, ou porque eles não podem controlar as impressões de outras pessoas bem o suficiente. Em outras palavras, a ordem de interação está em equilíbrio e não se torna ordenada por conta própria. Concretamente, vulnerabilidade significa várias coisas diferentes na interação social: Os seres humanos são vulneráveis e podem ser prejudicados em suas interações com outras pessoas. As próprias definições de realidade de um indivíduo são vulneráveis. Definições

compartilhadas de realidade são vulneráveis porque dependem da interação de indivíduos que definem a realidade mais ou menos da mesma maneira³⁶.

A falta de alinhamento entre participantes inseridos na mesma situação é proveniente de inúmeros fatores. Um deles recai sobre a falta de habilidade que uma das partes possa vir a ter em si fazer entender através de gestos, tons de voz, dentre outras expressões externas. Goffman (1959) aponta para o fato de que tais manifestações fogem do controle do locutor, pois ele não pode dominar como o outro irá decodificá-las.

Tanto expressões verbais quanto não verbais são frágeis, e, portanto, sujeitas a vulnerabilidades. Isto ocorre tanto quando os falantes em interação estão fisicamente próximos uns dos outros, como quando estão distantes, como quando se lê um livro sem saber as expressões não verbais do autor, ou uma mensagem em um dispositivo eletrônico, que pode ser mal interpretada se o locutor não a registrar de forma adequada. Portanto, Velho (2008, p. 147, grifo nosso) assegura que:

Para Goffman, era importante não só reconhecer a definição de situação como real, mas também verificar como se chegou a ela e, sobretudo, identificar os *frames* que possibilitam ou viabilizam diferentes definições. Creio, assim, que se pode fazer uma aproximação, com as devidas cautelas, entre as noções de *frame* e de contexto, que permitiria uma compreensão mais completa do processo de construção social da realidade, introduzindo variáveis como poder no seu sentido mais amplo.

A situação se apresenta como sustentáculo do *frame*, clareando aos falantes o contexto e fornecendo resposta à pergunta “O que está acontecendo aqui?”, à qual Goffman faculta como o questionamento que se faz tão logo se adentra numa dada situação. Ao se colocar na presença uns dos outros, entra-se em um estado de alerta permanente, ajustando-se ao “jogo” interpretativo do *frame*. Goffman (1974) compara esse ininterrupto estado de alerta a como quando se para o carro no farol e se atenta firmemente às cores, evitando, assim, que um acidente

³⁶ “Vulnerability in the context of social interaction means, in principle, that social interaction is fragile and liable to collapse unless its different participants singly and together maintain the interaction order - consciously, by mistake, or because they cannot control the impressions of other people well enough. In other words, the interaction order is in the balance and does not become ordered on its own. Concretely, vulnerability means several different things in social interaction: Human beings are vulnerable and can be hurt in their interactions with other people. An individual’s own definitions of reality are vulnerable. Shared definitions of reality are vulnerable because they depend on interacting individuals defining reality in roughly the same way”.

aconteça; da mesma forma os falantes estão sempre preparados para os choques de sentidos e interpretações distorcidas sobre a palavra instaurada.

A linguagem cotidiana tem um aspecto retórico, o que significa que a maneira como nos expressamos pode às vezes ser mais importante do que o que queremos dizer, enquanto, ao mesmo tempo, podemos entender muito bem o contexto por trás de vagas frases de efeito. A questão não é simplesmente ser linguisticamente correto, mas ser situacionalmente correto em igual grau (PERSSON, 2019, p. 36, tradução nossa)³⁷.

A permanente vigilância dos sujeitos-falantes em relação à situação se deve ao fato das inúmeras circunstâncias passíveis de se desenrolarem no decurso da interação. Situações favoráveis ou não, também são constituintes do *frame*. Persson (2019) salienta que a proximidade física traz riscos de diversos tipos de violência, sejam eles físicos ou não. Isso inclui certas atitudes que apontam para o ultraje, afronta, ataques verbais etc. Grosso modo, os indivíduos também se tornam vulneráveis quando se colocam na presença do outro, como traz Goffman (1967, p. 147, tradução nossa):

Quando as pessoas chegam à presença física imediata umas das outras, elas se tornam acessíveis umas às outras de maneiras únicas. Surgem as possibilidades de agressão física e sexual, de abordar e ser arrastado para estados indesejados de fala, de ofender e importunar com o uso de palavras, de transgredir certos territórios de si mesmo e do próximo, de mostrar desprezo e desrespeito pelo ajuntamento presente e a ocasião social sob cujos auspícios o encontro é realizado³⁸.

As teorias de Goffman (1974) vêm sendo analisadas, criticadas e melhoradas por diversos teóricos ao longo dos últimos anos. Sua visão de cunho mais cognitivo e situacional sobre *frame* trouxe percepções que servem de aporte teórico para esta e outras pesquisas atuais. Ao longo de sua vasta obra, o autor empregou diversos termos que explicam a dinamicidade dos enquadres semânticos. Em “Frame Analysis”, ele estabelece noções como “*fabrication*”, para designar as hipóteses que formuladas dos termos quando não se está situado em um dado

³⁷ “Everyday language has a rhetorical aspect, which means that the manner in which we express ourselves may sometimes be more important than what we mean, while at the same time we can very well understand the context behind vague turns of phrase. The issue is then not simply to be linguistically correct, but to be situationally correct to an equal degree”.

³⁸ “When persons come into one another’s immediate physical presence, they become accessible to each other in unique ways. There arise the possibilities of physical and sexual assault, of accosting and being dragged into unwanted states of talk, of offending and importuning through the use of words, of transgressing certain territories of the self of the other, of showing disregard and disrespect for the gathering present and the social occasion under whose auspices the gathering is held”.

contexto. O autor também organiza as noções “Keyed Frames”, que são mecanismos utilizados pelo falante para posicionar o interlocutor dentro do *frame* desejado. Eles podem ser verbalizados, como, por exemplo, falar a expressão “era uma vez” no início de uma história, ou podem advir de convenções sociais, como cerimônias e eventos.

Por intermédio do que foi exposto nesta seção, apura-se que os *frames* emergem de práticas cognitivamente dinâmicas. Embora sendo um conhecimento sedimentado dos objetos, seus conceitos podem modificar-se de acordo com inúmeras variáveis ditadas pela situação. Os indivíduos são agentes capazes de modificar a condução do envolvimento interacional (MORATO, 2010). A informação contida no *frame* nem sempre está completa por parte dos falantes, pois isso depende de fatores, como ter o mesmo conhecimento de mundo e compartilhar o mesmo *background*. Na ausência de insumos para completar os significados, o cérebro humano se vale de inúmeras táticas:

[...] Na sua ausência, o indivíduo tende a empregar substitutos - dicas, testes, dicas, gestos expressivos, símbolos de status etc. - como dispositivos preditivos. Enfim, visto que a realidade que o indivíduo é tida como imperceptível no momento, as aparências devem ser invocadas em seu lugar (GOFFMAN, 1959, p. 249, tradução nossa)³⁹.

Tanto as noções internalistas e externalistas de *frames* possuem relevância para as ciências cognitivas, sociolinguísticas, dentre outras. Lakoff (2004), portanto, não entende *frame* apenas como sendo um construto integrante da ação comunicativa, pois ele o tem como pilar cognitivo que moldura a forma de entendimento dos objetos. Não se pode conceber *frames* sem mencionar que são construtos enraizados na mente dos sujeitos, como também não se pode furtar da convicção de que os próprios indivíduos podem dimensioná-los e redimensioná-los num sistema cognitivamente situacional. Consequentemente, a interação ocorre à medida que os falantes imersos na situação comunicativa produzem significado, e têm entendimento das regras sociais, valores e expectativas ali presentes. A interpretação situacional realiza-se pelo acionamento cognitivo coerente do *frame*. Como a presente pesquisa busca compreender a relação entre palavrões do filme

³⁹ “In its absence, the individual tends to employ substitutes - cues, tests, hints, expressive gestures, status symbols, etc. - as predictive devices. In short, since the reality that the individual is concerned with is unperceivable at the moment, appearances must be relied upon in its stead”.

Tropa de Elite sob a perspectiva dos *frames* conceptuais e de uso, na próxima seção abordam-se os aspectos ligados ao processo de constituição da pesquisa.

4 O PALAVRÃO EM PAUTA: A EXECUÇÃO DA PESQUISA

Este capítulo está segmentado em três subdivisões. A primeira abrange o modelo metodológico empregue nesta investigação, englobando o mecanismo usado para selecionar, catalogar e analisar os dados. A primeira seção trata da metodologia aplicada, dialogando sobre o insumo utilizado para a realização da pesquisa, discutindo-se sobre o filme, as informações gerais sobre ele e sua história.

A segunda subdivisão recobre o material selecionado (os palavrões) do longa-metragem, foco da pesquisa, esmiuçando os tipos, que nesta pesquisa recebe o nome de “*frames* de conteúdo”. Observaram-se as funções de algumas amostras de palavrões com mais ocorrências no longa. Os *frames* foram elaborados com base na leitura da situação das cenas em que o palavrão é enunciado, e esta parte recebe o título de “*frames* de uso”. A terceira subdivisão faculta o debate dos dados analisados, compilando os *frames* que incluem palavrões.

4.1 *Frame analysis* como recurso metodológico de pesquisa

Uma pesquisa fundamentada na análise de *frames* semânticos, pode ser feita tanto de modo qualitativo ou quantitativo. Os estudos que utilizam o primeiro estão mais focados em buscar conclusões de cunho interpretativo, utilizando, geralmente, textos como sustentáculo do estudo.

De acordo com Pan e Kosicki (1993, p. 57, grifo nosso): “A utilização dos *frames* como estratégia metodológica requer construir e processar o discurso ou as características do discurso em si”. Tal afirmação aponta para o diálogo e a ligação existentes entre a semântica de *frames* e as demais tendências de análise do discurso. Para Reese (2007, p. 1, grifo nosso, tradução nossa⁴⁰):

O valor dos *frames*, entretanto, não depende do seu potencial como um domínio de pesquisa unificado, mas como um modelo provocativo que une partes do campo que precisa estar em contato um com o outro: quantitativo e qualitativo, empírico e interpretativo, psicológico e sociológico, acadêmico e profissional.

⁴⁰ The value of frames, however, does not depend on their potential as a unified research domain, but as a provocative model that unites parts of the field that need to be in contact with each other: quantitative and qualitative, empirical and interpretive, psychological and sociological, academic and professional

Um estudo que se propõe analisar as ocorrências de determinados fenômenos da linguística cognitiva, dentro de uma obra cinematográfica, parece não necessitar de uma abordagem quantitativa, pois o que se busca é um resultado baseado na intuição, posto que a interpretação dos dados é subjetiva. Apesar disso, o uso de informações mensuráveis é amplamente utilizado em pesquisas no campo da linguística cognitiva.

Para Glynn (2009), o ato de quantificar a frequência de determinado fenômeno dentro da linguística cognitiva não garante absoluta segurança quanto ao resultado da pesquisa. No entanto, o autor salienta que “[...] para se examinar resultados estatisticamente, devemos escolher entre uma ampla gama de técnicas exploratórias disponíveis para o estudo de dados categóricos”. (GLYNN, 2009, p. 85). Por tanto, um *corpus* no trabalho serve para, dentre outras coisas, se observar a frequência de certo fenômeno em uso dentro das variáveis que se pretende interpretar.

Uma vez que esta pesquisa tem como foco examinar o palavrão e seu uso no filme “Tropa de Elite - missão dada é missão cumprida”, de 2007, a semântica de *frames* serve como metodologia de pesquisa, pois a mesma pode satisfazer demandas de cunho qualitativo, quantitativo ou os dois ao mesmo tempo, a depender da finalidade do estudo. Contudo, Resse (2007) atenta para o risco das pesquisas apenas de caráter quantitativo. Para a autora, somente quantificar os dados ao invés de analisá-los de forma qualitativa poderia gerar um resultado um tanto obscuro. A subjetividade é parte inerente da semântica de *frames*, e sobre isso Goffman (1974) afirma que a análise de um *frame* está diretamente ligada ao modo subjetivo de como os indivíduos leem as situações.

A popularização de pesquisas acadêmicas apoiadas pela metodologia baseada na análise dos *frames* é evidenciada pelo crescente número de *papers*, artigos e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) produzidos com base na teoria. Com vistas a satisfazer uma análise orientada num método de estudo ancorado nos *frames* semânticos, Goffman (1974) sugere uma investigação amparada em leituras de textos com a finalidade de identificar os enquadramentos presentes nele.

Todavia, o autor aponta para as variáveis que podem interferir na percepção da pesquisa, como as modulações (*Keyings*) e as fabricações (*Fabrications*). A primeira trata de conhecer o contexto em que todos os envolvidos em uma dada situação estão inseridos, a segunda é quando apenas parte dos

indivíduos está ciente do enquadramento observado, incluindo-se aí o próprio investigador. Sobre isso, Nunes (2013, p. 272, grifo nosso) aduz que: “O *frame* é um esquema interpretativo que orienta a percepção dos indivíduos que, atuando seletivamente, identifica, pontua e codifica objetos, situações, experiências, eventos e sequências de ações presentes e pretéritas”.

O estudo de textos midiáticos passa pelo mesmo processo metodológico de análise que os demais fenômenos, sejam eles linguísticos, sociológicos, psicológicos, dentre outros, perpassam. É sabido que a semântica de *frames* é examinada através de textos extraídos de anotações de meios de comunicação como a TV, cinema, rádio etc. Gamson (1992) citado por Nunes (2013) salientava a importância desse tipo de pesquisa, afirmando que por ser uma produção cultural, a mídia pode mudar a percepção das pessoas sobre os objetos.

Em seus trabalhos, Gamson (1992) empregava *softwares* estatísticos para analisar o conteúdo de seus textos falados e escritos, os quais, em seguida, eram submetidos a uma microanálise de *frames*. Nunes (2013) não considera que haja uma resposta completamente satisfatória para segurança de uma pesquisa realizada à luz das teorias mencionadas acima; porém, o uso dessas ferramentas por vários estudiosos nacionais e internacionais serve para o aprimoramento da técnica e para a criação de uma “crítica interna”.

Tendo em consideração o aporte teórico goffniano, embora que este não apresente um método de pesquisa único e específico, traz uma série de observações metodológicas. Assim, pretende-se realizar um estudo quantitativo e qualitativo acerca dos palavrões citados no longa “Tropa de Elite - missão dada é missão cumprida”, de 2007.

4.1.1 A Coleta e Análise dos Dados

A escolha do filme “Tropa de Elite - missão dada é missão cumprida”, de 2007, como matéria-prima para este estudo, se deu por conta da importância que este possui para o cinema brasileiro, bem como seu reconhecimento nacional e internacional. A linguagem utilizada nesta película, associada a uma situação de violência urbana, crimes e opressão, viabilizou para esta pesquisa um abundante material de análise.

É importante salientar que, a título de contexto, a história se passa em um ambiente de violência e estresse extremos, vividos pelos personagens que são policiais e traficantes no Rio de Janeiro. O elenco se subdivide entre os agentes desonestos, os quais praticam uma série de ilícitos, incluindo tortura, e os que são considerados “honestos”. Há também uma classe média, representada por jovens universitários, que atuam em uma Organização Não Governamental (ONG) na favela, mas que ao mesmo tempo consomem e vendem as drogas fornecidas pelos traficantes em uma clara alusão de que as ONGs também atuam junto ao tráfico. Cabe ressaltar que, embora seja uma obra cinematográfica, há um realismo pungente no filme, e seu caráter documentarista tenta ser um reflexo daquela realidade.

A análise se deu em cinco instâncias, em que a primeira foi a anotação dos palavrões observados no longa. O filme foi assistido inúmeras vezes para a obtenção precisa do número total de palavrões proferidos pelos personagens, seguida da quantificação do número de ocorrências de cada palavrão escutado. No que diz respeito às pesquisas quantitativas, Glynn (2009) destaca a importância da quantificação de incidências linguísticas para uma pesquisa baseada em *corpus*, pois, segundo o autor, esse tipo de análise ajuda a identificar padrões de uso.

Depois da referida etapa, foi feito um diagnóstico dos tipos de uso de cada palavrão proferido no filme dentro do contexto. Deste modo, foi construído um quadro com a descrição dos *frames* de conteúdo de cada palavrão, dividida com as seguintes categorias: referência sexual, partes do corpo, blasfêmia, objetos repugnantes, e mulheres e grupos desfavorecidos. Depois, investigaram-se os palavrões de acordo com os enquadramentos vinculados à situação e interação chamados nesta pesquisa de “*frames* de uso”. Tais *frames* receberam neste trabalho as seguintes nomenclaturas: idiomático, agressivo, empático e catártico. Os palavrões coletados foram incluídos na lista de acordo com o *frame* atribuído a ele. Finalmente, foi examinada a frequência que cada palavrão foi proferido no filme, de acordo com seu conceito e contexto.

Optou-se por catalogar todas as cenas em que se observa o uso de palavrões no filme. Assim, pôde-se obter um *corpus* extenso o suficiente, capaz de indicar padrões de uso dos fenômenos buscados nesta dissertação. Adicionalmente, este trabalho contou com diversos enquadramentos ou *frames*. Isso possibilitou um número significativo de situações a serem examinadas. Tal fato fez com que

variados efeitos de sentidos fossem catalogados. Outra vantagem em ter uma quantidade expressiva de cenas a serem estudadas está no fato de ser possível observar a repetição de palavrões idênticos, mas que situados em contextos diversos, acabaram se encaixando em diferentes *frames*. Portanto, Goffman (1974) citado por Pearson (2009, p. 49, tradução nossa⁴¹) afirma que:

A definição de uma situação é um conceito que tem a ver em como os indivíduos tentam entender e lidar com as situações compartilhadas uns com os outros. Coletar informações sociais é crucial quando os indivíduos rapidamente e frequentemente estão baseados em fundações fracas, e precisam “ler” tanto a situação quanto os indivíduos com quem estão interagindo.

Em resumo, a teoria goffniana sobre *frame* afirma que durante a interação os indivíduos passam a decodificar as situações cognitivamente, discernindo tanto o papel dos envolvidos no acontecimento em questão, quanto a tessitura social sobre a qual estão inseridos. Esse processo mental ocorre em fração de segundos, e tem como objetivo a busca pela clareza dos acontecimentos sociais por parte das pessoas. Goffman (1974) considera esse processo com um pré-requisito existencial. Desta maneira, um mesmo objeto passa a ter diversos entendimentos, a depender da força que o modula. A leitura de determinada situação depende se este é um filme, um sonho, uma lembrança, um conto-de-fadas, algo que está acontecendo no exato momento, ou não, etc. Um mesmo símbolo tende a ganhar inúmeros significados que emanam da perspectiva do observador e dos indivíduos no ato da interação.

Os diferentes olhares sobre o mesmo fenômeno seriam uma forma de explicar a manifestação do *frame*. O objeto em si se torna ambíguo quando apresentado fora de um contexto. Então, a situação propriamente dita seria o *frame*. Goffman (1974) sugere que os *frames* podem ser ou não controlados pela vontade humana, subdividindo os eventos em naturais e sociais: os primeiros sofrem pouca interferência da vontade humana, como, por exemplo, os limites entre territórios que são fatos cristalizados e não sofrem mudanças constantes do ser humano; por eventos sociais têm-se os rituais, a igreja, as leis etc., que são eventos sociais que,

⁴¹ The definition of a situation is a concept that has to do with how individuals try to understand and deal with situations shared with each other. Gathering social information is crucial when individuals quickly and often are based on weak foundations, and need to “read” both the situation and the individuals they are interacting with.

uma vez fixos na cultura, são obedecidos à risca pelos indivíduos, ainda que eles possam de certa forma modificá-los.

Reese (2007) aponta que *frames* são princípios organizacionais que são persistentemente compartilhados de forma simbólica, para estruturar o mundo social. O autor ratifica que o *frame* é “compartilhável” por ser significativa e comunicável; é “persistente” por sua durabilidade e rotina de uso; “simbólico” por ser uma forma de expressão; e “estrutural” porque é um padrão ou estrutura que varia em sua complexidade.

A seção seguinte é destinada à análise propriamente dita do filme, e seus palavrões, considerando os princípios teóricos-metodológicos mencionados.

4.1.2 Tropa de Elite, o filme

O filme “Tropa de Elite - missão dada é missão cumprida”, também conhecido apenas como “Tropa de Elite”, é um filme policial brasileiro de 2007, dirigido por José Padilha, que também escreveu seu roteiro com a colaboração de Bráulio Mantovani e Rodrigo Pimentel. O filme, estrelado pelo renomado ator brasileiro Wagner Moura, tem como base o livro *best-seller* “Elite da tropa”, de André Batista. A película aborda temas comuns presentes nas grandes capitais do Brasil, como violência urbana, corrupção policial, tráfico e consumo de drogas, mais precisamente na cidade do Rio de Janeiro, local em que se desenvolve a narrativa. O BOPE e a Polícia Militar (PM), do Rio de Janeiro, também são elementos centrais do longa.

Figura 1 - Capa do DVD do filme “Tropa de Elite: missão dada é missão cumprida”



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Quadro 1 - Ficha técnica do filme Tropa de Elite

Título original: Tropa de Elite
Gênero: Ação
Lançamento (Brasil): 2007
Distribuição: Universal Pictures do Brasil
Direção: José Padilha
Roteiro: Rodrigo Pimentel, Bráulio Mantovani e José Padilha
Produção: José Padilha e Marcos Prado
Produção executiva: James Darcy e Eliane Soares
Assistente de produção: Fernanda Chasim e Gabi Haber
Coprodução: Weinstein Co, Zazen Produções e Universal Pictures do Brasil Música: Pedro Bromfman
Som: Leandro Lima
Fotografia: Lula Carvalho
Câmera: Pablo Baião
Produção executiva: James Darcy e Eliane Soares
Desenho de produção: Tulé Peak
Figurino: Claudia Kopke
Edição: Daniel Rezende
Efeitos especiais: Phill Nelson, Bruno Van Zeebroeck, Marc Banich e Mike Edmonson.

Fonte: OAB SP (2012).

4.1.3 Informações Gerais

As polêmicas em torno do filme começaram bem antes de sua estreia no cinema, fato este que ocorreu em 12 de outubro de 2007. Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) chegou a estimar que mais de 11 milhões de brasileiros já haviam assistido ao filme antes de seu lançamento na tela grande e de maneira ilegal, mais precisamente através da pirataria (ENGLER; DIAS, 2017).

De acordo com o *site* G1.com, este fato, porém, não impediu que o filme tivesse a maior bilheteria daquele ano, e alcançasse o primeiro lugar nos cinemas nacionais. As controvérsias em relação à película geraram muitos debates na mídia nacional, como a violência policial que foi retratada com muito realismo. “Tropa de Elite” foi aclamado pela crítica especializada, e recebeu diversos prêmios importantes, como o Urso de Ouro de melhor filme no “Festival de Berlim” em 2008, e a continuação “Tropa de Elite 2: O Inimigo Agora é Outro”, lançado em 2010.

As opiniões sobre o longa se dividem entre aqueles que aplaudem a violência policial retratada no filme, como fruto de uma desenfreada onda de violência urbana em que o Brasil está mergulhado há décadas, e aqueles que o consideram quase como uma obra autoritarista. Conforme Engler e Dias (2017, n. p.): “Alguns viam o filme como um retrato fiel da corrupção sistêmica, enquanto

outros enxergam em suas duas horas um retrato do fascismo”. “Tropa de Elite” gera debates acalorados até os dias de hoje, justamente por expor o que de fato se passa nas favelas cariocas. Não seria exagero dizer que o filme é um retrato também do que acontece na maior parte das periferias nacionais.

A fim de lograr cenas mais fidedignas, “Tropa de Elite” foi rodado em favelas de verdade, e para que tal façanha fosse executada, irromperam-se inúmeros contratemplos: desde o roubo de mais de 90 armas cenográficas por incautos criminosos, até o ator principal do filme ter seu peito mirado com laser por um criminoso armado. A película que tinha um orçamento inicial estimado em 4,6 milhões de reais, teve seu valor de produção elevado para 10 milhões de reais. Isso fez com que “Tropa de Elite” fosse o filme mais caro daquele ano.

As cenas nas comunidades eram aprovadas pelos traficantes por intermédio de associações de moradores. Os criminosos, muitas vezes, inviabilizavam as filmagens com receio de que a gravação de um filme no local chamasse muita atenção, atrapalhando seus “negócios”. Novos acordos tinham que ser feitos a fim de retomarem as filmagens. Com o fim das gravações, os problemas continuaram, pois após uma trabalhosa montagem de cenas e a arte-final do filme, ele veio a cair nas mãos da pirataria, se tornando um fenômeno de vendas no camelô.

O longa é baseado no livro “Elite da tropa”, de autoria de Luiz Eduardo Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel. A inversão das palavras do título do filme e do livro comprova que não se trata de narrativas idênticas. Algumas alterações foram feitas pelo diretor Roberto Padilha. Uma delas foi a troca do protagonista, que no livro era o personagem Matias, pela figura do capitão Nascimento. Ao ler o livro, é possível também identificar que a obra cinematográfica optou por ser menos didática que a obra literária.

O filme “Tropa de Elite” não apresenta nenhuma pretensão em tomar lados. O diretor parece optar em dar à película uma coloração de documentário como se a única função deste fosse apresentar fatos. Para Valente (2007, n. p.), “Tropa de Elite não tem soluções e nem respostas a dar, tendo a função apenas de documentar e ser um provocador de reações”. O desprovimento de um “partido” mais perceptível não impediu que o filme fosse tachado por muitos críticos como sendo uma obra de “atributos fascistas”.

A narrativa do filme também suscita uma discussão em torno do personagem principal, o capitão Nascimento, interpretado pelo ator Wagner Moura. Alguns críticos de cinema chamam a atenção para o fato de um personagem que tortura e mata ter alcançado o posto de herói no imaginário popular. Na época do lançamento do filme, não havia debates tão acirrados no que diz respeito ao porte de arma por civis ou à duvidosa tese de que “bandido bom é bandido morto”. Mesmo assim, a postura do capitão Nascimento, diante do comércio de drogas nas favelas e seus usuários, em muito lembra a noção fascista de que somente a violência, e não a intervenção do Estado, é capaz de combater o que tira a “paz” das famílias de bem.

Segundo o crítico de cinema Daniel Caetano, “Tropa de Elite é propositalmente ambíguo em sua construção de personagem [...] deixando mesmo para o leitor a escolha moral de ver em Capitão Nascimento um herói ou um torturador”. (CALDAS, 2008, p. 53). Tal ambiguidade mostra que o filme dá ao telespectador a liberdade para decidir se apoia ou não as atitudes de seu personagem principal.

4.1.4 A História

O filme é narrado em primeira pessoa pelo personagem de Wagner Moura, o capitão Roberto Nascimento. É ele quem enlaça todos os acontecimentos da trama, e os apresenta ao telespectador. O capitão é líder do BOPE do Rio de Janeiro, e está passando por uma séria crise de estresse devido à carga excessiva de trabalho, somado ao fato de sua mulher estar grávida, e ele cada vez mais ausente de suas responsabilidades familiares. A tensão aumenta quando é anunciada a visita do Papa João Paulo II ao Rio de Janeiro, e a notícia de que ele passará a maior parte do tempo em uma favela dominada pelo tráfico de drogas. A pressão faz com que ele decida escolher um substituto que seja tão bom quanto ele.

Nesse ínterim, dois novos aspirantes se juntam à corporação, Matias e Neto, cada qual com qualidades que agradavam ao Capitão Nascimento. Matias é negro e de origem humilde, e conseguiu vencer as dificuldades impostas pela vida. Ele cursava direito e estava prestes a se tornar advogado. Enquanto Neto vem da classe média e gostava de ação, e por isso resolveu entrar para a polícia. Porém, as suas visões romantizadas a respeito da polícia caem por terra, ao se depararem

com uma realidade de corrupção e criminalidade dentro da própria entidade. O longa segue mostrando a realidade dos pesados treinamentos para os candidatos a integrantes do BOPE, mas também apresenta um núcleo de jovens universitários de classe média e seu envolvimento em uma ONG que atua dentro de uma favela.

As tramas paralelas do filme se entrelaçam, mostrando uma rotina de ações ilegais da polícia e a tentativa de alguns membros do BOPE em fazer a coisa certa em meio à corrupção sistêmica da instituição. No final, o Tenente Neto acaba sendo morto em uma armadilha, e seu amigo Matias, que até então demonstrava ter um olhar mais humanizado sobre as questões sociais, acaba por sucumbir às regras da corporação, movido pela sede de vingança pela morte de seu amigo de infância. Para Caldas (2008, p. 50):

André Matias também é um personagem dividido, mas seu conflito é temporário, mera etapa para a configuração definitiva; sua divisão aparece, ao menos sob os olhos de Nascimento, como uma virtude, ao passo que todos os demais - os policiais, os estudantes, os políticos - são exclusivamente maus.

“Tropa de Elite” é um filme polêmico, e sua narrativa é recheada de marcadores conversacionais, lexias, gírias e palavrões, típicos do ambiente tóxico no qual a história se desenrola. A presente pesquisa se concentra na análise dos palavrões proferidos pelos personagens do filme e seu uso dentro do contexto em que são proferidos.

4.2 Os Palavrões

Com base nas teorias já mencionadas neste estudo, um quadro foi delineado, a fim de apresentar todos os palavrões do filme em análise. O Quadro 2, apresenta respectivamente o personagem enunciador, o tempo do filme em que o palavrão é citado e o trecho que o contém.

Quadro 2 - Excertos coletados

PERSONAGEM	TEMPO	TRECHO
Nascimento	02:35	É só nego de R15, HK e por aí vai.
Voz masculina	03:49	Na contenção aí neguinho .
Nascimento	04:14	Quando o convencional honesto sobe o morro geralmente dá merda .
Voz masculina	04:45	Caralho rapá... Porra .
Voz masculina	04:49	Joga essa porra, vacilão .

Policial indistinto	04:50	Vai me deixar desarmado mermão – Bora rapá, bora porra!
Voz masculina	05:05	Me dá essa porra logo.
Neto	05:10	Peraí caralho .
Matias	05:15	Hi caralho .
Voz masculina	05:40	Caralho... que tiro é esse aí?
Voz masculina	05:46	Vem comigo porra!
Matias	05:48	Caralho, filha-da-puta!
Voz masculina	06:00	Tá fudido, fudeu, porra!
Voz masculina	06:02	Porra!
Voz masculina	06:03	Pega esses caras Porra!
Voz masculina	06:05	Porra!
Voz masculina	06:15	Filha-da-puta... Caralho!
Voz masculina	06:20	Seus filha-da-puta!
Matias	06:27	Porra... fudeu mané!
Matias	06:39	Fudeu, fudeu cara!
Matias	06:43	Caralho!
Voz masculina	06:50	Caralho... atira nesses filha-da-puta... Porra!
Nascimento	09:45	Caralho. Vontade de meter tiro nesses filha-da-puta... Esses filha-da-puta da PM.
Nascimento	10:12	Então senta o dedo nessa porra!
Nascimento	12:36	Eu lembro que meu primeiro dia, porra , me impressionou pra caralho .
Fábio	12:35	A sua função é fazer essa porra toda aqui funcionar!
Nascimento	15:22	No Brasil preto e pobre não tem muita chance na vida!
Fábio	14:08	Tá bom, Tião. Não quero mais saber dessas porra não. Essa pica não é mais minha! Essa pica agora é do aspira...
Nascimento	15:22	No Brasil preto e pobre não tem muita chance na vida!
Matias	17:48	Porra Neto! Para com esse merda aí.
Neto	18:04	Tá maluco? O que tu vai fazer na favela porra?
Neto	18:07	Faz essa porra sozinho e dá um jeito.
Nascimento	18:50	Eu não tinha nada contra o Matias fazer faculdade. O que me deixava puto era ele não saber que um policial não era um estudante como os outros!
Nascimento	20:23	Eu não sei como o Matias não percebia a cagada que ele ia fazer!
Nascimento	23:40	Esse papo de consciência social é uma puta de uma hipocrisia.
Nascimento	23:50	Eu sei como termina a história do Baiano. Mas eu não sei como começou. Ele deve ter tido uma infância fudida . Eu não vou aliviar por causa disso. Mas pelo menos eu entendo como ele chegou onde chegou.
Nascimento	24:16	O que me fode é o sujeito que nasce com oportunidade e termina entrando nessa vida.
Nascimento	26:05	Já avisei que vai dar merda!
Nascimento	27:00	Numa situação normal eu só ia ficar puto , mas meu filho ia nascer e eu não queria morrer à toa!
Voz masculina de policial indistinto	28:20	Deita porra! porra... porra!
Nascimento	29:23	Quem matou esse cara aqui? Foi um de vocês... um de vocês o caralho! Um de vocês é o caralho! Quem matou esse cara aqui foi você seu viado... é você quem financia essa merda aqui... seu maconheiro, seu merda... a gente vem aqui pra

		desfazer a merda que você faz. É você quem financia essa merda . Seu viado !
Nascimento	30:12	Fala agora... aponta essa porra . Aponta essa porra . É tu mesmo filha-da-puta . Deu sorte hein!
Voz masculina de policial indistinto	30:28	Tô de brincadeira nessa merda não porra !
Neto	35:40	Espera aí, deixa o cara terminar aqui porra !
Neto	36:01	Tem carburador ou não tem carburador nessa porra ?
Mecânico da oficina do batalhão	36:11	Porra , tu tá a fim de me sacanear. Tem carburador sim.
Neto	36:39	Que guarnição que trocou essa porra Tião?
Neto	36:51	Normal? Vocês tão maluco porra ?! Vocês tão me ouvindo porra ? Putaquepariu mermão!
Nascimento	37:15	Ele não ia desistir até resolver os problemas da corporação, só podia dar merda !
Capitão Oliveira	37:37	Não deixa arrear a viatura do tenente. Ele pediu atenção especial nessa porra !
Capitão Oliveira	37:47	Caralho , peça pra caralho hein!
Neto	38:14	Não entrei na polícia pra trabalhar em oficina não porra !
Fábio	38:18	Vai pra putaquepariu segue seu caminho aí!!!!
Mecânico	39:26	Tem até reboque tem nessa porra !
Fábio	39:28	Quem deu a porra dessa ordem? Quem deu essa ordem porra ?
Fábio	39:39	Caralho! Vem porra que porra essa tá metendo a caneta... caralho... a área é minha. E o Ademar é amigo do batalhão porra .
Policial indistinto	39:50	Tô cumprindo ordem. – Ordem de quem porra ? – Que birra é essa porra ?
Nascimento	40:02	Quer um exemplo... o governo tava tão fudido que não tinha grana pra comprar reboque pra polícia...
Fábio	40:16	Que porra é essa? Aqui não pode não. Tem que aliviar. Ademar é amigo do batalhão porra !
Neto	40:50	Fala das minhas peças porra !
Fábio	40:54	Alô? Filha-da-puta desligou na minha cara!
Neto	40:55	E minhas peças porra !
Neto	41:44	Caralho! Agora que eu entendi essa porra ...
Fábio	41:49	Antes todo mundo dividia dinheiro... agora a gente fica na merda !
Capitão Paulo	41:26	Esse coronel tá fudendo é todo mundo!
Nascimento	43:47	Eu não tô conseguindo respirar... Caralho , eu não vou conseguir!
Nascimento	44:00	Vê essa porra aí direito.
Nascimento	44:20	Tô quieto e de repente começo a tremer, zumbido no ouvido, a mão começa a tremer porra !
Nascimento	44:35	Psiquiatria? Que porra é essa?
Coronel Otávio	45:11	Porra estevam... esse relatório vai fuder comigo! Dois homicídios por mês, como eu vou apresentar esse relatório pro comando?
Coronel Otávio	45:23	Aspira quer fuder comigo?
Fábio	46:25	Mas são aqueles filhas-da-puta coronel pegam os corpos e jogam lá.
Matias	48:46	Porra mermão, cê tá de sacanagem, tá estragando a porra da mancha criminal.
Matias	48:55	Que plano? Putaquepariu ... esse cara tá maluco.
Neto	49:00	Fede pra caralho ... caralho! Quem tá se fudendo naquele batalhão sou eu por causa daquele comandante...

Fábio	49:13	Tô fudido e sem dinheiro... Oh lá o Oliveira o filho-da-puta lá oh... esquema honesto... filha-da-puta honesto...
Fábio	49:55	Seis conto por semana, isso na minha época... Caralho.. filha-da-puta pegava dinheiro pra caralho...
Neto	50:13	Vou levantar aquela porra toda. não quero ficar naquela oficina não!
Matias	50:17	Tu não quer fuder o coronel?
Fábio	50:19	Cês tão querendo é me fuder ?
Neto	50:27	Qual é Fábio porra... porra! Aí, tu não vai amarelar nessa porra não né André!
Operador do jogo do bicho	51:36	Teu camarada passou aí falou que tu tava fudido .
Criminoso	51:36	Eu, fudido ?!
Coronel Otávio	51:47	Putaquepariu que filha-da-puta!
Nascimento	51:49	Porra foi genial!
Nascimento	52:01	O Neto usou o sistema contra o próprio sistema, foi uma ideia brilhante, mas uma puta de uma burrice!
Personagem masculino	53:38	Eu vou botar uma pilha nesse filha-da-puta peraf.
Nascimento	56:07	Toda vez que eu pensava no meu filho eu me lembrava da mãe do fogueteiro... caralho deve ser foda não enterrar o filho.
Fábio	56:54	Que porra é essa aspira? Você de fuzil... pelo amor de Deus não vai me fuder lá em cima...
Neto	57:43	Matias... eu acho que deu merda a parada mermão.
Voz masculina	1:00:00	Dá tiro neles porra!
Voz masculina de policial indistinto	1:00:00	Caralho!
Voz masculina de criminoso indistinto	1:00:00	Caralho mané, tá atirando um no outro...
Voz masculina de policial indistinto	1:00:00	Caralho mané... tá atirando é o caralho filha-da-puta . Cobre aí... atira nessa merda!
Fábio	1:00:24	Só tenho mais uma munição porra!
Policial indistinto	1:00:30	Caralho tá fora de área essa merda!
Fábio	1:00:32	Vai se fuder seu merda .
Nascimento	1:00:53	Que pariu!
Policial indistinto	1:01:50	Acorda porra!
Nascimento	01:02:00	Foda os cara faz a merda e a gente tem que limpar. Vamos pro Babilônia!
Policial indistinto	01:02:07	Vira seu merda!
Voz masculina	01:02:13	Porra! Porra! Caralho... Caralho tá fudido!
Fábio	01:02:35	Atira filha-da-puta!
Neto	01:02:58	A gente vai morrer porra nenhuma... Larga o dedo neles porra... Caralho! Fica quieto então aí porra!
Matias	01:03:07	É tiro pra caramba mermão... Caralho... Caralho... Caralho!
Neto	01:05:20	Caralho calma aê porra , pesado pra caralho, porra!
Voz masculina	01:05:47	Sai daí com essa porra... caralho... porra .
Nascimento	01:06:32	Que negócio feio da porra!
Nascimento	01:08:34	Inventou que ia viajar e ainda fez ela procurar estágio pra ele. Putadeuma cagada! No BOPE negonego dividido não se cria!
Personagem masculino	01:08:58	É melhor você arrumar outro namorado Maria... deu merda!
Baiano	01:09:35	Tá de caô com a minha cara porra? Responde caralho! Cala a porra dessa boca rapaz! Filha-da-puta!

Nascimento	01:16:44	O senhor vai ter que comer essa merda vomitada. Todo mundo vai ter que comer essa merda , e a culpa é do zero dois
Nascimento	01:17:35	Quando eu sou o instrutor os corruptos se fodem primeiro!
Voz masculina	01:17:41	Eu tô fudido caralho minha perna.
Neto	01:17:47	Tira esse bota aí porra!
Neto	01:17:54	Vai ficar na merda , teu pé tá úmido porra. Teu pé tá todo fudido mermão, tira essa porra desse coturno.
Nascimento	01:18:43	E o seu coturno que está desamarrado, seu merda . Seu animal . Seu merda . Seu animal , o lugar do senhor é com puta!
Voz masculina	01:20:02	Pede pra ir embora seu merda!
Voz masculina	01:20:46	É um merda!
Nascimento	01:21:06	Que se fôda os fracos e os corruptos.
Maria	01:22:09	Você é um filho-da-puta de um mentiroso. Um filho-da-puta de um mentiroso.
Nascimento	01:22:35	Tem um cara lá bom pra caramba. Porra pilhadão!
Nascimento	01:23:43	O senhor vai enfiar no cú ? Então bota a porra da bandoleira. Porra , 20 anos de curso porra!
Voz masculina	01:25:38	Porra , sujou, sujou, porra!
Nascimento	01:25:28	Caralho . Volta porra... Porra!
Voz masculina	01:25:28	Porra... Caralho!
Nascimento	01:26:24	Volta porra , volta caralho!
Nascimento	01:28:05	Escolhi o garoto errado, me fudi!
Esp. Nascimento	01:28:05	Fala baixo teu filho tá dormindo porra!
Nascimento	01:28:06	Só tinha uma coisa que me deixava mais puto do que erro em operação... era a Rosani dizendo pra mim o que eu tinha que fazer...
Neto	01:28:41	Caralho parceiro, faça na caveira irmão!
Voz masculina	01:30:12	Calma aê porra... calma aê porra!
Matias	01:30:45	Não me misturo com [...] Traficantezinho de merda!
Baiano	01:31:23	Vou mandar botar platina no teu nariz. Tá cheirando pra caralho!
Voz masculina	01:31:43	Aquele PM filha-da-puta ameaçou me prender. Que parada aí cuzão do caralho!
Neto	01:32:17	Porra tua oportunidade, você tá estudando pra isso. Pega essa porra desse trabalho mermão.
Baiano	01:32:28	ONG de cú é rola que horas porra .
Baiano	01:34:38	Filha-da-puta... filha-da-puta... não atira não!
	01:34:40	Que porra é essa? Que porra é essa, porra? Ah porra... filha-da-puta . É do BOPE porra!
Voz masculina	01:37:27	Vai queimar desgraçado!
Voz masculina	01:35:40	Que porra é essa? Bora porra, puta merda .
Nascimento	01:38:03	Quem manda nessa porra aqui sou eu! Quem manda nessa porra aqui sou eu!
Policial	01:41:35	Cadê o merda do teu namorado? Cadê o merda do teu namorado? Olha pra mim. Cadê o cara porra? Cadê o cara porra?
Policial	01:42:10	Perdeu, perdeu não fala porra nenhuma... não faz porra nenhuma... porra nenhuma... cadê o Baiano porra... cadê o Baiano porra... cadê a porra do Baiano filha-da-puta...
Matias	01:43:57	Filha-da-puta... porra. Porra... filha-da-puta... porra... vai se fuder... filha-da-puta... ele matou meu amigo porra... vocês são um bando de filha-da-puta... Filha-da-puta.

Policial	01:44:40	Porra rapá... onde tá a porra da maconha... porra filha-da-puta ... onde é que tá a porra da maconha... onde é que tá a porra da maconha porra ... tá bom porra - Então pega logo essa porra ... filha-da-puta . Vumbora porra ... vumbora porra ... vumbora porra .
Policiais	01:45:29	Porra , encosta porra vamos desentocar esses [...] casa por casa... vumbora [...] acorda...vai dar merda ... os moradores tão vendo o que a gente tá fazendo. Não sabe porra nenhuma...
Matias	01:47:30	Cadê a porra do baiano filha-da-puta ?... fala porra , tá foda capitão – tu vai falar filha-da-puta . Tu vai falar porra ... caralho ... caralho ... porra . Nessa porra . Aqui... fala logo porra !
Baiano	01:48:31	Tranquilo é o caralho , porra !
Nascimento	01:49:23	Você já perdeu seu filha-da-puta ... você já perdeu!
Baiano	01:49:50	Peraí porra ! Caralho , perai porra , na cara não porra !
*Total de palavrões: 290.		

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

O Quadro 2 acima apresenta todos os registros de palavrões extraídos com precisão da película do longa em análise. Optou-se por incluir os palavrões proferidos não apenas pelos personagens principais, como também por figurantes e coadjuvantes. Em algumas cenas, principalmente as que dispõem de confrontos entre policiais e criminosos, ou cenas com muita aglomeração de personagens, foi possível ouvir apenas a voz de quem emitia o xingamento, e estas eram igualmente anotadas. Os palavrões coletados serviram de insumo para a pesquisa. No próximo subcapítulo trata-se de cada um deles, separadamente.

4.2.1 Os frames de conteúdo dos palavrões

Baseados nos pressupostos teóricos de Jay (2009), Pinker (2012) e Swan (2005), formulou-se um quadro abrangendo cinco tipos de *frames* de conteúdo para os palavrões do filme, quais sejam: referência sexual, partes do corpo, blasfêmia, objetos repugnantes, e mulheres e grupos desfavorecidos. Este subcapítulo trata de cada tipo separadamente, e os palavrões contidos nos quadros foram retirados do Quadro 2. Devido ao grande volume de palavrões no filme, em uma mesma sentença pode haver a presença de palavrões de outras categorias, motivo pelo qual estão em negrito e sublinhados os vocábulos examinados da vez.

Quadro 3 - Referência sexual

PERSONAGEM	TEMPO	TRECHO
------------	-------	--------

Voz masculina	06:00	Tá fudido, fudeu...
Matias	06:27	Fudeu mané.
Matias	06:39	fudeu, fudeu cara.
Nascimento	23:50	Ele deve ter tido uma infância fudida .
Nascimento	24:16	O que me fode é o sujeito que nasce com oportunidade e termina entrando nessa vida.
Nascimento	40:02	Quer um exemplo... o Governo tava tão fudido que não tinha grana pra comprar reboque pra polícia...
Capitão Paulo	41:26	Esse coronel tá fudendo é todo mundo!
Coronel Otávio	45:11	Esse relatório vai fuder comigo!
Coronel Otávio	45:23	Aspira quer fuder comigo?
Neto	49:00	Quem tá se fudendo naquele batalhão sou eu por causa daquele comandante.
Fábio	49:13	Tô fudido e sem dinheiro.
Matias	50:17	Tu não quer fuder o coronel?
Fábio	50:19	Cês tão querendo é me fuder .
Operador do jogo do bicho	51:36	Teu camarada passou aí falou que tu tava fudido .
Criminoso	51:36	Eu fudido ?!
Nascimento	56:07	Deve ser foda não enterrar o filho...
Fábio	56:54	Pelo amor de Deus não vai me fuder lá em cima...
Fábio	1:00:32	Vai se fuder !
Nascimento	01:02:00	Foda os cara faz a merda e a gente tem que limpar!
Voz masculina	01:02:13	Tá fudido !
Nascimento	01:17:35	Quando eu sou o instrutor os corruptos se fodem primeiro!
Voz masculina	01:17:41	Eu tô fudido .
Neto	01:17:54	Teu pé tá todo fudido mermao...
Nascimento	01:21:06	Que se fôda os fracos e os corruptos.
Nascimento	01:28:05	Escolhi o garoto errado me fudi .

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

O português brasileiro conta com um conjunto expressivo de palavrões de cunho sexual, portanto o primeiro tipo a ser analisado neste trabalho é a referência sexual dos palavrões retirados do *corpus* do subcapítulo anterior. Para Pinker (2012, p. 395): “Há muita coisa em jogo no sexo, como exploração, doença, ilegitimidade, incesto, ciúme, violência conjugal, traição, abandono, hostilidades, violência e estupro”. Em resumo, os palavrões em geral trazem conotação sexual, pois nem sempre o sexo está ligado ao prazer unicamente, como também a uma diversidade de pensamentos desagradáveis.

Dos 290 registros de palavrões do filme, as formas “fudido”, “fudida”, “fudeu”, “fudendo”, “fuder”, “fode”, “fudi”, “fodem”, “foda” e “fôda” somaram 29 realizações. Chamou atenção para esta pesquisa a dinamicidade do vocábulo “foder”, que pode sofrer diversas alterações em sua forma durante o discurso.

Quadro 4 - Partes do corpo

PERSONAGEM	TEMPO	TRECHO
------------	-------	--------

Voz masculina	04:45	Caralho rapá...
Neto	05:10	Peraí caralho .
Matias	05:15	Hi caralho!
Voz masculina	05:40	Caralho ... que tiro é esse aí?
Matias	05:48	Caralho ...
Voz masculina	06:15	Caralho!
Matias	06:43	Caralho!
Voz masculina	06:50	Caralho!
Nascimento	09:45	Caralho . Vontade de meter tiro nesses filha da puta.
Nascimento	12:36	Me impressionou pra caralho!
Fábio	14:08	Essa pica não é mais minha! Essa pica agora é do aspira...
Nascimento	29:23	Quem matou esse cara aqui? Foi um de vocês... Um de vocês o caralho! Um de vocês é o caralho!
Capitão Oliveira	37:47	Caralho , peça pra caralho hein!
Fábio	39:39	Caralho! Vem porra!
Neto	41:44	Caralho . Agora que eu entendi essa porra.
Nascimento	43:47	Eu não tô conseguindo respirar... Caralho , eu não vou conseguir!
Neto	49:00	Fede pra caralho ... caralho!
Fábio	49:55	Seis conto por semana isso na minha época... caralho ... Filha-da-puta pegava dinheiro pra caralho ...
Nascimento	56:07	Toda vez que eu pensava no meu filho eu me lembrava da mãe do fogueteiro... caralho deve ser foda não enterrar o filho.
Voz masculina de policial indistinto	1:00:00	Caralho!
Voz masculina de criminoso indistinto	1:00:00	Caralho mané tá atirando um no outro.
Voz masculina de policial indistinto	1:00:00	Caralho mané... tá atirando é o caralho filha-da-puta. Cobre aí... atira nessa merda!
Policial indistinto	1:00:30	Caralho tá fora de área essa merda.
Voz masculina	01:02:13	Caralho . Caralho tá fudido.
Neto	01:02:58	Caralho! Fica quieto então aí porra.
Matias	01:03:07	É tiro pra caramba mermão... Caralho! Caralho , caralho!
Neto	01:05:20	Caralho calma aê porra pesado pra caralho ... porra.
Voz masculina	01:05:47	Sai daí com essa porra caralho ... porra.
Baiano	01:09:35	Responde caralho!
Voz masculina	01:17:41	Eu tô fudido... caralho minha perna!
Nascimento	01:23:43	O senhor vai enfiar no cú ? Então bota a porra da bandoleira!!!
Nascimento	01:25:28	Caralho . Volta porra... porra!
Voz masculina	01:25:28	Porra... Caralho!
Nascimento	01:26:24	Volta caralho!
Neto	01:28:41	Caralho parceiro, faça na caveira irmão!
Baiano	01:31:23	Vou mandar botar platina no teu nariz. Tá cheirando pra caralho .
Voz masculina	01:31:43	Que parada ai cuzão do caralho!
Baiano	01:32:28	ONG de cú é rola!
Matias	01:47:30	Tu vai falar porra... caralho ... caralho ...
Baiano	01:48:31	Tranquilo é o caralho porra.
Baiano	01:49:50	Peraí porra. Caralho peraí!

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Os vocábulos referentes às partes do corpo somaram 53 registros, sendo que o palavrão “caralho” obteve 49 entradas. O vocábulo “caralho” possui uma ampla vantagem sobre os outros palavrões referentes às partes do corpo no *corpus* desta pesquisa. Este é sempre usado na forma de substantivo, sem conjugações ou adição de desinências. O vocábulo “pica”, que tal qual a palavra “caralho” refere-se ao órgão genital masculino, recebe conotação de problema durante a fala do personagem no filme. O registro “rola”, que também remete ao órgão genital masculino, aparece na fala do personagem Baiano dentro da conhecida expressão “de cú é rola”, usado geralmente de forma agressiva. O registro “cú” aparece pela segunda e última vez no filme em um diálogo entre o capitão Nascimento e um aspirante no minuto 01:23:43. A palavra é dita em seu sentido original, e de modo bastante ofensivo. A palavra “cuzão” aparece no minuto 01:31:43, relacionada à covardia. Não há registros de palavrões relacionados ao órgão sexual feminino. Sobre a valorização do órgão sexual masculino no discurso, a escritora Andrea Dwokin (1982, p. 23, tradução nossa⁴²), corrobora que: “A vitalidade inerente à virilidade como qualidade é considerada uma expressão exclusivamente masculina de energia, em seu caráter básico sexual, em sua origem biológica, rastreável ao próprio pênis”. Preti (1984) concorda com esta afirmação ao dizer que o vocabulário voltado para o órgão sexual masculino ressalta toda uma ideologia sexual, falocrática e machista. O universo do filme, predominantemente formado por homens, o órgão sexual masculino normalmente está associado à força e à pujança.

Quadro 5 - Mulheres e grupos desfavorecidos

PERSONAGEM	TEMPO	TRECHO
Nascimento	02:35	É só nego de R15, HK e por aí vai.
Voz masculina	03:49	Na contenção aí nequinho .
Matias	05:48	Caralho, filha-da-puta!
Voz masculina	06:15	Filha-da-puta ... Caralho!
Voz masculina	06:20	Seus filha-da-puta .
Voz masculina	06:50	Atira nesses filha-da-puta .
Nascimento	09:45	Vontade de meter tiro nesses filha-da-puta ... Esses filha-da-puta da PM.
Nascimento	15:22	No Brasil preto e pobre não têm muita chance na vida!
Nascimento	27:00	Numa situação normal eu só ia ficar puto , mas meu filho ia nascer e eu não queria morrer à toa!

⁴² The vitality inherent in virility as a quality is held to be an exclusive masculine expression of energy, in its basic character sexual, in its origin biological, traceable to the penis itself.

Nascimento	29:23	Quem matou esse cara aqui foi você seu viado ... É você quem financia essa merda aqui. Seu viado !
Nascimento	30:12	É tu mesmo filha-da-puta . Deu sorte hein!
Neto	36:51	Putaquepariu mermão!
Fábio	38:18	Vai pra putaque-te-pariu , segue seu caminho aí...
Fábio	40:54	Alô? Filha-da-puta desligou na minha cara!
Fábio	46:25	Mas são aqueles filhas-da-puta coronel que pegam os corpos e jogam lá!
Matias	48:55	Que plano? Putaquepariu ... Esse cara tá maluco.
Fábio	49:13	Oh lá o Oliveira, o filho-da-puta , lá oh... Esquema honesto... Filha-da-puta honesto!
Fábio	49:55	Seis conto por semana isso na minha época... caralho... Filha-da-puta pegava dinheiro pra caralho.
Coronel Otávio	51:47	Putaquepariu que filha-da-puta !
Nascimento	52:01	O Neto usou o sistema contra o próprio sistema, foi uma ideia brilhante, mas uma puta de uma burrice!
Personagem masculino	53:38	Eu vou botar uma pilha nesse filha-da-puta , peraf.
Voz masculina de policial indistinto	1:00:00	Tá atirando é o caralho filha-da-puta ... cobre aí... Atira nessa merda!
Nascimento	1:00:53	Putaquepariu !
Fábio	01:02:35	Atira filha-da-puta !
Nascimento	01:08:34	Inventou que ia viajar e ainda fez ela procurar estágio pra ele. Putaquepariu de uma cagada!
Baiano	01:09:35	Cala a porra dessa boca rapaz! Filha-da-puta !
Maria	01:22:09	Você é um filho-da-puta de um mentiroso. Um filho-da-puta de um mentiroso!
Nascimento	01:28:06	Só tinha uma coisa que me deixava mais puto do que erro em operação... era a Rosani dizendo pra mim o que eu tinha que fazer...
Voz masculina	01:31:43	Aquele PM filha-da-puta ameaçou me prender!
Baiano	01:34:38	Filha-da-puta ... filha-da-puta ... não atira não!
Baiano	01:34:40	Ah porra... filha-da-puta . É do BOPE porra!
Voz masculina	01:35:40	Bora porra. Putaquepariu merda.
Policial	01:42:10	Cadê a porra do Baiano filha-da-puta ?
Matias	01:43:57	Filha-da-puta ... Filha-da-puta porra. Filha-da-puta ... Ele matou meu amigo porra... Vocês são um bando de filha-da-puta ... Filha-da-puta !
Policial	01:44:40	Filha-da-puta , onde é que tá a porra da maconha? Então pega logo essa porra, filha-da-puta !
Matias	01:47:30	Filha-da-puta ... tu vai falar filha-da-puta .
Nascimento	01:49:23	Você já perdeu seu filha-da-puta ... você já perdeu.

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Os vocábulos referentes às mulheres e grupos desfavorecidos somaram nesta pesquisa um total de 34 registros. No filme optou-se pela realização “filha-da-puta”, na maioria das vezes. Os dois adjetivos no feminino reforçam a ideia da degradação associada à mulher e à prostituição, uma vez que quem recebe os xingamentos são os personagens do gênero masculino. A palavra “puta” apresentou uma tendência de naturalização, uma vez que é usado como intensificador, como na expressão “puta de uma burrice”, dita pelo capitão Nascimento no minuto 00:52:01.

Sobre essa alteração supracitada de sentido da palavra “puta”, Pinker (2012) concorda que haja uma tendência de dessensibilização de xingamentos relativos à mulher atualmente, muito embora os epítetos “puta-que-o-pariu”, “puta-que-te-pariu” ou simplesmente que “pariu” ainda estejam dentro de um enquadramento de desmoralização ao sexo feminino, uma vez que trazem no filme uma carga emocional negativa. O registro “puto” aparece com uma certa leveza no trecho de 01:28:06 dito pelo capitão Nascimento: “só tem uma coisa que me deixava mais puto”. A palavra “puta” ganha uma nuance de aborrecimento ou contrariedade em sua versão masculina.

Em se tratando de grupos desfavorecidos, as palavras “nego”, “neguinho” e “preto”, apresentadas no filme, são normalmente insultos. Pinker (2012, p. 376) traz que, “[...] ao mesmo tempo, esses termos não foram exatamente neutralizados, mas são ostentados num sinal de resistência e solidariedade, precisamente pelo fato de ainda serem ofensivos na comunidade linguística em geral”). Em “Tropa de Elite - missão dada é missão cumprida”, essas expressões são apresentadas com uma conotação não ofensiva, pois se referem a pessoas. O registro “viado”, proferido pelo personagem Nascimento, de maneira insultuosa no minuto 00:29:23, é um desfemismo ao homossexual do sexo masculino, e é colocado numa esfera negativa no filme, muito embora Pinker (2012) afirme que ele também apresente uma tendência à dessensibilização.

Quadro 6 - Objetos repugnantes

PERSONAGEM	TEMPO	TRECHO
Nascimento	04:14	Quando o convencional honesto sobe o morro geralmente dá merda .
Voz masculina	04:45	Caralho rapá... Porra!
Voz masculina	04:49	Joga essa porra!
Policial indistinto	04:50	Bora rapá, bora porra!
Voz masculina	05:05	Me dá essa porra logo!
Voz masculina	05:46	Vem comigo porra!
Voz masculina	06:00	Tá fudido, fudeu, porra!
Voz masculina	06:02	Porra!
Voz masculina	06:03	Pega esses caras porra!
Voz masculina	06:05	Porra!
Matias	06:27	Porra ... fudeu mané.
Voz masculina	06:50	Atira nesses filha-da-puta... Porra!
Nascimento	10:12	Então senta o dedo nessa porra!
Nascimento	12:36	Eu lembro que meu primeiro dia, porra , me impressionou pra caralho!
Fábio	12:35	A sua função é fazer essa porra toda aqui funcionar!

Fábio	14:08	Tá bom, Tião. Não quero mais saber dessas porra não.
Matias	17:48	Porra Neto! Para com essa merda aí!
Neto	18:04	Tá maluco? O que tu vai fazer na favela porra !
Neto	18:07	Faz essa porra sozinho e dá um jeito!
Nascimento	20:23	Eu não sei como o Matias não percebia a cagada que ele ia fazer!
Nascimento	26:05	Já avisei que vai dar merda !
Voz masculina de policial indistinto	28:20	Deita porra ! Porra... Porra!
Nascimento	29:23	É você quem financia essa merda aqui... seu maconheiro, seu merda ... a gente vem aqui pra desfazer a merda que você faz. É você quem financia essa merda .
Nascimento	30:12	Fala agora... aponta essa porra . Aponta essa porra !
Voz masculina de policial indistinto	30:28	Tô de brincadeira nessa merda não porra !
Neto	35:40	Espera aí, deixa o cara terminar aqui porra !
Neto	36:01	Tem carburador ou não tem carburador nessa porra ?
Mecânico da oficina do batalhão	36:11	Porra tu tá a fim de me sacanear?
Neto	36:39	Que guarnição que trocou essa porra Tião?
Neto	36:51	Normal? Vocês tão maluco porra ?! Vocês tão me ouvindo porra ?
Nascimento	37:15	Ele não ia desistir até resolver os problemas da corporação, só podia dar merda !
Capitão Oliveira	37:37	Não deixa arrear a viatura do tenente ele pediu atenção especial nessa porra !
Neto	38:14	Não entrei na polícia pra trabalhar em oficina não porra !
Mecânico	39:26	Tem até reboque tem nessa porra !
Fábio	39:28	Quem deu a porra dessa ordem? Quem deu essa ordem porra ?
Fábio	39:39	Vem porra , que porra essa tá metendo a caneta... caralho... a área é minha. E o Ademar é amigo do batalhão porra !
Policial indistinto	39:50	Tô cumprindo ordem. – Ordem de quem porra ? – Que birra é essa porra ?
Fábio	40:16	Que porra é essa? Aqui não pode não. Tem que aliviar. Ademar é amigo do batalhão porra !
Neto	40:50	Fala das minhas peças porra !
Neto	40:55	E minhas peças porra !
Neto	41:44	Agora que eu entendi essa porra !
Fábio	41:49	Agora a gente fica na merda !
Nascimento	44:00	Vê essa porra aí direito.
Nascimento	44:20	Tô quieto e de repente começo a tremer, zumbido no ouvido, a mão começa a tremer porra !
Nascimento	44:35	Psiquiatria? Que porra é essa?
Coronel Otávio	45:11	Porra ! Estavam... esse relatório vai fuder comigo!
Matias	48:46	Porra mermão, cê tá de sacanagem!
Nascimento	51:49	Porra foi genial!
Fábio	56:54	Que porra é essa aspira?
Neto	57:43	Matias, eu acho que deu merda a parada mermão!
Voz masculina	1:00:00	Dá tiro neles porra !
Voz masculina de policial indistinto	1:00:00	Atira nessa merda !
Fábio	1:00:24	Só tenho mais uma munição porra !
Policial indistinto	1:00:30	Tá fora de área essa merda !
Fábio	1:00:32	Vai se fuder seu merda !

Policial indistinto	1:01:50	Acorda porra!
Nascimento	01:02:00	Os cara faz a merda e a gente tem que limpar.
Policial indistinto	01:02:07	Vira seu merda!
Voz masculina	01:02:13	Porra! Porra!
Neto	01:02:58	A gente vai morrer porra nenhuma... larga o dedo neles porra! Fica quieto então aí porra!
Neto	01:05:20	Calma aê porra , pesado pra caralho porra!
Voz masculina	01:05:47	Sai daí com essa porra... porra!
Nascimento	01:06:32	Que negócio feio da porra!
Nascimento	01:08:34	Inventou que ia viajar e ainda fez ela procurar estágio pra ele. Puta de uma caçada!
Personagem masculino	01:08:58	É melhor você arrumar outro namorado Maria... deu merda!
Baiano	01:09:35	Tá de caô com a minha cara porra! Responde caralho! Cala a porra dessa boca rapaz!
Nascimento	01:16:44	O senhor vai ter que comer essa merda vomitada. Todo mundo vai ter que comer essa merda!
Neto	01:17:47	Tira esse bota aí porra!
Neto	01:17:54	Vai ficar na merda , teu pé tá úmido porra , teu pé tá todo fudido mermão, tira essa porra desse coturno aí!
Nascimento	01:18:43	E o seu coturno que está desamarrado, seu merda . Seu animal. Seu merda!
Voz masculina	01:20:02	Pede pra ir embora seu merda!
Voz masculina	01:20:46	É um merda!
Nascimento	01:22:35	Tem um cara lá bom pra caramba. Porra pilhadão!
Nascimento	01:23:43	Então bota a porra da bandoleira. Porra , 20 anos de curso porra!
Voz masculina	01:25:38	Porra sujou, sujou, porra!
Nascimento	01:25:28	Volta porra... porra!
Voz masculina	01:25:28	Porra!
Nascimento	01:26:24	Volta porra!
Esp. Nascimento	01:28:05	Fala baixo teu filho tá dormindo porra!
Matias	01:30:45	Não me misturo com vagabundo. Traficantezinho de merda!
Neto	01:32:17	Porra tua oportunidade você tá estudando pra isso. Pega essa porra desse trabalho mermão.
Baiano	01:32:28	ONG de cú é rola. Que horas porra?
Baiano	01:34:40	Que porra é essa? Que porra é essa porra? Ah porra . É do BOPE porra!
Voz masculina	01:35:40	Que porra é essa? Bora porra! Puta merda!
Nascimento	01:38:03	Quem manda nessa porra aqui sou eu! Quem manda nessa porra aqui sou eu!
Policial	01:41:35	Cadê o merda do teu namorado? Cadê o merda do teu namorado? Olha pra mim. Cadê o cara porra? Cadê o cara porra?
Policial	01:42:10	Perdeu, perdeu, não fala porra nenhuma... não faz porra nenhuma... porra nenhuma... Cadê o Baiano porra... Cadê o Baiano porra! Cadê a porra do Baiano?
Matias	01:43:57	Porra... Porra... Porra... Porra!
Policial	01:44:40	Porra rapá... onde tá a porra da maconha... porra filha-da-puta. Onde é que tá a porra da maconha? Onde é que tá a porra da maconha porra... tá bom porra - Então pega logo essa

		porra... Vumbora porra... vumbora porra... vumbora porra!
Policiais	01:45:29	Porra , encosta porra vamos desentocar esses[...]. Vai dar merda... os moradores tão vendo o que a gente ta fazendo. Não sabe porra nenhuma.
Matias	01:47:30	Cadê a porra do Baiano? Fala porra... porra... porra... Nessa porra . Aqui... fala logo porra!
Baiano	01:48:31	Tranquilo é o caralho porra!
Baiano	01:49:50	Peraí porra! Caralho perai porra , na cara não porra!

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Vocábulo relativos a objetos repugnantes somaram, nesta pesquisa, 167 registros, dentre os quais a palavra “porra” obteve a maioria, seguido de “merda” e “cagada”. O vocábulo “porra” é relativo ao sémen humano; “merda” é o desfemismo de “fezes”, e “cagada” corresponde ao ato de excretá-las. O uso de líquidos e substâncias corporais como palavrão tem sua explicação no fato de tais eflúvios serem verdadeiramente repulsivos, e a intenção do interlocutor é obrigar o ouvinte a pensar sobre eles. Steven Pinker (2008, p. 23, tradução nossa⁴³) acrescenta que:

Embora a composição mais forte da reação de nojo seja um desejo de não comer ou tocar a substância ofensiva, também é nojento pensar em eflúvios, juntos com as partes do corpo e atividades que excretam eles. E, por causa da involuntabilidade de percepção da fala, é desagradável ouvir palavras relacionadas a eles.

Pelo caráter desagradável, típico dos palavrões, registros relativos a eflúvios corporais ou objetos repugnantes foram usados em larga escala na película.

Quadro 7 - Blasfêmia

PERSONAGEM	TEMPO	TRECHO
Voz masculina	01:37:27	Vai queimar desgraçado!

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

No longa-metragem em estudo houve apenas o registro de um vocábulo relativo à blasfêmia. A fala “desgraçado” remete literalmente a alguém sem a “graça” ou “luz divina”. Palavrões com chancela religiosa são comuns, apesar de terem tido apenas um registro na película. Chamar alguém de “desgraçado” é afirmar que a

⁴³ While the strongest makeup of the disgust reaction is a desire not to eat or touch the offending substance, it's also disgusting to think of effluvium, along with the body parts and activities that excrete them. And, because of the unwillingness of speech perception, it is unpleasant to hear words related to them.

vítima do palavrão é alguém “sem as bênçãos celestes”, o que vem a ser algo extremamente desagradável, especialmente para um país cristão como o Brasil.

4.2.2 Os frames de uso dos palavrões

Algumas amostras foram retiradas do *corpus* para a investigação dos *frames* de uso dos palavrões do filme “Tropa de Elite”, de 2007. Foram investigados os palavrões com mais repetições, para que o estudo dos *frames* de uso fizesse mais sentido, uma vez que não caberia na pesquisa analisar palavrões com baixo número de ocorrências.

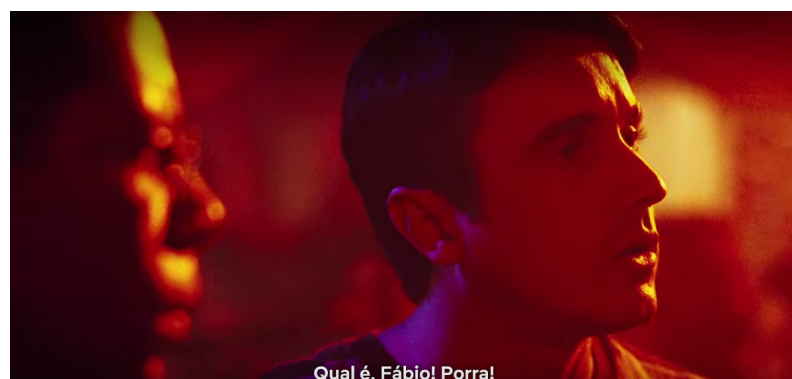
Os vocábulos escolhidos para esta amostragem foram: “porra”, “foder”, “caralho”, “filha(o)-da-puta”, “puta(o)” e “merda”. Ainda embasados nas categorias estabelecidas por Jay (2009), Pinker (2008, 2012) e Swan (2005), foram investigados os *frames* de uso catártico, idiomático, agressivo e empático. Foi elaborado um quadro para cada uma das categorias de *frame* de uso dos palavrões mais frequentes extraídos do longa. Os quadros deste subcapítulo serão discutidos mais profundamente na seção “reflexões sobre a análise”.

Quadro 8 - Catártico

PALAVRÃO	PERSONAGEM	TEMPO	TRECHO
Porra	Neto	50:27	Qual é Fábio porra ... Porra! Aí tu não vai amarelar nessa porra não né André?
Foder	Nascimento	01:02:00	Foda os caras fazem a merda e a gente tem que limpar. Vamos pro Babilônia!
Caralho	Neto	01:04:04	Caralho , os caras tão descendo mermão!
Filha da Puta	Matias	05:48	Caralho, filha-da-puta!
Put(a)o	Capitão	1:00:53	Que pariu!
Merda	Traficante	01:35:40	Put(a) merda!

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Figura 2 - Matias, Neto e Fábio discutem - minuto 00:50:51



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Quadro 9 - Empático

PALAVRÃO	PERSONAGEM	TEMPO	TRECHO
Porra	Fábio	39:28	Quem deu a porra dessa ordem? Quem deu essa ordem?
Foder	Nascimento	56:07	Toda vez que eu pensava no meu filho eu me lembrava da mãe do fogueteiro... deve ser foda não enterrar o filho.
Caralho	Nascimento	12:36	Eu lembro que meu primeiro dia [...] me impressionou pra caralho .
Filha da Puta	-	-	-
Putá (o)	Nascimento	01:08:34	Inventou que ia viajar e ainda fez ela procurar estágio pra ele. Putá de uma cagada!
Merda	Neto	57:43	Matias... eu acho que deu merda a parada mermão!

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Figura 3 - Neto e Fábio falam sobre propina, no minuto 00:39:55



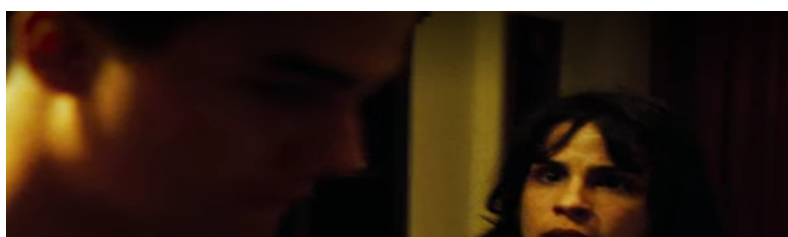
Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Quadro 10 - Agressivo

PALAVRÃO	PERSONAGEM	TEMPO	TRECHO
Porra	Rosane	01:28:05	Fala baixo, teu filho tá dormindo porra !
Foder	Fábio	1:00:32	Vai se fuder seu merda!
Caralho	Nascimento	01:26:24	Volta porra, peraí caralho !
Filha-da-Puta	Baiano	01:34:38	Filha-da-puta ... filha-da-puta ... não atira não.
Putá(o)	Nascimento	01:18:43	Seu animal, o lugar do senhor é com putá !
Merda	Nascimento	01:18:43	E o seu coturno que está desamarrado, seu merda . Seu animal. Seu merda !

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Figura 4 - Nascimento e Rosani brigam, no minuto 01:28:27



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Quadro 11 - Idiomático

PALAVRÃO	PERSONAGEM	TEMPO	TRECHO
Porra	Nascimento	44:35	Psiquiatria? Que porra é essa?
Foder	Coronel Otávio	45:23	Aspira quer foder comigo? [...] Vai chamar o Fábio vai!
Caralho	Neto	01:28:41	Caralho parceiro faça na caveira irmão.
Filha da Puta	Fábio	49:55	Seis conto por semana isso na minha época... Filha-da-puta pegava dinheiro pra caralho...
Put(o)	Nascimento	01:28:06	Só tinha uma coisa que me deixava mais puto do que erro em operação... era a Rosani dizendo pra mim o que eu tinha que fazer.
Merda	Neto	01:17:54	Vai ficar na merda teu pé tá úmido porra, teu pé tá todo fudido mermão, tira essa porra desse coturno aí.

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Figura 5 - Neto e Matias fazem emboscada. no minuto 00:05:00



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

4.3 Reflexões sobre a Análise

O exame sobre o uso do palavrão no filme “Tropa de Elite”, de 2007, sob a luz da semântica de *frames*, revelou que houve uma maior tendência de uso do palavrão “porra” pelos personagens, seja qual for a posição social ou hierárquica no enredo. É o que se pode constatar na Tabela 1 abaixo, a qual apresenta o números de ocorrência de cada palavrão do filme de forma isolada.

Tabela 1 - Ocorrência de cada palavrão no filme

PALAVRÃO	Nº DE OCORRÊNCIAS NO FILME
Porra	136
Caralho	49
Merda	29
Foder (e suas formas)	29
Filha(o)-da-puta	20
Putá	5
Putá-que-o-pariu (e suas formas)	5
Preto/Nego/Neguinho	4
Rola/Pica	3
Puto	3
Viado	2
Cagada	2
Cú	2
Desgraçado	1
Total	290

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

A larga frequência do registro “porra”, no filme foco da pesquisa, mostra que este vocábulo está presente em praticamente todos os diálogos, e em múltiplos panoramas. Isso se deve à versatilidade que este palavrão possui durante as falas. O conteúdo do registro “porra” se relaciona ao *frame* “objetos repugnantes”, por ser uma maneira vulgar de se referir ao “sêmen”. Os xingamentos pertencentes a este *frame* servem para obrigar o ouvinte a pensar em eflúvios desagradáveis, e que normalmente são vetores de doenças. Para Pinker (2012, p. 393), “é nojento pensar nos fluidos corporais [...] e, devido à involuntariedade da percepção da fala, é desagradável ouvir as palavras que as descrevem”. A repugnância que as palavras deste *frame* causam nos ouvintes explica o fato de estas terem se tornado palavrões.

Todos os xingamentos do filme couberam em pelo menos uma das categorias de *frames* de conteúdo (referência sexual, partes do corpo, blasfêmia,

objetos repugnantes, e mulheres e grupos desfavorecidos). Os palavrões “porra”, “caralho”, “merda”, “foder” e “filha(o)-da-puta” foram os mais citados no longa, e, apesar de pertencerem a diferentes *frames*, todos eles se vinculam à atividade sexual, se referindo a excrementos, órgãos sexuais, orifícios, prática sexual ou prostituição (incluem-se também os menos frequentes: “cú”, “cuzão”, “rola”, “pica” e “puta”). Isso demonstra que o conteúdo dos palavrões, em sua maioria, se vincula à ansiedade sexual dos falantes. Sobre isso, Jay (2009, p. 85, tradução nossa) considera que:

A sexualidade humana é um aspecto crítico da linguagem emotiva em geral e do xingamento em particular porque a sexualidade é um dos aspectos mais tabu da existência humana. A linguagem da sexualidade está intimamente ligada à vida emocional, à orientação sexual e aos hábitos ou estilo de xingar de uma pessoa. A sexualidade humana é representada de duas maneiras: O corpo sexual é representado como uma materialidade, e um conjunto de ideias sexuais ou linguagem sexual é desenvolvida sobre essa materialidade⁴⁴.

O palavrão “desgraçado” pertence ao *frame* “blasfêmia”, devido ao seu cunho religioso, se referindo a quem não possui “graça divina”. Este obteve apenas uma realização no longa-metragem, o que pode ser explicado pelo fato de que no enredo do filme é citada a chegada do Papa ao Rio de Janeiro, motivo pelo qual a operação principal do filme é realizada. Para Jay (2009), a religiosidade dos falantes afeta para mais ou para menos a frequência com que usam palavrões relativos à religião.

Os palavrões referentes à raça - “preto”, “nego” e “nequinho” -, foram alocados no conjunto do *frame* mulheres e grupos desfavorecidos. Estes xingamentos são altamente ofensivos (com exceção da palavra “preto”) e, segundo Jay (2009), eles apresentam uma baixa tendência de serem pronunciados em público. No filme elas foram apresentadas de forma dessensibilizada, como uma maneira informal de se referir às pessoas em geral, independente da origem étnica. A palavra “preto” foi aplicada ao personagem Matias, pelo capitão Nascimento, quando este o apresenta para o telespectador como “preto e pobre”.

⁴⁴ “Human sexuality is a critical aspect of emotional language in general and of cursing in particular because sexuality is one of the most tabooed aspects of human existence. The language of sexuality is intimately connected to one’s emotional life, one’s sexual orientation, and one’s cursing habits or style. Human sexuality becomes represented in two ways: The sexual body is represented as a materiality, and a set of sexual ideas or sexual language is developed about that materiality”.

Seguindo as categorias criadas por Jay (2008), Pinker (2008, 2012) e Swan (2005), foram investigados os *frames* de uso: catártico, idiomático, agressivo e empático. Algumas amostras dos palavrões com maior frequência na película - “porra”, “foder” (e suas variações), “caralho”, “filha(o)-da-puta”, “puta(o)” e “merda” foram usados. Os palavrões escolhidos para este exame foram encaixados aos *frames* de uso de acordo com a noção goffniana, que tem por premissa: decifrar a situação, os indivíduos em interação e capturar as tensões entre ritualização e vulnerabilidade do *frame*.

As nuances do *frame* precisam ser analisadas pelo investigador, mas sem a intenção de expor verdades absolutas, pois as lentes do observador também funcionam como filtro da situação. Goffman (1974) classifica esse fenômeno como parte inerente de um *frame*, pois o *background* de todos os envolvidos na análise do *frame* afeta o resultado. De todos os palavrões, apenas as amostras do vocábulo “filha-da-puta” não se encaixaram no *frame* de uso catártico e empático. Devido à sua forma de adjetivo, ele não se ajusta em situações diferentes desta função. Todos os demais analisados se incorporaram perfeitamente em todos os *frames* de uso, confirmando a teoria goffniana de que um mesmo vocábulo possui funções diversificadas, e o enquadramento das palavras é vulnerável à situação e ao *frame* dos atores em interação.

5 CONCLUSÃO

Realizar uma pesquisa sobre o palavrão no filme “Tropa de Elite: missão dada é missão cumprida”, de 2007, respaldando-se nas teorias da semântica de *frames*, possibilitou compreender que as palavras são parte de um movimento dinâmico, e constante, sendo decisiva uma adequada compreensão dos objetos em tensão, sejam eles a situação, os indivíduos nela envolvidos e os próprios *frames* que cada sujeito traz para o enquadramento. Através do estudo, pôde-se apurar que a compreensão do palavrão depende de diferentes forças atuando em múltiplas frentes. A interpretação do palavrão não está aberta a infinitas possibilidades, pois seu comportamento também está associado a rituais fixos; porém, sua percepção atua juntamente com o entendimento que os sujeitos têm dos contextos a eles atrelados, e de suas vulnerabilidades que são as variáveis.

Foi efetuado um estudo quantitativo e qualitativo do palavrão do filme “Tropa de Elite: missão dada é missão cumprida”, de modo a compreender seus *frames* de conteúdo e de uso, observando tanto a matéria inerente à palavra como também sua função no diálogo. Foi elaborada uma dissertação de quatro capítulos, para não só uma fiel transcrição dos palavrões do filme, mas também criterioso exame e avaliação dos padrões de uso, bem como das diferentes nuances que funcionam como moduladores de interpretação. No capítulo que segue a introdução, o segundo, foi feito um delineamento sobre a teoria da semântica de *frames* desenvolvida por Fillmore, Lakoff e Johnson, e Goffman. O conceito de *frame* de Fillmore, Lakoff e Johnson relaciona-se às palavras e às imagens que elas evocam no diálogo. Mas, para Goffman, os *frames* têm uma tonalidade associada à interação e aos próprios usuários da língua, que são responsáveis diretos pelo processo de interpretação dos eventos.

No terceiro capítulo, foram trazidas considerações referentes ao palavrão: os termos, seu conteúdo e suas funções nos diálogos, tendo em conta os olhares teórico-filosóficos de Dino Preti, Pierre Guiraud e Émile Benveniste. Assim sendo, suscitou-se uma análise sobre os tipos de palavrão e suas funções no diálogo também ancorados nas pesquisas dos autores Steven Pinker, Timothy Jay e Robert Swan. As nomenclaturas apresentadas por esses autores, para designar os tipos e usos dos palavrões foram devidamente analisadas nesse capítulo. Através desse exame, definiu-se que o palavrão possui uma característica bem mais vinculada à

transmissão de um sentimento do que a informação do conteúdo da palavra. Esse último cede lugar ao ímpeto de comunicar sentimentos mais catárticos, agressivos ou informais.

No quarto capítulo, foi apresentado o percurso metodológico da pesquisa, incluindo: tanto sua caracterização quanto suas etapas de coleta e seleção do material, composição do *corpus*, análise dos palavrões extraídos do filme em questão. No tocante às análises, o *corpus* a ser analisado foi revisado e a história, o enredo e o panorama em que se insere foram esmiuçados, de modo que os palavrões nele presentes puderam ser compreendidos por meio de uma perspectiva contextualizada. Consequentemente, foi possível verificar os palavrões dentro dos diálogos transcritos, para posteriormente serem analisados os conteúdos a que se referem e seus usos.

A análise incidiu no exame de todos os palavrões do filme, para que, em seguida, fossem classificados dentro dos *frames* de conteúdo e de uso. Esse diagnóstico foi concebido por meio da busca da referência dos palavrões do filme e, posteriormente, da captação das modulações ou variações dos *frames* nos quais os palavrões eram proferidos nos diálogos. Para Goffman (1974), a detecção das forças tensoras horizontais e verticais, responsáveis pela determinação do enquadramento, é possível por meio da leitura das falas de cada um dos personagens, bem como de todos os elementos que compõem as variações do *frame* examinado.

O objetivo geral desta dissertação foi examinar os palavrões do filme “Tropa de Elite - missão dada é missão cumprida”, de 2007, observando a frequência relativa de uso, seu conteúdo e funções nos diálogos, o que se pode constatar que foi alcançado. Em relação aos objetivos específicos, foram cumpridos: o registro, a anotação e a quantificação dos palavrões proferidos pelos personagens do filme; a atribuição de cada palavrão a um *frame* de conteúdo, quais sejam: referência sexual, partes do corpo, objetos repugnantes, mulheres e grupos desfavorecidos e blasfêmia; e, por fim, a classificação dos palavrões quanto aos *frames* de uso, que são: agressivo, catártico, idiomático e empático. Essa última classificação baseia-se no paradigma goffniano de que as diversas forças em tensão na cena precisam ser ponderadas para que um veredito possa ser determinado, mas nunca com a intenção de estabelecer veredictos acabados, dada a reconhecida fragilidade de um *frame*.

Este trabalho assume, pois, que o palavrão, como qualquer vocábulo, é aberto à interpretação, e seu uso em demasia no filme objeto de análise demonstra que a obra, no desejo de chegar ao ápice do realismo, os emprega com relativa constância, salientando que, em ambientes comuns aos do filme, com alta carga de pressão e estresse, palavrões têm uma incidência considerável. Isso decorre do fato de que o uso de palavrões nos filmes traz mais realismo às histórias, pois esses traduzem toda a cólera urbana por meio dos diálogos dos personagens.

Para que o escopo desta pesquisa fosse realizado a contento, a revisão de literatura pautou-se em discutir a semântica de *frames*, de modo a abranger diversificadas perspectivas sobre este tema. Por esta razão, foram discutidas as teorias que apresentam o *frame* sob um prisma estático e estrutural, finalizando com o ponto de vista do autor Erving Goffman, que aponta características contrárias aos dos seus pares e determina que os *frames* são estruturas de conhecimento condicionadas às intervenções que surgem em diferentes vertentes.

Goffman crê na suscetibilidade do *frame*, pois o mesmo se sujeita a inúmeras imposições. Essas forças em tensão que o constituem podem vir do contexto histórico, do gênero dos participantes do enquadramento, bem como da sua cultura, visão de mundo etc. Esse leque de eventos verticais e horizontais torna a definição de *frame* algo complexo e frágil, o que de maneira alguma inviabiliza seu estudo científico, dado o vasto acervo de pesquisas nesta área realizadas mundo afora. As análises desenvolvidas sobre o fenômeno do palavrão corroboram os pressupostos desta teoria, pois, mesmo examinado dentro de uma obra cinematográfica, satisfaz a premissa da variabilidade de sentidos de um vocábulo e a obrigatoriedade de um contexto para a concepção dos sentidos.

A metodologia empregada neste trabalho contou com a análise das cenas do filme “Tropa de Elite - missão dada é missão cumprida”, com criteriosa escuta e transcrição das falas em que os palavrões se fazem presentes, além da devida verificação do enquadramento dos diálogos. A seleção desse filme é decorrente da sua relevância nacional e internacional, somada aos diálogos que refletem a realidade do momento histórico no qual a película foi produzida e lançada. As falas, sempre carregadas de toda sorte de palavrões, proporcionaram à pesquisa um *corpus* constituído de um conjunto expressivo de palavrões. Após seguidas análises de todas as cenas do filme, todas as falas que contém os palavrões foram transcritas para sua posterior classificação de acordo com a categoria de *frame* da

qual fazem parte. Tanto os *frames* de conteúdo quanto os *frames* de uso foram devidamente posicionados.

“Tropa de Elite” pertence ao gênero ação, trazendo fortes cenas de violência urbana. O filme tem um ar de documentário, e destaca aspectos da relação entre policiais e criminosos e seus confrontos. Por vezes, a imagem da polícia é associada ao crime e à corrupção, mesmo assim a violência extrema, praticada explicitamente na película, divide opiniões até os dias atuais. Um importante aspecto do uso de palavrões pode ser verificado em cenas onde o mesmo palavrão é aplicado como elogio, xingamento ou em tom descontraído. Isso aponta para uma confirmação da teoria de Goffman, que diz que as transformações ou variações de um *frame* dependem das modulações que são aquelas nuances que posicionam os espectadores dentro da situação. Já as fabricações citadas pelo mesmo autor também indicam a ausência de compreensão dos significados por parte de todos os participantes do diálogo, e, quando isso acontece, o indivíduo capta várias outras evidências, a fim de se posicionar no enquadramento de forma satisfatória.

Para o desenvolvimento da pesquisa, considerou-se o papel dos sujeitos na constituição do *frame*, visto que as experiências anteriores dos indivíduos contribuem para o desenvolvimento de esquemas de interpretação das ações. É a forma com que as pessoas leem umas às outras; suas falas e a situação em si, que concretiza o que vem a ser *frame*. A partir do estudo realizado, observou-se que dos 290 palavrões coletados, o vocábulo porra possui elevada tendência de uso no filme foco da pesquisa, dado o expressivo número de 136 realizações encontradas nos diálogos entre os personagens. O conteúdo desse xingamento remete a objetos repugnantes, e relaciona-se aos eflúvios do órgão sexual masculino. Jay (2008), Preti (1984) e Pinker (2008 e 2012) corroboram que o uso de palavrões é associado predominantemente ao universo masculino, os quais empenham-se em materializar por meio da fala, os traços de seus corpos, especialmente os que são relativos à atos sexuais.

Todas as categorias de *frames* de conteúdo dessa análise foram supridas a contento na pesquisa; para o *frame* de referência sexual foram encontrados e transcritos os palavrões “fudido”, “fudida”, “fudeu”, “fudendo”, “fuder”, “fode”, “fudi”, “fodem”, “foda” e “fôda”, em um total de 29 transcrições. Seguidos das palavras com alusão à partes do corpo, que na película em estudo são os palavrões “caralho”, “cu”, “rola”, “pica” e “cuzão”, somando 53 declarações. Depois disso, analisou-se os

palavrões do *frame* de categoria mulheres e grupos desfavorecidos. Foram detectados os palavrões “nego”, “neguinho”, “preto”, “viado”, “puta(o)”, “filho (a) -da-puta”, “puta- que - o- pariu” (e suas abreviações) em um total de 34 falas dessa categoria. Posteriormente, buscou-se transcrever xingamentos aplicáveis à categoria objetos repugnantes, quais sejam “porra”, “merda” e “cagada” que juntas somaram 167 afirmações. Por último, para o *frame* de conteúdo da categoria blasfêmia foi detectado apenas uma alocação, a maldição “desgraçado”.

Os *frames* de uso dos palavrões, nesta pesquisa, foram subdivididos em catártico, empático, agressivo e idiomático. Essas categorias são balizas para a verificação das diversas nuances que um mesmo palavrão pode ter no discurso dos personagens do filme Tropa de Elite. Apenas os palavrões mais frequentes no filme analisado foram transcritos e alocados nas categorias, dessa forma, pode-se apreciar a quantidade de sentidos que eclodem durante as cenas. Foram eles; “porra”, “foder”, “caralho”, “filha(o)-da-puta”, “puta(o)” e “merda”. Todos esses palavrões se ajustaram satisfatoriamente a todos os *frames* de uso da pesquisa, com exceção do vocábulo “filho (a) - da - puta” que não inseriu-se à categoria de *frame* empático.

O estudo do palavrão faz-se necessário, por existir, no Brasil, um número relativamente baixo de pesquisas sobre esse tema. Por essa razão, a presente dissertação se ateve aos palavrões em um meio cinematográfico, para que estes pudessem ser analisados de modo fluido, constante e sistematizado. Os diálogos com palavrões extraídos da película e examinados sob o prisma da semântica de *frames*, podem servir de base para outras diversas modalidades de pesquisa com foco no uso de palavrão no português brasileiro. Assim, cabe ressaltar que os princípios goffnianos foram pertinentes para este trabalho, uma vez que Goffman (1974) sustenta que o contexto, e também a dinâmica de uma dada situação sejam responsáveis pelo estabelecimento dos significados.

Para uma acurada interpretação de um palavrão, não somente o contexto pode ser suficiente, mas também todos os elementos envolvidos na situação, tais como o tom de voz, o sexo, o gênero, as condições sociais dos interactantes, dentre outros. “Interações entre os indivíduos constituem o elemento dinâmico da situação e resultam em *frames* sendo confirmados, ignorados, alterados, transgredidos ou

interrompidos”. (PERSSON, 2019, p. 65, grifo nosso, tradução nossa)⁴⁵. O conhecimento prévio, ao qual o palavrão se refere, também integra o conjunto de normas que determina sua devida compreensão.

Observou-se, nas análises realizadas, que o palavrão é carregado de estigmas que o relega à classe de palavras consideradas de nível inferior. Preti (1984) pondera que há uma premissa de que palavrões pertençam a ambientes não cultos, predominantemente masculinos ou marginalizados. O machismo também é responsável por uma série de palavrões relativos e ofensivos às mulheres, fazendo com que estas os utilizassem menos que os homens no dia a dia. Com o passar do tempo, os palavrões se enraizaram voluntária ou involuntariamente na música, nos filmes, nas redes sociais e na arte em geral. Isso fez com que eles adquirissem tez de palavra provocadora que evoca, dentre outras coisas, o proibido e, ao mesmo tempo, o libertador.

Nesse sentido, como a linguagem está condicionada aos aspectos inerentes de uma dada situação, as muitas vozes ecoadas no *frame* refletirão na decodificação da palavra apresentada. Os personagens do filme proporcionaram um amplo olhar sobre como os sujeitos atuam de acordo com os contextos nos quais estão envolvidos. Os indivíduos se apresentam cada qual com suas demandas, valores e experiências. Essas estruturas em confronto formam a interação que resulta na situação que é a definição mais fiel de *frame*, de acordo com Erving Goffman. A exemplo, têm-se as vozes dos policiais em conflitos com as dos bandidos, e estes últimos que, por sua vez, atuam de modo controverso junto aos jovens universitários da ONG na favela, assim como a voz do capitão Nascimento em choque com os aspirantes e os criminosos dentro e fora da corporação. Como afirma Goffman (1983, p. 4, tradução nossa): “São as situações sociais que fornecem o teatro natural em que todas as exibições corporais são encenadas e em que todas as exibições corporais são lidas”⁴⁶.

Todo vocábulo situa os sujeitos através da linguagem. Isso não é sobre dar a ela um significado acabado e concreto, apesar de que, nesta pesquisa foi dada ênfase também ao conteúdo. Porém, mais do que lidar com a palavra no seu sentido cristalizado e repetitivo, é tratá-la num âmbito de ressignificação. A palavra se

⁴⁵ “Interactions among individuals make up the dynamic element of the situation, and can result in frames being confirmed, ignored, changed, transgressed, or broken down”.

⁴⁶ “It is social situations that provide the natural theater in which all bodily displays are enacted and in which all bodily displays are read”.

acomoda à realidade concreta na situação real de interlocução. Em conclusão, observa-se que este trabalho não teve como escopo fornecer verdades absolutas e acabadas, pois trata-se de uma análise centrada nos palavrões de um filme que procura refletir a realidade de policiais e traficantes situados especificamente na cidade do Rio de Janeiro. Todavia, apresentou-se uma reflexão sobre o uso do palavrão nos diálogos contemporâneos. Por isso mesmo, espera-se que esta pesquisa possa gerar novos debates a respeito da importância do estudo do palavrão no ambiente acadêmico e nas demais esferas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARTH, F. The analysis of culture in complex societies. **Ethnos**, v. 54, n. 3-4, p. 120-142, 1989. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00141844.1989.9981389>. Acesso em: 16 nov. 2020.

BARBOSA, S. M. A. D.; PINTO, F.N.P. **Dos desastres de Sofia: A importância das emoções no aprendizado de língua estrangeira**. *Entreletras*, TO, v. 7, n. 2, p. 147-163, dez./2016.

BENVENISTE, É. **Problèmes de Linguistique générale**. 1 ed. Paris: Gallimard, 1974.

CALDAS, P. O (ab)uso da palavra fascismo: a recepção de Tropa de Elite. **Viso**, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 46-56, jun./2008. Disponível em: <http://revistaviso.com.br/article/54>. Acesso em: 13 jan. 2021.

CHISHMAN, R. A visão enciclopédica dos frames semânticos. **Letrônica**, v. 12, n. 2, p. e34139-e34139, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/34139>. Acesso em: 21 set. 2020.

CIENKI, A. Frames, Idealized Cognitive Models, and Domains. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Orgs.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2017, p. 48-81.

CRYSTAL, D. **The Cambridge encyclopedia of language**. Cambridge, England: Cambridge University, 1987.

DAVIS, M. S. Contemporary Sociology, vol. 4, no. 6, 1975, pp. 599-603. **JSTOR**, 1975. Disponível em: www.jstor.org/stable/2064021. Acesso em: 03 dez. 2020.

DWORKIN, A. **Pornography: Men possessing woman**. 4 ed. Canada: Penguin Group, 1982.

ENGLER, N.; DIAS, T. Tropa de Elite - 10 anos. **Uol entretenimento**, 2017. Disponível em: <https://www.uol/entretenimento/especiais/tropa-de-elite-10-anos.htm>. Acesso em: 12 abr. 2020.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. J. Linguistics in the morning calm. **The Linguistic Society of Korea**, Korea, v. 3, n. 1, p. 111-135, jun./1982.

FISHER, K. **Advances in Frame Semantics**. 58 ed. Philadelphia - USA: John Benjamins BV, 2013.

FORD, C. E. Contingency and units in interaction. **Discourse studies**, London, v. 6, n. 1, p. 27-52, jul./2004.

GLYNN, D. **New Directions in Cognitive Linguistics**. 24 ed. USA: John Benjamins Publishing Company, 2009. p. 77-98.

GOFFMAN, E. **The presentation of self in everyday life**. New York: Anchor Books, 1959.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual: Essays on face-to-face behavior**. New York: Anchor Books, 1967.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis: An Essay on the organization of experience**. 1 ed. Boston: Northeastern University Press, 1974.

GOFFMAN, E. Gritos de resposta. **Linguagem**, p. 787-815, 1978. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/413235>. Acesso em: 13 ago. 2020.

GOFFMAN, E. The interaction order: American Sociological Association, 1982 presidential address. **American sociological review**, v. 48, n. 1, p. 1-17, 1983a. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2095141>. Acesso em: 13 ago. 2020.

GOFFMAN, E. Felicity's condition. **American journal of sociology**, v. 89, n. 1, p. 1-53, 1983b. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/227833>. Acesso em: 13 ago. 2020.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. 1 ed. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOODENOUGH, F. L. **Anger in young children**. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1931.

GUÉRIOS, M. **Tabus Linguísticos**. Rio de Janeiro: Simões, 1956.

GUÉRIUS, M. **Tabus Linguísticos**. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1979.

GUIRAUD, P. **Les gros mots**. 2 ed. Paris, PUF, 1976.

HEINS, M. **Not in front of the children: Indecency, censorship, and the innocence of youth**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2007.

HOPPER, P. The openness of grammatical constructions. *In: Proceedings from the Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago Linguistic Society, 2004. p. 153-175. Disponível em: <https://www.ingentaconnect.com/content/cls/pcls/2004/00000040/00000002/art00010>. Acesso em: 12 nov. 2020.

JAY, T. **Cursing in America**. Philadelphia: John Benjamins, 1992.

JAY, T. **Why we curse**. Philadelphia: John Benjamins, 2000.

JAY, T. B. American women, their cursing habits and religiosity. *In*: JULE, A. (Ed.) **Women, religion, and language**. New York: Palgrave-Macmillan, 2005. p. 63-84.

JAY, T.; JANSCHWITZ, K. **A pragmática de xingar**. 2008. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/JPLR.2008.013/html>. Acesso em: 14 maio 2021.

JAY, T. The Utility and Ubiquity of Taboo Words. **Perspectives on Psychological Science**, Los Angeles, v. 4, n. 2, p. 153-161, maio/2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1111/j.1745-6924.2009.01115.x>. Acesso em: 21 abr. 2020.

LAKOFF, G. Don't think of, An Elephant! Know Your Values and Frame the Debate: The Essential Guide for Progressives. **White River Junction: Chelsea Green Publ**, 2004.

LAKOFF, G.; WEHLING, E. **The Little Blue Book**: The Essential Guide to Thinking and Talking Democratic. 1 ed. New York: Free Press, 2012.

LANGACKER, R. W. Conceptualization, symbolization, and grammar. **The neuropsychology of language: Cognitive and functional approaches to linguistic structure**, Englewood Cliffs, v. 1, n. 1, p. 1-39, set./1995.

MABRY, E. A. Dimensions of profanity. **Psychological Reports**, v. 35, n. 1, p. 387-391, 1974. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.2466/pr0.1974.35.1.387>. Acesso em: 14 maio 2021.

MINSKY, M. A Framework for Representing Knowledge. **MIT-AI Laboratory Memo 306**, New York: McGraw-Hill, v. 1, n. 2, p. 1-45, 1974.

MORATO, E. M. **Linguagem e cognição as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem**. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

MORATO, E. M. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 4, p. 93-113, 2010.

NUNES, J. H. Interacionismo simbólico e movimentos sociais: enquadrando a intervenção. **Revista Sociedade e Estado**, Goiás, v. 28, n. 2, p. 257-277, abr./2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922013000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 25 nov. 2020.

OAB SP. **Cine debate exhibe Tropa de Elite**. 2012. Disponível em: <https://www.oabsp.org.br/noticias/2012/11/01/8334>. Acesso em: 14 jun. 2020.

PAN, Z.; KOSICKI, G. M. Framing analysis: An approach to news discourse. **Political communication**, v. 10, n. 1, p. 55-75, 1993. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10584609.1993.9962963>. Acesso em: 14 nov. 2020.

PERSSON, A. **Framing Social Interaction Continuities and Cracks in Goffman's Frame Analysis**. 1 ed. New York: Routledge, 2019.

PERSSON, A. **Framing Social Interaction Continuities and Cracks in Goffman's Frame Analysis**. 1. ed. New York: Routledge, 2019. p. 1-127.

PETRUCK, M. Frame Semantics. **Handbook of Pragmatics**, Amsterdam, v. 1, n. 2, p. 1-6, mar./1996.

PINHEIRO, D.; ALONSO, K. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou). **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 6-26, ago./2018. Disponível em: https://www.academia.edu/download/57368074/30_anos_ou_mais_de_gramatica_de_construcoes.pdf. Acesso em: 14 nov. 2020.

PINKER, S. What the F***?: Why we curse. **The Harvard Brain**, Cambridge, v. 15, n. 1, p. 20-24, mar./2008.

PINKER, S. **Do que é feito o pensamento**: A língua como janela para a natureza humana. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

PRETI, D. **A Gíria**: E Outros Temas. 6 ed. São Paulo: T.A Queiroz, 1984.

REESE, S. D. The framing project: Um modelo de ponte para a pesquisa de mídia revisitado. **Jornal de comunicação**, v. 57, n. 1, p. 148-154, 2007. Disponível em: <https://academic.oup.com/joc/article-abstract/57/1/148/4102653>. Acesso em: 5 abr. 2021.

SWAN, M. **Practical English Usage**. 3 ed. New York: Oxford University Press, 2005.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Interactive frames and knowledge schemas in interaction: Examples from a medical examination/interview. **Social psychology quarterly**, p. 205-216, 1987. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2786752>. Acesso em: 12 abr. 2021.

VALENTE, E. Tropa de Elite, de José Padilha (Brasil, 2007). **Cinética, cinema e crítica**, 2007. Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/tropadeelite.htm>. Acesso em: 25 abr. 2021.

VAN DIJK, V. Semantic - Macro - Structures and Knowledge Frames in Discourse Comprehension. **Cognitive Processes in Comprehension**, New York, v. 1, n. 1, p. 3-31, jul./1977.

VELHO, G. Goffman, mal-entendidos e riscos interacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 68, p. 145-198, mai./2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/>. Acesso em: 3 nov. 2020.

WARDHAUGH, R. **An Introduction to Sociolinguistics**. 6 ed. Wiley Blackwell: British, 2010.

WELLS, J. W. Sexual language usage in different interpersonal contexts: A comparison of gender and sexual orientation. **Archives of Sexual Behavior**, v. 18, n. 2, p. 127-143, 1989. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01543119>. Acesso em: 14 maio 2021.

WOLFGANG, I. Der Zwang zur Kategorienbildung: Probleme de Anwendung der Construction Grammar bei der Analyse gesprochenener Sprache. **Gesprächsforschung**, Berlin, v. 8, n. 1, p. 22-41, set./2007. Disponível em: <http://www.gespraechsforschung-online.de/fileadmin/dateien/heft2007/ga-imo.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.